

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM
HISTÓRIA

Fabiano Dias Azevedo

FREI BETTO: BIOGRAFIA E MEMÓRIA

Niterói
2018

FABIANO DIAS AZEVEDO

LINHA DE PESQUISA
IDEOLOGIA E POLÍTICA

FREI BETTO: BIOGRAFIA E MEMÓRIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, campus Niterói, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Professor Doutor Marcelo Timotheo da Costa

NITERÓI

2018

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universo
Campus Niterói

A994f Azevedo, Fabiano Dias.

Frei Betto: biografia e memória / Fabiano Dias
Azevedo. – Niterói, 2018.

123 p.

Bibliografia: p. 121-123.

Dissertação apresentada para obtenção do título de
Mestre em História - Universidade Salgado de Oliveira,
2018.

Orientador: Dsc. Marcelo Timotheo da Costa.

1. Brasil - História. 2. Betto, Frei, 1944 - . 3.
Escritores brasileiros - Biografia. 4. Igreja Católica -
Clero - Biografia. 5. Dominicanos - Brasil - Atividades
políticas. 6. Igreja Católica - Brasil - História - Séc. XX.
7. Cristianismo e política - Brasil - História - Séc. XX. I.
Título. II. Subtítulo: Biografia e memória.

CDD 981

Bibliotecária: Elizabeth Franco Martins CRB 7/4990

FABIANO DIAS AZEVEDO

“FREI BETTO: MEMÓRIA, RELIGIOSIDADE E AÇÃO SOCIAL”

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 13 de dezembro de 2018 pela banca examinadora, composta pelos professores:



Prof. Dr. Marcelo Timotheo da Costa

Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



Prof. Dr. Leandro Garcia Rodrigues

Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)



Prof.ª Dr.ª Christiane Jalles de Paula

Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Dedico este trabalho a todas as pessoas que não deixaram morrer as utopias e no peito carregam a esperança de um mundo melhor.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que participaram do difícil e prazeroso processo de construção desta dissertação de mestrado. Agradeço a Universidade Salgado de Oliveira e ao Programa de Pós- Graduação em História pela oportunidade de me desenvolver através das pertinentes aulas e escrita do texto. Os eventos que tive a alegria de participar também foram fundamentais para o meu crescimento intelectual e profissional. Agradeço a coordenadora Professora Doutora Márcia Amantino por sua disponibilidade e auxílio. Agradeço de forma especial ao meu orientador Professor Doutor Marcelo Timotheo da Costa por sua dedicação, apoio, companheirismo e amizade que tenho certeza, guardarei na memória. Desejo agradecer a todos os companheiros de mestrado que dividiram comigo as aulas deste competente corpo docente.

Não posso deixar de agradecer a minha família, especialmente a minha esposa Denise por sua eterna paciência e companheirismo. Agradeço também aos meus irmãos (Fábio e Júnior), a minha mãe (Norma), a minha cunhada (Flávia) e aos meus sobrinhos (João e Gabriel). O amor deles me move todos os dias da minha vida.

Por fim, quero agradecer ao meu pai (Nildo Rangel de Azevedo), o meu eterno Companheiro de Viagem, ao qual dedico todo o esforço destas linhas.

Resumo

Esta dissertação de mestrado tem por objetivo principal discutir a construção da memória nas obras de Frei Betto, destacando a religiosidade e o agir no mundo deste importante intelectual brasileiro. Para isso, descrevemos a biografia do dominicano desde a infância até a vida adulta, salientando dois marcos principais: o ingresso na JEC (Juventude Estudantil Católica) e o período em que Frei Betto esteve preso, durante a ditadura militar no Brasil. Neste trabalho, uma obra de Frei Betto denominada *Batismo de Sangue, os dominicanos e a morte de Carlos Marighella* foi analisada. Não é fácil selecionar somente um trabalho de Betto, pois trata-se de autor de ampla e variada produção editorial. A obra citada foi escolhida devido à sua importância histórica, pois interpreta fato fundamental relacionado ao passado da Ordem Dominicana em nosso país. Por fim, comparamos outra obra memorialística de Frei Betto, *Típicos Tipos – coletânea de perfis literários*, com um livro de Alceu Amoroso Lima, *Companheiros de Viagem*, buscando as semelhanças e as diferenças entre os dois trabalhos, de maneira que a construção da memória nas obras de Frei Betto fossem destacadas.

Palavras-chave: Frei Betto, memória, biografia e religiosidade.

Abstract

This dissertation has as objected main to debate the formation gives memory we written in Frei Betto, highlighting the religiosity and the politics performance of this important brasilian intelectual. For this, we describe the biography of Frei Betto, since the childhood to the adulthood, highlighting two special moments: the meeting with the JEC (Juventude Estudantil Católica) and the period at prison, during the military government in Brazil. In the dissertation was analyzed tho book of Frei Betto denominated *Batismo de Sangue, os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Select one book of Frei Bett it is not easy, because he is writer with great and varied editorial production. The book was chosen because is historically importante, because describe fundament event related to history of brazilian religions. Other book of Frei Betto, *Típicos Tipos – coletânea de perfis literários*, was compared with the book of Alceu Amoroso Lima, *Companheiros de Viagem*, searching the similarities and the differences in between the two literary works, for what the development from memory in the written of Frei Betto were highlighted.

Keywords: Frei Betto, memory, biography e religiosity.

Sumário

Introdução	1
Capítulo I – Frei Betto: biografia e religiosidade	4
1.1 Frei Betto: biografia.....	4
1.2 Frei Betto: religiosidade.....	30
Capítulo II – Análise do conceito de memória a partir da obra Batismo de Sangue – os dominicanos e a morte de Carlos Marighella.....	36
2.1. O conceito de memória.....	36
2.2 Análise da obra <i>Batismo de sangue – os dominicanos e a morte de Carlos Marighella</i>	49
2.3. À guisa de conclusão (parcial)	79
Capítulo III – Os companheiros de viagem de Alceu Amoroso Lima e os típicos tipos de Frei Betto.....	80
3.1. Análise comparativa entre as obras <i>Companheiros de Viagem</i> de Alceu Amoroso Lima e <i>Típicos Tipos</i> de Frei Betto.....	80
3.2. Companheiros de Viagem de Alceu Amoroso Lima.....	96
3.3. Os típicos tipos de Frei Betto.....	102
Conclusão.....	118
Bibliografia.....	121

*“Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas” (Gonzaguinha)*

Introdução

Escolher o tema que se irá pesquisar na dissertação de mestrado não é tarefa das mais simples. Geralmente se faz por afinidade ou, em alguns casos, por aversão ao objeto de estudo. No nosso caso, ficamos com a primeira hipótese. Desde o início, entendemos que era grande o desafio de pesquisar e escrever sobre a obra do frade dominicano e militante social brasileiro Frei Betto. Aceitamos o desafio por estarmos convencidos da relevância da presença de Frei Betto na praça pública nacional, no universo político e também em sua Igreja, dada a ligação desse personagem com a Teologia da Libertação.

Frei Betto é autor com vastíssima e variada produção literária. Este foi o primeiro obstáculo a ser superado. Como delimitar tema específico para intelectual que escreve sobre tão diferentes temas? A maioria dos livros de Frei Betto disserta sobre religiosidade e política. Porém, há também obras sobre assuntos variados, como, por exemplo: culinária, ciências, sexualidade, romances e literatura infantil.

A quantidade de livros publicados também tornou difícil a seleção bibliográfica. Frei Betto possui muitas obras editadas no Brasil e no exterior. A grande maioria escrita de próprio punho, mas, outras em parceria com renomados autores brasileiros e estrangeiros. Para explicar a sua enorme produção escrita, Betto afirma que dedica um terço do ano aos livros. Para isso, fica isolado em propriedades de amigos, escrevendo quase o dia inteiro. Quando lhe falta inspiração para escrever, Betto diz recorrer a alguma obra do escritor brasileiro Machado de Assis e assim, consegue retomar a sua produção literária¹.

Devido às dificuldades relatadas acima, decidimos concentrar a pesquisa em três temas específicos ligados a obra de Frei Betto: memória, religiosidade e agir social. Ou seja, buscamos na pesquisa que ora se inicia entender como Betto constrói o seu passado e como suas memórias formaram a personalidade do dominicano, marcada por forte religiosidade, identificada às causas sociais. E como tal “construção de si”, muito marcada por determinada eclesiologia cristã progressista, motivou a atuação pública do frade Betto, bem como determinada projeção de futuro realizada por ele. Entendemos

¹Frei Betto relatou a leitura inspiradora das obras de Machado de Assis em várias entrevistas.

que para alcançarmos o nosso objetivo, a leitura de vasta bibliografia – de obras de Frei Betto e de outros autores que se relacionem ao tema – será necessária.

Para darmos conta da análise desejada, dividiremos esta dissertação em três capítulos: o primeiro dedicado a apresentar Frei Betto aos leitores, o segundo tendo como debate principal o conceito de memória e o terceiro com exemplos específicos de construção memorialística.

No primeiro capítulo, utilizaremos como base a obra de Frei Betto intitulada *Alfabetto – Autobiografia escolar*², que foi publicada no ano de 2002. Neste livro, Betto relembra sua trajetória escolar, desde a educação infantil, até ingressar no ensino universitário. Ao revisarmos a biografia de Frei Betto, daremos destaque a dois momentos importantes de sua história: o ingresso na Juventude Estudantil Católica (JEC) e o período em que esteve preso pela segunda vez, durante a ditadura militar.

Escolhemos estes acontecimentos, pois, entendemos que foram cruciais na formação da personalidade do dominicano. A JEC, movimento estudantil ligado a Ação Católica, apresentou a Betto outro tipo de religiosidade, menos moralista e voltada para as transformações sociais e que acompanha nosso autor até os dias atuais. Em outras palavras, entendemos que o encontro com a JEC corresponde à uma espécie de segunda conversão religiosa de Betto, que já cultivava a fé católica desde tempos mais antigos. Já o período na prisão, segundo o próprio Betto³, transformou o dominicano em autor. O psicanalista Hélio Pellegrino⁴, amigo de Frei Betto, afirmava que foi o ato de escrever que permitiu que o dominicano mantivesse a sanidade mental, no período em que esteve preso.

O segundo capítulo deste trabalho será dedicado à análise do conceito de memória. Para isso, dividiremos o capítulo em duas partes – a primeira mais teórica e a segunda procurando ver à memória sendo construída na prática. Como base teórica, analisaremos com cuidado os estudos de três importantes intelectuais que se dedicaram ao tema: Jacques Le Goff, David Lowenthal e Gilberto Velho. A construção da memória será identificada no livro *Batismo de Sangue – os dominicanos e a morte de*

²BETTO, Frei. *Alfabetto – Autobiografia escolar*. Ed. Ática, São Paulo, 2002.

³Conceito defendido por Frei Betto no livro *O ofício de escrever*. Ed. Anfiteatro, 1ª edição, RJ, 2017.

⁴O psicanalista Hélio Pellegrino é uma das maiores referências intelectuais de Frei Betto.

*Carlos Marighella*⁵, de autoria do próprio Frei Betto. Esta obra foi selecionada devido à importância do período analisado – a ditadura militar no Brasil – e, por seu objetivo principal: defender os frades dominicanos das acusações de serem traidores do líder guerrilheiro Carlos Marighella, da Igreja e dos movimentos esquerdistas brasileiros.

O último capítulo desta dissertação fará trabalho de comparação. Desejamos nesta parte da pesquisa analisar memórias direcionadas a personagens que foram fundamentais na formação das personalidades dos autores das obras em questão. Assim, dentro dos escritos de Frei Betto, selecionamos o livro *Típicos Tipos*⁶. A obra é coletânea de homenagens que Betto fez a pessoas que, de alguma forma, marcaram sua trajetória de vida. Por representar tipo específico de memória, buscamos comparar *Típicos Tipos* com obra que lhe tenha semelhanças. Por isso, selecionamos livro precedente, do intelectual e líder católico brasileiro Alceu Amoroso Lima, denominado *Companheiros de Viagem*⁷.

Tanto *Típicos Tipos* quanto *Companheiros de Viagem* descrevem pessoas que foram importantes para os autores das obras, Frei Betto e Alceu Amoroso Lima. Por isso, entendemos que estes textos são importantes exemplos de memórias que formam identidades.

Acreditamos que tanto Alceu quanto Betto selecionaram personagens que encarnaram qualidades que lhes são caras. Ou seja, as pessoas escolhidas, ajudaram, de alguma forma, os autores a formarem as suas personalidades. Porém, somente a análise cuidadosa das obras nos permitirá confirmar a hipótese ora levantada.

O certo é que Alceu Amoroso Lima e Frei Betto foram amigos de longa data. Trocaram confidências⁸ desde os tempos em que Betto esteve na prisão e mantiveram mútua admiração por muitos anos. Por isso, podemos propor que *Típicos Tipos* é obra inspirada em *Companheiros de Viagem*. Porém, também devem existir diferenças que só a análise minuciosa destas obras poderá revelar. Logo, assim como as semelhanças, particularidades de *Típicos Tipos* e *Companheiros de Viagem* também serão procuradas e, se encontradas, reveladas no último capítulo desta dissertação.

⁵BETTO, Frei. *Batismo de Sangue. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Ed. Bertrand Brasil – RJ, 1987.

⁶BETTO, Frei. *Típicos Tipos – coletânea de perfis literários*. Ed. A Girafa – SP – 2004.

⁷AMOROSO LIMA, Alceu. *Companheiros de Viagem*. Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1971.

⁸Para maiores informações, consultar a obra *Cartas de Esperança em Tempos de Ditadura*. Organização, introdução e notas de Leandro Garcia Rodrigues. Editora Vozes, Petrópolis, 2015.

Capítulo I – Frei Betto: biografia e religiosidade

1.1 Frei Betto: biografia

Eu sou discípulo de um preso político. Jesus não morreu nem de hepatite na cama e nem de desastre de camelo numa esquina de Jerusalém. Foi preso, torturado e julgado por dois poderes políticos.⁹

Carlos Alberto Libânio Christo, mais conhecido como Frei Betto, é autor brasileiro com mais de sessenta livros publicados no Brasil e no exterior. Mesmo sabendo tratar-se de um pensador amplamente conhecido, entendemos que uma apresentação mais detalhada se faz necessária.

Frei Betto nasceu na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, no dia 25 de Agosto de 1944. Betto foi o segundo dos oito filhos do casal Antônio Carlos Vieira Christo¹⁰, jornalista, juiz de direito e vereador da câmara de Belo Horizonte e Maria Stella Libanio Christo, escritora e culinária, autora do clássico *Fogão de Lenha - 300 anos de cozinha mineira*¹¹.

Frei Betto afirma que desde criança, viveu num lar, marcado pela religiosidade e pela política. Sua mãe era católica, participava dos movimentos estudantis e lia diversos autores cristãos progressistas¹². Já seu pai, anticlerical declarado, escrevia artigos em jornais e envolvia-se nas questões políticas de sua época¹³. Fruto de família de classe

⁹ Essa resposta, dada numa entrevista ao médico Drauzio Varella, aparece constantemente na fala de Frei Betto, principalmente quando ele quer explicar a articulação entre espiritualidade e ação política. Para Frei Betto, esse binômio simplesmente não existe. Tanto é assim que ele costuma inverter a questão: como alguém pode ter fé e não questionar a realidade caótica em que se vive, formada de injustiça, opressão e exclusão social.

¹⁰ Antônio Carlos foi eleito o vereador mais jovem de Belo Horizonte.

¹¹ STELLA, Maria Libanio Christo. *Fogão de Lenha – 300 anos de cozinha mineira*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1978.

¹² A mãe de Betto integrava a Ação Católica. Desde muito jovem, lia autores como Jacques Maritain e Emmanuel Mounier. Porém, o pai de Betto pertencia a partido político conservador – a UDN. Frei Betto não relata em suas memórias, mas, provavelmente os diferentes posicionamentos – políticos e religiosos – deveriam estabelecer conflitos no ambiente familiar.

¹³ Frei Betto afirma que: “(...) desde criança eu sonhava em ser escritor. Meu pai, Antônio Carlos Vieira Christo, colaborou com os principais jornais de Belo Horizonte ao longo de 40 anos. Escrevia crônicas. Minha mãe, Maria Stella Libanio Christo, publicou seis livros de culinária, entre os quais se destaca *Fogão de Lenha – 300 anos de cozinha mineira*. Na minha cabeça, tornar-me escritor estava muito acima de minhas possibilidades e capacidades. Como muitos adolescentes, escrevia contos, crônicas, poemas. E

média mineira, Frei Betto constantemente identifica no pai a origem da sua ligação com a política. No livro *O que a vida me ensinou*, obra memorialística, o autor mineiro afirma:

Nasci atolado nessa coisa chamada política. Meu pai em casa e na rua, não falava de outro assunto. Opinava, debatia, discutia, propunha. Odiava o Juscelino. Minha mãe achava-o charmoso, mas ficava calada. UDN era a sigla do meu pai: União Democrática Nacional. Partido nascido nos estertores da ditadura getulista. Meu pai inclusive assinou o Manifesto dos Mineiros contra o ditador. Em represália, perdeu o emprego no Rio e viu-se obrigado a retornar a Minas. Guardou pelo resto da vida o orgulho de haver colocado seu jamegão naquele manifesto¹⁴.

Quem olha Frei Betto na atualidade, pode imaginar que ele desde pequeno manifestou pensamento crítico frente à sociedade capitalista. Muito pelo contrário, na sua infância, ele agradecia aos Estados Unidos por terem livrado o mundo do perigo comunista. Tal convicção brotou das leituras que fazia dos jornais *O Globo e Tribuna da Imprensa*. Além disso, devorava livros da editora Saraiva que narravam de maneira pejorativa às ações dos socialistas no continente europeu. Nestas edições, Betto tinha contato com supostas torturas, massacres e ataques a igrejas realizados por militares soviéticos¹⁵.

No livro *Alfabetto autobiografia escolar*¹⁶, Frei Betto afirma que, em 1959, fez o seu primeiro e único texto contra o socialismo. Uma redação com argumentos contrários às relações diplomáticas do Brasil com a União Soviética. Naquele mesmo ano, o jovem Betto teve o seu primeiro contato com a JEC (Juventude Estudantil Católica)¹⁷. Tal fato realizou, segundo Betto¹⁸, uma revolução em seu modo de pensar, contrariando frontalmente as suas referências paternas, altamente anticlericais e anticomunistas.

lia muito. Havia em casa sortida biblioteca. Meu pai tinha duas manias de compras: padarias e livraria”. Frei Betto. *O que a vida me ensinou*. 1ª edição, Ed. Saraiva, SP, 2013, p. 32 e 33.

¹⁴ FREI BETTO, op. cit. p.13

¹⁵ Não podemos deixar de mencionar a influência conservadora paterna na construção desta visão de Betto e nas leituras que fazia enquanto criança.

¹⁶ BETTO, Frei. *Alfabetto – Autobiografia escolar*. Ed. Ática, São Paulo, 2002.

¹⁷ A JEC fez parte de um momento de especialização da ação social da Igreja Católica que procurava alcançar diversas esferas da sociedade. A ideia de uma Ação Católica especializada gerou as seguintes ramificações: JAC (Juventude Agrária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JIC (Juventude Independente Católica), JOC (Juventude Operária Católica) e JUC (Juventude Universitária Católica).

¹⁸ FREI BETTO, op. cit.

Frei Betto pertence à geração que tinha vinte e poucos anos na década de sessenta. Aqueles jovens¹⁹ vibraram com a Revolução Cubana, de Fidel Castro e Che Guevara, que derrubou a ditadura de Fulgêncio Batista. Também se empolgaram com a resistência dos vietnamitas aos Estados Unidos, além do movimento hippie, que pregava a paz, o amor e a liberdade sexual²⁰. Viviam entorpecidos pelo altruísmo de figuras como Néelson Mandela e Gandhi. Desejavam mudar o mundo e não aceitavam uma sociedade marcada pela fome, miséria e exclusão social²¹. No livro *Paraíso Perdido - Viagens ao mundo socialista*²², no qual relata suas viagens aos países socialistas, onde procurava desenvolver o diálogo entre o Estado e a Igreja, Frei Betto fala da influência da Revolução Cubana na sua geração:

A Revolução Cubana é um dos mitos da minha geração. A imagem dos guerrilheiros de Sierra Maestra, com suas barbas, botas e uniformes verde-oliva, nutriu os ideais políticos do movimento estudantil da década de 1960. Acreditávamos que a história, implacável mestra e generosa mãe, nos oferecia a oportunidade de derrotar o imperialismo estadunidense; convicção reforçada na década de 1970 pela vitória dos vietcongs de Ho Chi Minh sobre as tropas da maior potência bélica e econômica do planeta. (...) Se Cuba pôde, por que não poderíamos? Éramos jovens como os militantes do Movimento 26 de Julho e, desde 1964, tínhamos no Brasil uma ditadura tão cruel e corrupta quanto a de Fulgêncio Batista²³.

No campo religioso, a década de sessenta foi marcada pela realização do Concílio Vaticano II (convocado por João XXIII em 1959 e realizado entre 1962 e 1965)²⁴. O Vaticano II deu abertura à formação de um diálogo da Igreja com a

¹⁹ Parte da juventude brasileira possuía visão progressista da sociedade, alinhada à busca da superação do capitalismo. Não podemos esquecer que o mundo vivia o auge da Guerra Fria e que, boa parte dos jovens brasileiros, apoiavam o capitalismo e mantinham postura conservadora perante a sociedade.

²⁰ Um marco significativo da ascensão da cultura hippie foi o festival de música de Woodstock que aglutinou aproximadamente 500 mil pessoas na cidade de Bethel nos Estados Unidos. O festival que durou três dias foi um símbolo dos anos sessenta. Em plena guerra fria os jovens gritavam contra o modelo consumista norte-americano, o “american way of life”, a participação dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã e a bipolarização mundial entre capitalistas e socialistas.

²¹ Na obra *Reinventar a vida*, Frei Betto também fala da influência dos anos sessenta sobre a sua geração. “Naquele tempo, afirma Betto, igrejas, movimentos sociais e partidos políticos norteavam horizontes da sua geração. A Igreja Católica através da Ação Católica e da Pastoral da Juventude formava jovens impregnados de valores éticos e de desejo por justiça social. Os movimentos sociais, principalmente os de alfabetização popular por meio do método Paulo Freire, aproximavam a juventude dos mais necessitados e os partidos políticos lhes dava criticidade e coragem para enfrentar a ditadura militar e o imperialismo estadunidense” – BETTO, Frei. *Reinventar a vida*. Ed. Vozes, Petrópolis, 2014, p.23 e 24.

²² BETTO, Frei. *Paraíso Perdido. Viagens ao mundo socialista*. Ed. Rocco. 1ª ed. Rio de Janeiro, 2015.

²³ FREI BETTO. Op. cit., p.37.

²⁴ Para Alceu Amoroso Lima, o Papa João XXIII teve um pontificado marcado pela verdade, a busca pela unidade e a paz. Para o intelectual brasileiro, o pontífice, mesmo tendo um curto período no trono da Igreja, deixou marcas profundas de coragem, fé e simplicidade de coração – muito característicos do discípulo amado ao qual o seu nome representava. Segundo Amoroso Lima: “Nunca um Papa deixou, em tão poucos anos, marca tão profunda de sua passagem pela cátedra de Pedro, do que esse camponês

modernidade, antes vista como nociva para os cristãos. Assim, houve uma maior participação de leigos no catolicismo²⁵. O objetivo principal era influenciar a sociedade urbana e industrial que se constituía. No ano de 1968, na Cidade de Medellín, na Colômbia, realizou-se a II Conferência dos Bispos da América Latina. Neste encontro, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)²⁶ foram apontadas como instrumentos pastorais para uma atuação preferencial junto aos pobres. Desenvolveu-se também a Teologia da Libertação²⁷. Esta, apoiada em experiências produzidas anteriormente na Ação Católica, no Movimento de Educação de Base – MEB²⁸ e em outros setores cristãos reformistas, consolidava atividade pastoral intimamente ligada aos problemas enfrentados pelos menos favorecidos²⁹.

No início da juventude, Frei Betto tornou-se membro da União Municipal dos Estudantes Secundários de Belo Horizonte e logo depois fez parte da direção nacional da JEC (Juventude Estudantil Católica). Para os militantes dos movimentos estudantis cristãos, o objetivo principal era revolucionar a sociedade brasileira através do

bergamasco de quem nada se esperava ao ser eleito sucessor de Pio XII.” AMOROSO LIMA, Alceu. *João XXIII*. Editora Livraria José Olympio. Rio de Janeiro, 1966, p. 218.

²⁵ “A novidade do Concílio Vaticano II é que ele não quis ser rígido e enfatizar a disciplina. Para comparar com o Concílio de Trento (1545-1563), podemos dizer que Trento foi muito mais disciplinar, confessional, enquanto o Vaticano II chega a dizer que a Igreja tem de aprender com o mundo (em termos de governo democrático etc.). Foi um concílio muito aberto, que buscou sintonia com o mundo moderno” (entrevista concedida pelo frei dominicano Carlos Josaphat a Juvenal Savian Filho, da *Revista Cult*. A entrevista pode ser consultada em: https://revistacult.uol.com.br/home/por_uma_etica_mundial_da_esperanca)

²⁶ Segundo Frei Betto: “As comunidades eclesiais de base (CEB’s) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural, por iniciativa de leigos, padres ou bispos .As primeiras surgiram por volta de 1960, em Nísia Floresta, arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores ou em Volta Redonda, segundo outros”. Esta definição pode ser encontrada em: Betto, Frei. *O que é comunidade eclesial de base*. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1981. P.16.

²⁷ O teólogo brasileiro Leonardo Boff afirmou que: “Em 1971 Gustavo Gutiérrez publicara no Peru seu livro fundador *Teologia da Libertação.Perspectivas*. Eu publicava também em 1971 em forma de artigos, numa revista de religiosas – *Grande Sinal* – para escapar da repressão militar o meu *Jesus Cristo Libertador*, depois lançado em livro. Ninguém sabia um do outro. Mas estávamos no mesmo espírito. Desde então surgiram três gerações de teólogos e teólogas que se inscrevem dentro da Teologia da Libertação. Hoje ela está em todos os continentes e representa um modo diferente de fazer teologia, a partir dos condenados da Terra e da periferia do mundo (...)”. Esta citação pode ser verificada em: leonardoboff.wordpress.com.

²⁸ Frei Betto atuou algumas vezes como alfabetizador popular utilizando o método Paulo Freire. Dois exemplos de sua atuação são, durante a sua juventude, na Fábrica Nacional de Motores – FNM, no Rio de Janeiro, onde ajudou alfabetizar operários e após sair da prisão, em Vitória, no Espírito Santo, onde atuou junto a moradores de comunidades carentes da capital capixaba.

²⁹ As CEBs nasceram numa conjuntura sociopolítica marcada pelo regime militar autoritário e pelo consequente fechamento dos canais de participação política. Reagindo contra ele em nome dos direitos humanos, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) deu cobertura institucional às CEBs e às pastorais (Indigenista, da Terra, Operária, da Juventude), mais sujeitas à repressão policial militar. Assim, nos anos 1970 e no início da década seguinte muitos setores sociais encontraram nas CEBs seu espaço de atuação política, embora elas não deixassem de serem espaços propriamente religiosos (Pedro A. Ribeiro de Oliveira, fontes: BOFF, C. Comunidades; BOFF, L. Eciesiogênese; CNBB. Comunidades; TEIXEIRA, F. Encontros. In: CDOC-FGV)

evangelho. Eles deviam atacar as misérias causadas pelas desigualdades sociais e através do método “ver, julgar e agir”³⁰ procuravam articular a vida cristã com o engajamento político. Em síntese: “para as juventudes católicas, o cristão deveria ser “engajado”, o que significava estar compromissado com a transformação da sociedade – apresentada como desigual e injusta – em que vivia”³¹.

Para Frei Betto, a JEC lhe atraiu por se tratar de um movimento secreto³². A sensação de perigo levou-o a sentir-se atraído pelas reuniões jecistas. Relatando o seu primeiro encontro com Frei Chico, um dos responsáveis pela JEC mineira, Betto disse que o religioso:

Explicou-me que a JEC era um dos movimentos especializados da Ação Católica. Não separava política e religião. A cidadania caminhava de mãos dadas com a espiritualidade. O cristão tinha que buscar a revolução. A Ação Católica visava integrar os leigos ao trabalho de evangelização da Igreja. Sua semente fora a JOC-Juventude Operária Católica-, iniciativa de um belga, o padre Cardjin, que procurou responder ao que o papa Pio XI considerou o grande escândalo da Igreja no século anterior: a perda da classe trabalhadora³³.

O jovem Betto passou a frequentar constantemente as reuniões da JEC. A sua primeira missão foi fundar um grêmio estudantil na tradicional escola católica em que estava matriculado, o Colégio Marista Dom Silvério. Mesmo contra a vontade dos padres, ele e seus companheiros conseguiram formar a agremiação estudantil.

Em outra oportunidade, os alunos tinham que fazer uma entrevista para pôr no mural da escola. Ao invés de buscar referências em algum professor ou diretor, eles preferiram entrevistar o senhor Jorge que limpava os banheiros do colégio. Durante as

³⁰Segundo Frei Betto: “O movimento adotava o mesmo método de toda a Ação Católica: Ver, julgar e agir. As reuniões dos núcleos se iniciavam por uma análise da realidade. O ver. Analisar o que se passava na escola, a situação do movimento estudantil, as conjunturas da cidade, do país, do mundo. Em seguida, o julgar: à luz da palavra de Deus, da doutrina da Igreja Católica, quais desafios a realidade apresentava. Por fim, o agir: o que fazer, como, quando e onde. Foi este método que aproximou muitos cristãos da Ação Católica e, mais tarde, a Teologia da Libertação do marxismo. Como analisar a sociedade capitalista sem as ferramentas críticas forjadas por Marx e Engels? Até hoje esse método me facilita a vida” (FREI BETTO, op. cit., p. 17).

³¹COSTA, Marcelo Timotheo da. *Operação Cavalo de Tróia: a Ação Católica Brasileira e as experiências da Juventude Estudantil Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC)*. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (org.). *As Esquerdas do Brasil. Nacionalismo e Reformismo Radical (1945-1964)*. 1ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v2, p. 433-450.

³²Na obra o que a vida me ensinou, Frei Betto afirma: “A JEC era meio clandestina. Foi o que me atraiu. Aos 13 anos eu andava entretido com Conan Doyle e Agatha Christie. Adorava mistérios. A JEC se cercava toda de mistérios. Ninguém, no meio estudantil, identificava um jecista. Só um sabia da existência do outro. Como na Máfia. Cosa Nostra.” (FREI BETTO, op. cit., p. 13). Esta afirmativa do autor causa espanto, pois a JEC era, naquela época, um movimento da Ação Católica muito conhecido em nosso país.

³³FREI BETTO, op. cit., p.134 e 135.

conversas, o entrevistado disse que era morador de uma favela e que era pai de sete filhos. Seu sonho era ter sido médico, mas a pobreza o impediu até mesmo de ser alfabetizado. Os estudantes passaram a se questionar como uma escola de elite com mensalidades caríssimas podia ter um funcionário analfabeto. Para solucionar esse problema, eles criaram um curso noturno de alfabetização, em que os alunos se transformaram em mestres ao lado dos padres³⁴.

Esta história serve para exemplificar um novo tipo de cristão. Não mais aquele que espera as soluções vindas do alto ou que atua de forma apenas caritativa, mas que age para transformar o mundo em que vive. Os meninos enxergaram o cidadão Jorge, perceberam as suas misérias e viram as suas mazelas reproduzidas nos seus filhos. Jugaram, à luz do evangelho, que tal situação era uma injustiça e, por isso, não poderia existir. Por fim, agiram. Contra o analfabetismo, estudo³⁵.

A formação intelectual também era importante. Assim, o adolescente Betto devorava toda a literatura cristã reformadora que lhe caía em mãos – Jacques Maritain, Gilbert Keith Chesterton, Georges Bernanos, Emmanuel Mounier, Louis-Joseph Lebret, Yves-Marie-Joseph Congar, Marie-Dominique Chenu e Alceu Amoroso Lima³⁶. Segundo Betto, beber na fonte desses autores realizou transformação no seu pensamento. O pecado, conceito central no imaginário cristão, deixou de ser relacionado a valores morais individuais e passou a ser visto como uma atitude coletiva atrelada ao modelo econômico dominante³⁷.

Uma pequena história serve para exemplificar esta nova visão a respeito do pecado. Certo dia, Betto procurou Frei Chico para se confessar. Ele era adolescente e

³⁴Embora não tenha sido relatado por Frei Betto. Provavelmente, esta situação gerou muitas críticas aos alunos dentro do ambiente escolar, pois, a JEC era acusada, assim como a maioria dos movimentos de cunho progressista, de politizar demais os fiéis, esquecendo-se do desenvolvimento espiritual.

³⁵ Esta história pode ser encontrada no livro de Frei Betto *Alfabeto – Autobiografia escolar*. Ed. Ática, São Paulo. 2002, no capítulo 12 – Missão Colegial.

³⁶Alceu Amoroso Lima (1893-1983), escritor, filósofo, crítico literário e professor brasileiro, também conhecido pelo pseudônimo de "Tristão de Atayde". Converteu-se ao catolicismo, se tornando importante líder da renovação católica. Desenvolveu intensa produção literária, publicando obras sobre os mais diversos temas, entre eles, economia, sociologia e política. Fundou o *Instituto Católico de Estudos Superiores*, futura *Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)* e a *Universidade Santa Úrsula*. Com a morte de Jackson de Figueiredo, passou a dirigir o *Centro Dom Vital* e a *Revista A Ordem*. Foi catedrático de Literatura Brasileira da *Faculdade Nacional de Filosofia*. No início da década de 50 foi diretor do *Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-americana*. Morou na França e nos Estados Unidos. Nessa época, ministrou cursos sobre Civilização Brasileira na *Universidade de Sorbonne* e em universidades norte-americanas.

³⁷Vemos aqui a ideia de pecado social, bastante debatida por autores ligados a Teologia da Libertação, como o teólogo brasileiro Leonardo Boff.

sentia-se culpado por ter se masturbado pensando na Marilyn Monroe e vendo fotos das concorrentes à Miss Brasil. “Pecado – afirmou Frei Chico – é pagar baixos salários, humilhar os mais necessitados, roubar de quem não possui quase nada, ser racista e oprimir as comunidades indígenas”³⁸. Explicando esta nova concepção a respeito do pecado, Frei Betto afirma:

Frei Chico e frei Mateus Rocha, gurus da JEC de Belo Horizonte, promoviam uma revolução copernicana em nossas cabeças. Deslocavam o senso de pecado pessoal para o social, aposentavam o Deus moralista, juiz implacável, e introduziam o Deus amoroso, misericordioso, e o Jesus solidário aos pobres³⁹.

A experiência vivida na Ação Católica, afirma Frei Betto, transformou-me num militante, movido à fé, idealismo e utopia⁴⁰. Passei a acreditar num Deus que tem preferência pelos pobres e que exige a justiça social. De acordo com esta visão, o Reino de Jesus passa a ser a sociedade igualitária na qual o pão nosso de cada dia tem que ser dividido. Assim, a negação dos bens essenciais à conservação da vida é um grave pecado contra Cristo e a humanidade⁴¹.

Frei Betto foi morar no Rio de Janeiro, pois, acreditava que o antigo Distrito Federal respirava arte e política e, por isso, a cidade lhe abriria novos horizontes. O jovem mineiro foi morar no bairro das Laranjeiras, na zona sul carioca. Junto a outros militantes estudantis, ocupou pequeno apartamento, próximo à sede da UNE – União Nacional dos Estudantes. Eram tempos de muitas dificuldades financeiras. Alimentavam-se muito mal e dormiam em beliches espalhados pelos quartos⁴². Os que estavam de passagem pela cidade, costumavam amontoar-se no tapete da sala. Frei Betto afirma que passaram por ali, entre outros, Herbert de Souza, que se tornaria um sociólogo extremamente engajado nas lutas da sociedade civil, como na Campanha do “Natal Sem Fome”, e José Serra, futuro Ministro de Estado⁴³.

³⁸ FREI BETTO, op. cit., p. 18.

³⁹ Ibid., p. 19.

⁴⁰ Esta transformação da fé não pode ocorrer de forma imediata. Mas, faz parte de longo processo com avanços e retrocessos.

⁴¹ Este pensamento de Frei Betto aparece em várias de suas obras, como por exemplo: *Um Deus muito humano. Um novo olhar sobre Jesus* - 1ª edição – São Paulo: Editora Fontanar, 2015.

⁴² Frei Betto apresenta visão bastante positiva deste período vivido no Rio de Janeiro. Porém, pensamos que pode ter sido bastante difícil para o jovem Betto, oriundo de família de classe média mineira, se adaptar a nova cidade e as dificuldades financeiras que enfrentou.

⁴³ Em *Batismo de Sangue. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Ed. Bertrand Brasil – RJ, 1987, na página 76, Frei Betto, relembra: “Vivíamos modestamente, alimentados por doações do Banco da Providência, empoleirados nos beliches insuficientes ao trânsito constante de secundaristas e

Como representante da direção nacional da JEC, Betto percorreu várias regiões do Brasil, pois acreditava que era preciso levar o novo ideal cristão aos quatro cantos do país. Devido a sua proximidade com D. Hélder Câmara⁴⁴, chegou a participar de reuniões importantes da CNBB. Numa dessas reuniões, após a queda de João Goulart, Betto afirma ter visto parte do clero brasileiro louvando a Nossa Senhora Aparecida por ter libertado o Brasil da ameaça comunista. O episcopado brasileiro estava dividido. Alguns bispos defendiam postura mais conservadora, enquanto outros possuíam visão mais progressista da religiosidade.

O período passado no Rio de Janeiro foi de intensa formação política e espiritual para Betto, tendo-lhe oferecido a oportunidade de conviver de perto com importantes figuras do catolicismo brasileiro, tais como dom Hélder Câmara, dom Cândido Padin, Alceu Amoroso Lima e Cândido Mendes, entre muitos outros. Primeiro compondo a equipe nacional da JEC, e logo depois como membro do secretariado nacional da Ação Católica, Betto percorreu o país de ponta a ponta, organizando e dirigindo eventos, participando de um sem-número de reuniões acerca dos rumos do movimento estudantil etc⁴⁵

Frei Betto iniciou os seus estudos universitários em 1964. Ainda morando no Rio de Janeiro, matriculou-se na faculdade de jornalismo da Universidade do Brasil⁴⁶.

universitários que passavam pelo Rio. O apartamento, precariamente mobiliado, servia de acampamento aos militantes da Ação Católica oriundos de outros Estados, especialmente aos que chegavam para participar de atividades na Praia do Flamengo, 132: a sede da UNE e da UBES”.

⁴⁴ D. Hélder, um dos bispos mais progressistas do Brasil, era coordenador da direção nacional da JEC (Juventude Estudantil Católica). Frei Betto afirma que o arcebispo de Recife e Olinda além de orientá-los na direção do movimento jecista, cuidava de conseguir bolsas em escolas e recursos financeiros para os trabalhos e as viagens. Graças ao prestígio de D. Hélder, as portas se abriam para os jovens e foi possível viajar o país de ponta a ponta. Em *Típicos Tipos*, coletânea de perfis literários, Frei Betto afirma que muitos moradores de comunidades pobres não foram despejados devido à proteção de D. Hélder Câmara. O religioso nordestino também foi um dos responsáveis pela criação da CNBB, da Cruzada São Sebastião e do Banco da Providência. D. Hélder foi também um dos maiores incentivadores da Ação Católica, do Movimento de Educação de Base e dos movimentos leigos. BETTO, Frei. *Típicos Tipos – coletânea de perfis literários*. Ed. A Girafa – SP – 2004.

⁴⁵ FREIRE, Américo e Sydow, Ivanize. *Frei Betto – biografia*. Ed. Civilização Brasileira – RJ, 2016, p. 55.

⁴⁶ A Universidade do Brasil foi criada por lei oriunda do Poder Legislativo em 5 de julho de 1937, ainda antes do Estado Novo. Dava continuidade à antiga Universidade do Rio de Janeiro, criada na década de 1920 como uma reunião das escolas superiores existentes na cidade. A novidade já havia sido anunciada em 1931, quando Francisco Campos estava à frente do Ministério da Educação e assinou decreto estabelecendo que o sistema universitário deveria ser preferencial ao conjunto de escolas superiores isoladas. O ministro Gustavo Capanema, dando continuidade ao projeto de Francisco Campos, formou em julho de 1935 uma comissão encarregada de estudar a ampliação da Universidade do Rio de Janeiro, que em 1937 passaria a denominar-se Universidade do Brasil. A estrutura da antiga Universidade do Distrito Federal foi incorporada à Universidade do Brasil, após a extinção daquela, em 1939. A comissão era composta de 12 membros, incluindo professores e intelectuais de diferentes tendências ideológicas, como Inácio Azevedo Amaral, Edgar Roquete Pinto e Lourenço Filho. Ao ser criada, a Universidade do Brasil reuniu 15 escolas ou faculdades que receberam a denominação de "nacionais" e 16 institutos, alguns dos quais já existentes, além do Museu Nacional.(...) A Universidade do Brasil, com a reforma universitária iniciada em 1965, transformou-se na Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Fonte: CPDOC.fgv.br)

Entre outros, teve como professores, o ex-primeiro ministro Hermes Lima⁴⁷ e Danton Jobim que dirigia o jornal *Última Hora*.

Nem todos os docentes deixaram boas lembranças. Segundo Betto, o professor de História do Brasil, Hélio Vianna, era odiado pelos alunos. O historiador era fervoroso defensor da ditadura militar e seus discursos estavam longe de atrair a juventude. O professor não admitia perguntas. Logo, suas aulas eram bastante desestimulantes para jovens ávidos pelo debate político⁴⁸.

Uma história marcou a memória de Frei Betto em relação a Hélio Vianna. Certo dia, os alunos viram um burro pastando nas obras do Aterro do Flamengo. Eles decidiram levar o animal para “assistir a aula” do professor. Colocaram o quadrúpede na sala vazia e de longe aguardaram para ver qual seria a reação do mestre. Ele faria um escândalo? Iria à direção da universidade para protocolar uma reclamação? Para a decepção dos estudantes, o docente passou o tempo regulamentar da aula, na sala onde foi colocado o animal, saindo do recinto como se nada tivesse acontecido. Segundo Betto, o mais difícil foi fazer o “novo amigo” descer as escadas da faculdade. Passado uma semana, Hélio Vianna deu a sua aula normalmente. Mas, ao final, destilou a sua vingança:

Quero avisar que, na próxima semana, haverá prova. Os senhores tratem de pegar o “ponto” com o único colega que, semana passada, se encontrava em classe. Hélio Vianna exigiu-nos uma dissertação sobre os reflexos, na economia de Portugal, da invasão francesa no Rio de Janeiro. Zero para toda a classe!⁴⁹

Outro fato marcante daquele período foi à primeira prisão de Frei Betto⁵⁰. O dominicano e vários integrantes do movimento estudantil foram parar no Cenimar⁵¹, acusados de subversão. O objetivo daquela operação militar era prender aqueles que poderiam ter alguma ligação com a AP- Ação Popular⁵² – grupo de guerrilha dissidente

⁴⁷ Lembremos que durante o governo João Goulart, o Brasil passou por breve período parlamentarista.

⁴⁸ Talvez nem todos os alunos desejassem o debate político. Alguns poderiam até mesmo preferir o modelo de aula mais tradicional, adotado pelo professor em questão.

⁴⁹ FREI BETTO, op. cit., p.209.

⁵⁰ Sobre a experiência de ser preso pela primeira vez, Frei Betto diz que vivenciou “Uma sensação de derrota. Nosso castelo de sonhos libertários ali estava desabado, reduzido a meia centena de universitários amedrontados, sufocados pelo imponderável, olhos dilatados frente ao imprevisível, como sonâmbulos pelos sinistros porões da História” (FREI BETTO, op. cit., p. 78)

⁵¹ O CENIMAR é um órgão da Marinha do Brasil que tinha o objetivo de obter informações de interesse para o Estado durante a Ditadura Militar.

⁵² Na década de 1960, “O episcopado viu-se na obrigação de intervir, proibindo aos jucistas ocuparem cargos de responsabilidade dentro das organizações políticas universitárias. Em virtude dessa proibição,

da Juventude Universitária Católica. Para Frei Betto, as prisões ocorreram, uma vez que:

Às vésperas do golpe militar, a AP começara a superar a sua origem reformista, aprofundando-se sempre mais na teoria marxista e abandonando a ideia, inspirada nas obras do padre Vaz, de que fé cristã é matriz de uma filosofia da história. No governo João Goulart, alguns de seus dirigentes haviam ocupado postos importantes⁵³.

Após o golpe civil militar de 1964, pouco a pouco, JEC e JUC foram perdendo importância no cenário nacional. A repressão do governo, somada à falta de apoio da Igreja, levou ao enfraquecimento dos movimentos estudantis católicos. Porém, no mesmo período, as juventudes católicas – JEC e JUC – foram às sementeiras da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base e, com base no cristianismo contestador, as CEBs ganharam força e cunho progressista.

Após sair da prisão, Frei Betto, segundo suas próprias palavras, viveu uma “terrível crise vocacional”⁵⁴. Betto tinha muitas dúvidas a respeito da sua vocação sacerdotal. Para resolver esse dilema, trancou a faculdade de jornalismo e ingressou na Ordem dos Pregadores, denominação oficial dos frades dominicanos.

Ainda durante o noviciado, primeira etapa da vivência consagrada, Frei Betto viveu intensa crise de fé. Acreditando que o melhor caminho era abandonar a vida religiosa, foi se confessar com Frei Matinho Penido Burnier. Esse momento foi muito marcante para o jovem Betto, visto que as palavras do conselheiro e as transformações ocorridas em sua religiosidade aparecem constantemente em suas memórias. Frei Betto afirma que:

Frei Martinho segurou firme o meu braço. Tinha nos olhos uma expressão de desafio:

- Betto, se você estivesse caminhando à noite por uma floresta e, de repente, a pilha da lanterna acabasse, o que faria? Continuaría andando ou esperaria amanhecer?
- O mais sensato seria esperar amanhecer.
- Então, espere. – Deu-me para ler as obras completas de Santa Teresa de Ávila.
- Leia-a como quem bebe um bom vinho, degustando cada gole e deixando a sua vida impregnar-se⁵⁵.

os elementos mais politizados e influentes da JUC tomaram a deliberação de fundar um movimento novo, de caráter político-ideológico e, em 1962, nasce a Ação Popular...” (verbete retirado do site da PUC-SP).

⁵³FREI BETTO, op. cit., p.218.

⁵⁴AMÉRICO FREIRE e IVANIZE SYDOW, op. Cit., p. 62

⁵⁵ Ibid., p.65.

Betto afirma que os textos da santa católica o ajudaram a superar sua crise interior. A partir das leituras de Santa Teresa de Ávila, passou a vivenciar nova forma de espiritualidade. Frei Betto teria percebido que Deus não estava somente num paraíso espiritual, mas o acompanhava bem de perto. Melhor ainda, viveria dentro dele. A partir desta experiência, Frei Betto afirma que reconstruiu as suas forças para seguir adiante nos seus desafios⁵⁶.

Diferente da tradição da Ordem Dominicana, alguns dominicanos de São Paulo trabalhavam para se sustentar⁵⁷. A maioria dava aulas. Frei Betto conseguiu emprego como jornalista na revista *Realidade*. O periódico apresentava temas polêmicos com uma escrita literária⁵⁸. Além disso, a revista dava bastante liberdade na produção das suas matérias. Vale a pena ressaltar que a maioria dos funcionários da *Realidade* tinha ligações com o *Brasil Urgente*, jornal progressista liderado pelo Frei Carlos Josaphat⁵⁹.

Um dos grandes desafios da vida religiosa é manter a castidade. Quando é perguntado sobre as dificuldades do celibato, Frei Betto costuma responder que sua maior tentação para largar a batina não foram mulheres, mas sim, o teatro. O

⁵⁶ “Teresa salvara a minha fé quando noviço em Belo Horizonte, no Convento da Serra, em 1965. Tudo se apagara dois meses depois da tomada do hábito. As orações soavam-me ridículas, inócuas, litanias mecanizadas pela tradição; a eucaristia despiu-se de seu mistério frente à minha inteligência em crise, dominada pela razão inquiridora, solerte; a existência do Espírito Santo esvaiu-se na escuridão da minha fé. Pensei em arrumar as malas, devolver o hábito branco, descer a serra, retomar minhas atividades como militante leigo”. Esta citação de Frei Betto encontra-se na obra *Batismo de Sangue* (FREI BETTO, op. cit., p. 73).

⁵⁷ No livro *Batismo de Sangue. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*, Frei Betto informa: “Os dominicanos brasileiros nunca tiveram fontes de renda estáveis. Os poucos imóveis doados por benfeitores da Ordem foram sempre imediatamente consumidos por dívidas infundáveis. A crise financeira, crônica, insolúvel, fez-nos conhecer a vida modesta, apertada. As tentativas para resolvê-la resultaram, muitas vezes, em fracassos e conflitos dirimidos em processos judiciais” (FREI BETTO, op. cit., p. 66 e 67).

⁵⁸ Revista mensal de âmbito nacional, fundada em abril de 1966 por Vítor Civita, presidente da Editora Abril. Saiu de circulação em 1976. *Realidade* sofreu durante os anos que foi publicada diversas modificações em sua linha editorial, na composição gráfica e na tiragem. Na primeira fase da revista, de 1966 a 1968, as primeiras edições privilegiavam a abordagem de temas polêmicos ligados à política e ao comportamento. *Realidade* produziu reportagens enfocando a Revolução Cultural na China, a ditadura de François Duvalier no Haiti e a participação brasileira na ocupação da República Dominicana em 1965, além de publicar entrevistas com personalidades políticas já exiladas: João Goulart, Leonel Brizola, Celso Furtado e Ademar de Barros, entre outros.

⁵⁹ Frei Carlos Josaphat, teólogo dominicano, professor emérito da Universidade de Friburgo, Suíça, e Doutor Honoris Causa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estudioso da obra de Tomás de Aquino publicou diversas obras, entre elas, *Vaticano II, a Igreja aposta no amor universal* (com a colaboração de Lilian Contreira. Ed. Paulinas. São Paulo. 2013). Em março de 1963, fundou o semanário *Brasil Urgente*. O jornal durou até 1º de abril do ano seguinte, quando foi fechado pelos militares. “Fascistas preparam golpe contra Jango!”, dizia a manchete de sua última edição, a de número 55, publicada quando o fundador iniciava um exílio de 30 anos na Suíça. Fonte: CPDOC – FGV.

dominicano mineiro, convidado pelo diretor teatral José Celso Martinez Corrêa⁶⁰, trabalhou como assistente de direção da peça *O rei da Vela*⁶¹. Esta foi uma experiência tão marcante que fez com que ele desejasse se dedicar exclusivamente a carreira teatral.

No livro *Ofício de Escrever*⁶², Frei Betto fala dos seus sentimentos em relação ao teatro. Para Betto, a arte da representação é um caminho privilegiado para a formação de seres verdadeiramente humanos. Ao representar os personagens, organizamos a multiplicidade de seres que nos habitam. Ao subverter a realidade, a peça teatral nos apresenta a nós mesmos. Nos palcos, os personagens nos apresentam aqueles seres que escondemos em nossas entranhas⁶³.

Não só o teatro, mas as artes em geral foram duramente reprimidas durante o regime militar. Eram tempos de muita repressão e Frei Betto optou pela luta contra o regime⁶⁴. Como tantos outros brasileiros, desejava sobreviver a ditadura militar. Para tanto, o jovem Betto e outros dominicanos uniram-se a ALN - Ação Libertadora Nacional, grupo guerrilheiro liderado por Carlos Marighella⁶⁵. A ligação entre o revolucionário baiano e os religiosos foi construída por Frei Oswaldo Rezende⁶⁶,

⁶⁰ Dramaturgo, ator e diretor teatral. Em 1967, José Celso Martinez Corrêa dirigiu a peça *O rei da Vela* de autoria de Oswald de Andrade. A montagem desta peça teatral é considerada um marco na dramaturgia brasileira. No ano seguinte, comandou a direção de *Galileu Galilei* de Bertold Brecht e *Roda Viva* com composições de Chico Buarque de Holanda. Foi preso em 1974 e exilou-se em Portugal. Retornou ao Brasil, em 1978. Fonte: CPDOC – FGV.

⁶¹ Sobre a participação de Frei Betto na peça teatral *O rei da Vela*, ver carta enviada pelo autor em 6 de Agosto de 1967, quando encontrava-se na prisão, ao intelectual brasileiro Alceu Amoroso Lima. O texto encontra-se na íntegra no livro *Cartas de Esperança em Tempos de Ditadura*. Organização, introdução e notas de Leandro Garcia Rodrigues. Editora Vozes, Petrópolis, 2015, p. 61-64.

⁶² BETTO, Frei. *O ofício de escrever*. Ed. Anfitatro, 1ª edição, RJ, 2017.

⁶³ FREI BETTO. Op. cit., p. 57-60.

⁶⁴ Não se pode afirmar com certeza se foi uma opção ou se não havia alternativas naquele momento.

⁶⁵ As ações de guerrilha urbana começaram em 1969, pouco depois da promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 13 de dezembro de 1968, que marcou um endurecimento sem precedentes do regime militar. Marighella participou pessoalmente de várias investidas e, em junho desse ano, escreveu o *Minimanual do guerrilheiro urbano*, concebido claramente sob inspiração do exemplo cubano, tendo em vista uma guerra de libertação nacional, quando a partir do apoio das massas, ‘os guerrilheiros... derrubarão a ditadura e sacudirão o jugo norte-americano’. A revolução era vista como ‘um fenômeno social que depende de armas e dinheiro. Eles existem no país; basta ter os homens que tomem posse deles’ (CPDOC-FGV).

⁶⁶ Na obra *Batismo de Sangue* no segundo capítulo intitulado Sul, a travessia, inicia pela sua versão a respeito dos primeiros contatos dos dominicanos com Marighella. Usando as suas próprias memórias, o autor afirma que o primeiro encontro foi solicitado por um amigo de faculdade de Frei Oswaldo - João Antônio. Já em entrevista dada a Zelmar Guitto, Frei Betto diz que: ‘Como éramos da USP, ligados ao movimento estudantil, um dos militantes que rompia com o Partido Comunista Brasileiro, junto com o Marighella, o João Antônio, que depois morreu em um acidente, trouxe o Marighella aqui no nosso convento. No livro do Mário Magalhães, infelizmente, o Frei Oswaldo se equivocou ao dizer que nós conhecemos Marighella na sapataria do pai do João Antônio, no bairro da Liberdade. Não, nós conhecemos aqui (no convento). Hoje, o frei Oswaldo reconhece que ele estava equivocado no momento que deu a entrevista. Então, o Marighella veio aqui com o João Antônio interessado em conhecer a renovação da Igreja, o concílio, e com o nome de professor Menezes, com uma peruca que chamava mais

estudante de filosofia na Universidade de São Paulo. Além da militância política junto à ALN, às leituras de textos marxistas impulsionaram os jovens frades nas suas escaladas revolucionárias⁶⁷.

O convento dos dominicanos em São Paulo já era famoso por sua efervescência política e cultural. Frequentavam as suas dependências figuras do porte de Geraldo Vandré, Caetano Veloso e Chico Buarque de Holanda. O local era utilizado para guardar dinheiro, armas e materiais subversivos. A casa dos frades também protegia pessoas que estavam na mira do governo militar. Muitas vezes, os dominicanos faziam contato com amigos que pudessem abrigar os perseguidos em seus lares. No caso específico de Frei Betto, dar fuga àqueles que estavam marcados pela repressão era a sua tarefa principal. “Nunca peguei em armas”⁶⁸ salienta o escritor de *Batismo de Sangue*. Importante se faz ressaltar que os dominicanos acolhiam a todos no convento, independente da organização a que estavam filiados⁶⁹.

Além da vida religiosa e da militância política, Frei Betto escrevia sobre cultura e vida estudantil na *Folha da Tarde*. O jornal era identificado com a esquerda e as suas reportagens procuravam se distanciar das versões oficiais dos fatos. Este trabalho foi muito importante para Betto, devido ao contato com líderes estudantis como José Dirceu⁷⁰ e Luís Travassos⁷¹ e ao fato da redação servir como um celeiro para a busca de novos militantes.

atenção do que disfarçava. Mas, não percebemos quem ele era, a não ser na saída, depois que ele nos deu um embrulho e disse: ‘Olha, são algumas publicações minhas que quero deixar com vocês’. Quando ele foi, a gente abriu e viu *Poemas, de Carlos Marighella, Carta ao povo brasileiro de Carlos Marighella*. Foi quando caiu a ficha’. Entrevista concedida por Frei Betto a Zelmar Guitto.

⁶⁷ Acreditamos que esta decisão de apoiar a ALN de Carlos Marighella deve ter suscitado amplos debates e conflitos dentro do grupo dos jovens dominicanos de São Paulo.

⁶⁸ Frei Betto faz esta afirmação em várias entrevistas.

⁶⁹ O engajamento dos dominicanos paulistas não era uma exceção. Em outros países da América Latina, os padres foram mais longe e chegaram a pegar em armas na luta revolucionária. Em 1966, o sacerdote colombiano Camilo Torres morria em combate guerrilheiro nas selvas de seu país, levando outros religiosos a se juntar à causa da luta pela libertação do continente do imperialismo americano. Para eles, o combate pela justiça social era uma exigência da fé cristã. DUARTE-PLON, Ieneide e MEIRELES, Clarisse. *Um homem torturado, nos passos de Frei Tito de Alencar*. Ed. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 2014, p.60.

⁷⁰ Iniciou-se na política através do movimento estudantil, como militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1965 ingressou no curso de direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e de 1966 a 1967 foi presidente do Centro Acadêmico 22 de Agosto, além de vice-presidente do Diretório Central dos Estudantes. Em 1968 elegeu-se presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE) de São Paulo. Em outubro desse ano participava do 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) numa fazenda em Ibiúna (SP), como candidato à presidência da entidade, quando foi preso com outros estudantes pelos órgãos de repressão do regime militar instaurado no país em abril de 1964. *Fonte: CPDOC – FGV.*

Betto fazia o trabalho de cooptação de companheiros para a ALN de forma sistemática e com um perfil variado que extrapolava o universo estudantil. A ALN se diferenciava por ter incorporado um contingente de profissionais de diferentes áreas, ao contrário da maioria das outras organizações, mais restritas aos estudantes. Décadas depois, Clauset viria a definir o papel de Betto na organização: “Ele contribuiu para a ALN ser a maior organização de resistência à ditadura entre todas, não só numericamente, mas em termos de representatividade. Duas pessoas tinham esse perfil na ALN: Frei Betto e Paulo de Tarso Venceslau⁷²”.

A morte do estudante Édson Luís, no início de 1968⁷³, desencadeou protestos Brasil afora. O mais famoso deles, a passeata dos Cem Mil⁷⁴, reuniu uma multidão nas ruas do Rio de Janeiro. O governo militar reagiu com a decretação do AI-5⁷⁵, em dezembro do mesmo ano, que fechou de vez o regime, aumentou consideravelmente a repressão e inaugurou os chamados anos de chumbo.

Dois meses antes, em outubro de 1968, na cidade de Ibiúna, realizou-se o famoso congresso clandestino da UNE – União Nacional dos Estudantes. A organização do evento teve a participação dos dominicanos, principalmente de Frei Tito de Alencar, que conseguiu o local para a realização do encontro. Mais de setecentos jovens se reuniram no interior de São Paulo, entre eles alguns dos principais líderes estudantis do

⁷¹ Foi seminarista em São Paulo, onde começou sua atividade política em organizações católicas progressistas. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Católica de São Paulo, em 1965. Foi eleito presidente do Centro Acadêmico. Nessa ocasião passou a militar na organização ilegal da esquerda católica, Ação Polular (AP), abandonando a Juventude Universitária Católica (JUC). Em 1966, foi eleito presidente da União Estadual dos Estudantes de São Paulo (UEESP). Conseguiu eleger-se presidente da UNE. Em junho de 1968, juntamente com Vladimir Palmeira, Travassos liderou uma passeata que reuniu cem mil participantes, no centro do Rio de Janeiro, e que ficou conhecida como “Passeata dos Cem Mil”. Fonte: CPDOC – FGV.

⁷² AMÉRICO FREIRE e IVANIZE SYDOW, op. Cit., p. 82

⁷³ O ano de 1968 foi marcado tanto na política quanto no setor cultural por uma efervescência poucas vezes vista, tanto no Brasil quanto no mundo. As manifestações dos estudantes franceses, o Maio de 1968, influenciaram os movimentos estudantis brasileiros, notadamente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Aquela seria uma geração sedenta por transformações. Segundo Zuenir Ventura, ‘a juventude de 68 queria romper barreiras, sejam elas políticas, sexuais, religiosas ou comportamentais’. Uma referência sobre o ano de 1968 no Brasil é a obra 1968 O ano que não terminou, Zuenir Ventura, São Paulo, Planeta do Brasil, 2008.

⁷⁴ O ministro da educação Flávio Suplicy de Lacerda aprovou lei que proibia os estudantes de participarem de manifestações políticas. Contrariando expectativas do governo, o movimento estudantil continuou importante fonte de oposição ao governo militar. Parte da sociedade brasileira mostrou-se chocada com a morte de Édson Luís. Durante o seu velório, uma multidão reuniu-se nas redondezas da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. A morte do jovem, no início de 1968, desencadeou protestos Brasil afora. O mais famoso deles, a passeata dos Cem Mil, realizada nas ruas do centro do Rio de Janeiro. A contrapartida dos militares não tardou. O governo reagiu com a decretação do Ato Institucional número cinco - AI-5 que radicalizou o regime. Após este novo decreto, os militares aumentaram consideravelmente a repressão.

⁷⁵ O Ato Institucional número cinco – AI-5 – foi decretado em 13 de Dezembro de 1968, no mandato presidencial do General Costa e Silva. Esteve em vigor até Dezembro de 1978 e marcou o período mais radical do regime militar. Tal documento dava poder de exceção ao Estado para punir aqueles que eram considerados um perigo à segurança nacional.

país – José Dirceu, Vladimir Palmeira e Luís Travassos. Não foi difícil tantos jovens chamarem a atenção da pacata comunidade local. A polícia foi avisada e acabou com o congresso, levando vários congressistas presos, entre eles os frades dominicanos, Tito de Alencar e Helvécio Ratton⁷⁶.

No ano seguinte, a situação de Frei Betto também estava complicada. Sentia que poderia ser preso a qualquer momento. Policiais procuraram informações a seu respeito na portaria do seu prédio. Planejava ir ao final do ano para a Alemanha, aprofundar os seus estudos teológicos num curso muito valorizado pelos dominicanos. Mas, como a situação estava muito perigosa, decidiu abandonar a *Folha da Tarde* e partir para o Sul do país⁷⁷. Ajudado por um primo, o teólogo João Batista Libânio⁷⁸, Frei Betto organizou a sua ida para o seminário de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul⁷⁹.

A atuação política dos dominicanos chamava muito a atenção⁸⁰. Devido ao perigo que era iminente, Frei Oswaldo Rezende foi obrigado a sair do Brasil. Contra a sua vontade, partiu para a região de Friburgo, na Suíça, para estudar Teologia.

⁷⁶Para maiores informações sobre a biografia de Frei Tito de Alencar, consultar a obra: DUARTE-PLON, Ieneide e MEIRELES, Clarisse. *Um homem torturado, nos passos de Frei Tito de Alencar*. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2014. P. 418.

⁷⁷Antes da viagem para o Rio Grande do Sul, Frei Betto viveu um período em São Paulo, na clandestinidade. No livro *Batismo de Sangue*, Frei Betto afirma que: ‘Viver na clandestinidade é como tornar-se invisível para os outros. As pessoas nos veem, mas não conhecem, e os que conhecem não podem nos encontrar senão por acaso. Como toda situação de completo despojamento, faz-nos sentir mais livres. Trocar de nome dá sensação de vida nova – só então compreendi por que os institutos religiosos adotavam esse costume ao receber seus noviços. O meu era ‘Vitor’ e exigia-me estar sempre atento para não pensar que chamavam outra pessoa’ (FREI BETTO, op. cit., p.209).

⁷⁸“Respeitado acadêmico e padre jesuíta, um dos teólogos da Teologia da Libertação (...) Libanio formou-se em teologia pela Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt (Alemanha) e fez doutorado da Universidade Gregoriana (PUG), de Roma. Foi professor de teologia da PUC-Rio, da PUC Minas Gerais, da Faculdade Jesuíta (FAJE) e da Unisinos, no Rio Grande do Sul (...) Reconhecido internacionalmente como um dos teólogos da Teologia da Libertação, que surgiu mais fortemente na América Latina nos anos 60, Libanio escreveu 36 livros e colaborou em mais de 125, além de uma infinidade de artigos - muitas das obras editadas em vários idiomas”. Fonte: *Jornal O Globo* – 30/01/2014.

⁷⁹Sobre este período, Frei Betto afirma em *Batismo de Sangue* (FREI BETTO, op. Cit., p. 49): “O terreno falseava aos meus pés. Pressentia que o cerco repressivo não tardaria a alcançar-me. A decisão veio quando um dos meus colegas de trabalho foi encarcerado sob a acusação de fazer parte do ‘esquema de imprensa’ da VPR: larguei o jornal, afastei-me da comunidade dominicana e passei a viver clandestinamente em São Paulo”.

⁸⁰ Segundo Frei Betto: ‘Já em 1965, o Governo Castello Branco pensara em expulsar a Ordem Dominicana do país. O convento de Belo Horizonte chegou a ser invadido duas vezes pela polícia e os frades responderam a inquérito presidido pelo coronel Euclides Figueiredo. Em Agosto de 1967, Frei Chico, prior do convento de São Paulo, foi preso pela Polícia Federal por liderar o movimento que propunha greve de vinte e quatro horas pela paz mundial. Todos os frades, com seus hábitos brancos, fizeram passeata silenciosa em frente ao DOPS e, em seguida, junto ao quartel da 7ª Companhia de Guardas da Polícia Militar, do qual Frei Chico foi solto poucas horas mais tarde’ (FREI BETTO, op. cit., p. 53).

Em Julho de 1969, Frei Oswaldo trocou o convento das Perdizes pela escola dominicana de Friburgo, na Suíça, onde faria o curso de Teologia. Ao embarcar, ele não imaginava que naquele momento tinha início o longo exílio que duraria mais de dez anos e o faria encontrar, em Paris, o amor militante de Florence⁸¹.

Outro dominicano, Frei Fernando de Brito, quando soube da ida de Frei Betto para o Rio Grande do Sul, conversou com Betto sobre a criação de uma rota de fuga pelas fronteiras. O projeto foi ratificado numa reunião com Carlos Marighella que pediu a Betto que estudasse a viabilidade da ação. O caminho deveria atender todos que necessitassem sair do país e não somente os militantes da ALN, afirma nosso autor. Dias depois desta reunião com Marighella, Frei Fernando de Brito e Frei Ivo Lesbaupin foram presos no Rio de Janeiro. Levados ao Cenimar foram torturados. O delegado Sérgio Paranhos Fleury⁸² veio de São Paulo para interrogar os dominicanos. Perguntava constantemente pela ligação dos religiosos com o líder da ALN. Não suportando mais as torturas, os frades revelaram os locais de encontro com o revolucionário baiano⁸³.

Após a prisão de Frei Fernando de Brito e Frei Ivo Lesbaupin, agentes do DEOPS⁸⁴ invadiram o convento das Perdizes. Os militares detiveram os frades Tito de Alencar Lima, Giorgio Callegari, Domingos Maia Leite (Provincial dos dominicanos no Brasil), Edson Braga de Souza (prior do Convento das Perdizes) e Sérgio Lobo (vice prior). Não satisfeitos, os policiais permaneceram na casa dos religiosos, vigiando e controlando todos os que entravam ou saíam do local.

No mesmo dia da ação em Perdizes, foi montada gigantesca operação comandada pelo delegado Fleury para assassinar Carlos Marighella. As ruas da capital paulista foram cercadas e os dominicanos foram usados, segundo Betto⁸⁵, como isca

⁸¹ FREI BETTO, op. cit., p. 54.

⁸²Sérgio Fernando Paranhos Fleury atuou como delegado do Dops durante a ditadura militar, mais precisamente a partir de 1968. É considerado um dos repressores mais notáveis do período, tendo sido biografado pelo jornalista Percival de Souza na obra *“Autópsia do Medo”*, lançada em 2000. Fleury é acusado de chefiar os esquadrões da morte que atuavam na periferia de São Paulo, nas décadas de 1960 e 1970. E de ter levado o mesmo modus operandi ao combate a grupos guerrilheiros, conforme ele próprio afirmou em entrevista à Revista Veja, em 12 de novembro de 1969, logo após ter participado da captura do líder da Ação Libertadora Nacional (ALN), Carlos Marighella. Fonte: memoriasdadtadura.org.br

⁸³ Esta versão e uma descrição detalhada das torturas sofridas pelos frades dominicanos podem ser conferidas no livro *Batismo de Sangue. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Ed. Bertrand Brasil – RJ, 1987.

⁸⁴O Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS-SP) foi criado em 1924, numa época de agitações políticas e crise social, para reprimir delitos considerados contra a ordem e a segurança do Estado. Até ser extinto em 4 de março de 1983, o DEOPS cresceu de uma simples delegacia até se tornar um dos departamentos mais temidos da polícia civil do Estado de São Paulo. Fonte: Arquivo Público do estado de São Paulo.

⁸⁵ FREI BETTO, op. cit.

para atrair o revolucionário que foi fuzilado à queima roupa. A morte do inimigo número um da ditadura militar teve ampla repercussão nos meios de comunicação. O jornal *O Globo* destacou o fim trágico de Marighella e acusou de traição os frades dominicanos. Dois dias após o assassinato, a capa do jornal estampou a manchete *O beijo de Judas* e usou a fotografia do cadáver no carro dos religiosos como prova para incriminá-los.

Enquanto Betto estava foragido, no dia 6 de Novembro, *O Globo* foi implacável nas críticas aos frades Fernando e Ivo, no editorial ‘O beijo de Judas’. O jornal expôs todo o apoio que dava à ditadura militar e foi além. Ao comparar os dois dominicanos a Judas, chamou-os de traidores da Igreja, da Ordem dos Pregadores e de Marighella. ‘Frei Ivo e Frei Fernando, que rasgaram os votos que livremente firmaram diante de Deus, perderam a resistência moral e traíram os votos de fidelidade à própria doutrina da violência. Entregaram Marighella à polícia com meticulosa proficiência’⁸⁶.

Após o sequestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick⁸⁷, no Rio de Janeiro, a ditadura militar foi obrigada a libertar quinze presos políticos. Entre os libertos estavam os líderes estudantis Vladimir Palmeira e José Dirceu. A ação foi organizada pelo Movimento Revolucionário 8 de Outubro - MR-8⁸⁸ - com participação da Ação Libertadora Nacional – ALN. O sequestro foi derrota do governo que nem mesmo a censura pode esconder. Porém, a repressão foi rápida. O cerco à luta armada aumentou até chegar aos dominicanos - “a ala de saia de Marighella” – segundo os militares.

No Rio Grande do Sul, Frei Betto foi preso sob a acusação de fazer contrabando de gente (passou doze perseguidos políticos pelas fronteiras com o Uruguai e Argentina). Do Rio Grande do Sul, foi levado para São Paulo onde ficou preso por quatro anos – dois anos como preso político e os outros dois como prisioneiro comum. Um caso raro durante a ditadura militar. Geralmente, os presos políticos não eram

⁸⁶AMÉRICO FREIRE e IVANIZE SYDOW, op. cit., p. 99

⁸⁷Em 4 de setembro de 1969, o embaixador Charles Elbrick foi alvo do primeiro sequestro de um diplomata estrangeiro na América do Sul. Os responsáveis pela operação, militantes do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e da Ação Libertadora Nacional (ALN), exigiram do governo, em troca da devolução do embaixador, a libertação de 15 presos políticos e a divulgação de um manifesto. Fonte: CPDOC – FGV.

⁸⁸Nome adotado sucessivamente por dois grupos revolucionários que pretendiam derrubar, através da luta armada, o regime militar instaurado no Brasil em abril de 1964. O dia 8 de outubro corresponde à data da morte de Ernesto “Che” Guevara, líder da Revolução Cubana assassinado na Bolívia em 1967 quando preparava núcleos guerrilheiros para dar início à revolução socialista nesse país. O primeiro MR-8, formado por dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no estado do Rio de Janeiro, atuou no centro-oeste do Paraná e foi praticamente dizimado pela polícia em agosto de 1969. O segundo MR-8, criado nesse ano também por antigos membros do PCB. Fonte: CPDOC – FGV.

misturados aos prisioneiros comuns. Neste período, Frei Betto passou por três diferentes prisões: a do Estado de São Paulo, o Carandiru e, por fim, a de Presidente Venceslau.

Apesar de todo o martírio, segundo Frei Betto, o período na prisão teve dois aspectos positivos. Primeiro, era possível falar mal do governo sem correr o risco de ser preso. Além disso, dentro dos presídios tornou-se dono do seu tempo. Não se sentia escravo do relógio como é comum nas sociedades desenvolvidas. Na cadeia tinha tempo para estudar, meditar, refletir sobre a vida e escrever. “De escritor, os generais brasileiros fizeram de mim um autor”⁸⁹ afirma constantemente o religioso mineiro.

Prisão é uma merda. Além da perda da liberdade, a comida é ruim, os carcereiros humilham, as visitas são restritas, cartas e livros passam pela censura etc. Havia, entretanto uma coisa boa: podia-se falar mal do governo sem o perigo de ser preso. Outra coisa positiva: o tempo. Enorme. Um dia durava quarenta e oito horas. Dava pra fazer ioga, ginástica, meditação, escrever cartas, ler aos montões. Dava até para perder tempo discutindo com os comunistas se Deus existe e se há vida após a morte⁹⁰.

A convivência com prisioneiros comuns parece ter sido fundamental no desenvolvimento espiritual de Frei Betto. Na cadeia, os dominicanos desenvolveram algumas atividades com outros encarcerados. “Recuperar preso comum é a coisa mais fácil que existe”, afirma Frei Betto⁹¹. Percebendo que alguns presos desejavam estudar, os dominicanos criaram um supletivo ginásial. Frei Betto lecionava Física, Química e Biologia. As referências dos alunos aos poucos se alteraram. A visão de mundo deles se ampliou e as discussões passaram a girar em torno dos conteúdos aprendidos. A experiência com as ciências exatas na cadeia permeia a obra do dominicano. Exemplo é o livro *A obra do artista*⁹², escrito décadas após a prisão, no qual Frei Betto relaciona astrologia e espiritualidade.

Durante o tempo em que estiveram presos, os dominicanos organizaram círculos bíblicos. Além disso, Frei Betto montou um grupo teatral que fez apresentações na cidade de Presidente Venceslau. Conseguiram que a direção do presídio liberasse o uso de rádios para os encarcerados. Tais ações diminuíram consideravelmente os índices de violência. Os religiosos ganharam a confiança da maioria dos prisioneiros.

⁸⁹ FREI BETTO, op. Cit., p. 47.

⁹⁰ Ibid., p. 47.

⁹¹ Afirmação feita em entrevista ao médico Drauzio Varella.

⁹² BETTO, Frei. *A obra do artista: Uma visão holística do universo*. São Paulo: Editora Ática, 1995 (7ª edição, 2008). Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2011.

Humanizando o ambiente, os frades procuravam humanizar os companheiros de cela. Interessante notar que, para Frei Betto, a noite de natal mais marcante de sua vida foi passada no presídio de Presidente Venceslau⁹³.

O psicanalista Hélio Pelegrino⁹⁴ afirmou que o hábito de escrever manteve a sanidade de Frei Betto na cadeia. Segundo Frei Betto, a escrita proporciona liberdade e organiza o caos interior. Por isso é terapêutica. O autor transforma o seu pensamento em palavras. Recria o mundo. Subverte a realidade. Expressa o mais íntimo que a fala não consegue reproduzir⁹⁵. “Escrever é a minha sina”, afirma Frei Betto⁹⁶.

Na prisão, Frei Betto escreveu diversas cartas a familiares, amigos e companheiros de caminhada religiosa. Dos escritos produzidos na cadeia surgiram os livros *Cartas da prisão*⁹⁷, *Batismo de Sangue*, *O canto na fogueira* (em parceria com Frei Fernando e Frei Ivo) e o seu primeiro romance – *O dia de Angelo*⁹⁸. Numa destas cartas, escrita em dezembro de 1969 e que relata o cotidiano no presídio Tiradentes, Frei Betto afirmou que:

A novidade aqui é própria vida da prisão. Como cheguei há uma semana é tudo novo pra mim. É bem provável que eu fique um longo tempo aqui no Presídio Tiradentes. Somos quase duzentos presos políticos entre rapazes e moças. A cela que ocupamos é grande, espaçosa, ventilada. Tem dois banheiros, chuveiro, tanque de lavar roupa, cozinha e fogão. Somos trinta e dois, quase todos jovens e os mais velhos adaptam-se perfeitamente ao novo estilo. Há dois feridos

⁹³Durante o período passado na prisão, outro dominicano, Frei Fernando de Brito, escreveu carta à irmã, em 1970, na qual afirma que: ‘Se estou aqui é por ter em vista a participação de todos na construção de uma sociedade melhor, mais justa, onde o amor e a doação tenham lugar. Onde a estrutura da sociedade possibilite esta doação de todos e que esta doação tenha como objetivo a promoção e a realização de todo o povo. Para isso, todos os sacrifícios são possíveis e exigidos. É, em linguagem cristã, a construção daquilo que devemos desejar como imagem do Reino de Deus – por que tanto ansiamos’. Esta carta pode ser encontrada no livro *O Canto na Fogueira. Cartas de três dominicanos quando em cárcere político*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978, p. 26.

⁹⁴O psicanalista Hélio Pelegrino foi das maiores referências intelectuais de Frei Betto. Sobre o amigo, falecido em 1988, Frei Betto diz: ‘Há mortos que sepultamos também em nós, preservando a memória afetiva de suas presenças. Não consigo sepultar Hélio Pellegrino. É como se, numa esquina do Rio, ele tivesse sido sequestrado; e, desaparecido. Sinto uma imensa ausência de sua presença. Às vezes tenho ímpetos de ir à polícia e dar parte de que meu querido amigo Hélio Pellegrino sumiu na madrugada de 22 de março de 1988 e é preciso urgentemente encontrá-lo. Enquanto procuram, aqui aguardo ansioso, convencido de que irão trazê-lo para continuarmos a falar da burrice do demônio e das artimanhas de Deus’. BETTO, frei. *Típicos Tipos – coletânea de perfis literários*. Ed. A Girafa – SP – 2004, p.247

⁹⁵Mais informações sobre a importância da escrita para Frei Betto podem ser encontradas na obra *O ofício de escrever*. Ed. Anfiteatro, 1ª edição, RJ, 2017.

⁹⁶FREI BETTO, op. cit., p. 43.

⁹⁷*Cartas da Prisão – 1669-1973*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2008. Essas cartas foram publicadas anteriormente em duas obras – *Cartas da Prisão e Das Catacumbas*, pela Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. *Cartas da Prisão*, editada em 1974, teve a 6ª edição lançada em 1976.

⁹⁸BETTO, Frei. *O dia de Angelo (romance)*. São Paulo: Brasiliense, 1987, 3ª edição. São Paulo: Círculo do Livro, 1990 – edição esgotada.

na cela: um levou quatro tiros da polícia ao ser preso e outro se atirou do quarto andar de um edifício ao tentar fugir. Estão em fase de recuperação⁹⁹.

A literatura produzida durante as ditaduras, segundo Frei Betto, dá voz aos silenciados e vida aos assassinados. É um grito de liberdade dos que são reprimidos. Nasce na subversão para denunciar os mecanismos de poder. Nesta chave de leitura, duas referências do autor são os Evangelhos e o livro do Apocalipse. Ambos foram escritos pelos primeiros cristãos durante a dominação e opressão do Império Romano e expressam os pontos de vistas dos menos favorecidos.

Para Frei Betto, a memorialística¹⁰⁰ produzida nas prisões tem três objetivos: servir de terapia psicanalítica, denunciar a opressão e produzir uma obra de arte. A primeira função ocorre quando as dores são mitigadas e o caos interior reorganizado. Já segunda revela ao mundo os horrores produzidos nas surdinas das prisões. A última subverte a realidade para denunciar o terror de uma ditadura.

Segundo Frei Betto, sua missão enquanto autor é ajudar jovens e crianças no desenvolvimento da alteridade¹⁰¹. Assim, possivelmente, eles poderão ter uma relação mais humana com os próximos, com eles mesmos, com a natureza e com Deus.

O escritor é um indignado. A ele se aplica a máxima de Terêncio: ‘Nada do que é humano me é indiferente’. Pois se recusa a aceitar o mundo tal é ou parece ser. Contesta-o, critica-o, amplia suas potencialidades, transforma-o através de sua imaginação, povoa-o com seus personagens, transubstancia-o por sua arte¹⁰².

Frei Betto afirma que se recuperou bem do trauma da prisão. Abatido fisicamente, mas, aparentemente, mentalmente sadio. Porém, uma notícia causou-lhe muito impacto: Frei Tito de Alencar havia atentado conta à própria vida no convento francês em que vivia¹⁰³.

Ao sair da prisão em 4 de Outubro de 1973 – dia de São Francisco de Assis -, os frades dominicanos tinham diante de si a possibilidade partir para o exterior. Fora do país, poderiam retomar as suas vidas em

⁹⁹BETTO, Frei. Das Catacumbas. Cartas da prisão 1969-1971. Editora Civilização Brasileira, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1978.

¹⁰⁰ Entendido aqui como o conjunto de produções literárias das memórias de um ou mais indivíduos.

¹⁰¹ Compreendida como a capacidade de se colocar no lugar social de outra pessoa. Tentar entender o outro e aceitar as diferenças que possivelmente irão aparecer.

¹⁰² FREI BETTO, op. Cit., p. 107.

¹⁰³ Além da amizade com Frei Tito, o fato de não ter sido ele, Betto, torturado, pode lhe trazer sentimentos de culpa. Principalmente por pertencer à classe social oposta ao amigo torturado, fato que pode ter lhe preservado a integridade física.

segurança. Para Betto e para Ivo, em particular, seria a oportunidade de concluir seus estudos de teologia com o objetivo de aprofundar seus laços com a Ordem Dominicana. Não foi o caso: os três optaram por ficar no Brasil tendo em vista mergulhar numa práxis evangélica crítica e consequente, na qual o pobre é sujeito e protagonista das transformações históricas. Cada qual assumiu esse compromisso de um jeito, com uma assinatura própria. Ao mesmo tempo, estiveram juntos em várias ocasiões e projetos comuns¹⁰⁴.

Frei Fernando de Brito foi para Goiás, atuar nas comunidades eclesiais de base. Aquela diocese era dirigida por Dom Tomás Balduino, bispo conhecido por suas posições progressistas. Frei Ivo Lesbaupin foi para Petrópolis terminar seus estudos em Teologia. Na Cidade Imperial, teve contatos constantes com o teólogo Leonardo Boff. Neste período, Frei Ivo também trabalhou nas CEBs de Nova Iguaçu junto a Dom Adriano Hypólito¹⁰⁵. Já Frei Betto, após passar alguns meses com a família em Minas Gerais, resolveu morar em Vitória, capital do Espírito Santo. Desejoso de se dedicar aos pobres, Betto entendeu que a capital capixaba era segura para desenvolver seu trabalho de educação popular¹⁰⁶. Em Agosto de 1976, Frei Betto escreve de Vitória a Alceu Amoroso Lima: Continuo meu trabalho aqui na pastoral de Vitória, servindo como posso ao povo de Deus, à gente simples principalmente. Sou feliz. Envie por mim um grande abraço à irmã Maria Teresa¹⁰⁷

Em Vitória, Frei Betto foi viver numa favela. Atuou como agente pastoral e auxiliou na organização das Comunidades Eclesiais de Base. Viveu cinco anos na cidade capixaba. Naquela localidade, ajudou a desenvolver diversos movimentos sociais e promoveu encontros das CEBs do Brasil inteiro – os Intereclesiais. Aumentou bastante sua produção autoral, escrevendo nove livros, seis de próprio punho e três em coautoria.

No Espírito Santo, Frei Betto escreveu sobre a Teologia da Libertação, produziu catecismos populares, atuou em movimentos sociais e participou da fundação do Emaús

¹⁰⁴ AMÉRICO FREIRE e IVANIZE SYDOW, op. Cit., p. 158.

¹⁰⁵ Personagem central da história da Igreja na Baixada Fluminense e da luta por direitos humanos durante a ditadura (1964-1985), dom Adriano Hypólito foi sequestrado dez anos após assumir a Diocese. Após o sequestro, ele foi abandonado despido num matagal em Jacarepaguá, com o corpo pintado de vermelho. O carro do religioso, um Fusca, foi levado até as proximidades da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), na Glória, e destruído numa explosão. O atentado seria uma ação da Aliança Anticomunista Brasileira, mas nunca um envolvido foi sequer identificado ou punido pelas autoridades. O bispo foi ameaçado de morte e chegou a ser aconselhado por amigos e até por superiores a deixar a Baixada, mas ele resistiu. Fonte: *jornal O Globo* – 22/09/2016.

¹⁰⁶ Além da possibilidade de atuação junto aos mais carentes, Vitória aparentava ser um local mais seguro naquele momento, pois, não tinha a mesma visibilidade do Rio de Janeiro e São Paulo.

¹⁰⁷ LEANDRO GARCIA RODRIGUES, op. cit., p. 84.

– grupo de teólogos e agentes pastorais com reflexões sobre marxismo e cristianismo. Duas vezes ao ano, no convento das Irmãs de Santa Catarina, em Petrópolis, o grupo reunia nomes de peso como o biblista carmelita Carlos Mesters, o teólogo franciscano Leonardo Boff e João Batista Libânio, teólogo jesuíta.

Ainda no mesmo período, Frei Betto ministrou cursos, publicou livros e artigos. A Caritas¹⁰⁸ da região foi transformada em polo de educação popular ligada as CEBs. O objetivo era formar quadros para associações de moradores, sindicatos e pastorais operárias. Frei Betto participou da construção do folheto litúrgico *Caminhada*, além de “traduzir” para uma linguagem popular materiais produzidos pela Igreja Católica.

Em Vitória, Frei Betto dedicou-se profundamente aos movimentos populares. Entendia que a base seria capaz de transformar a sociedade. Logo, era fundamental o trabalho de educação popular. Formar um cidadão capaz de se libertar do capitalismo era seu objetivo. Mas, quando entendeu que era chegado o momento, partiu para trabalhar no ABC paulista. No final da década de 1970, transferiu-se para São Paulo, atuando principalmente na Pastoral Operária de São Bernardo do Campo e Diadema.

Em meados dos anos setenta, o General Ernesto Beckmann Geisel é eleito Presidente da República. Assume o governo e propõe o projeto de abertura política através da “distensão lenta, segura e gradual”¹⁰⁹. A ditadura militar encontrava-se desgastada, principalmente, pelas denúncias de torturas, assassinatos e desaparecimentos de opositores. O projeto era gradualmente aumentar as liberdades, até que fosse seguro os militares saírem do comando do país.

O Brasil atravessava crise econômica que parecia agravar-se a cada dia. O preço do petróleo aumentou consideravelmente. Aliado a isso, destacaram-se elevados juros da dívida externa, altos índices de inflação e crescimento do desemprego.

Durante o governo Geisel, houve avanços e retrocessos em relação à abertura política. Militares que torturaram e assassinaram o jornalista Wladimir Herzog¹¹⁰ foram

¹⁰⁸ A Caritas Internacional é uma confederação de 162 organizações humanitárias da Igreja Católica que atua em mais de duzentos países. Coletiva e individualmente a sua missão é trabalhar para construir um mundo melhor, especialmente para os pobres e oprimidos.

¹⁰⁹ Recentes pesquisas da FGV apresentam o governo Geisel como ainda bastante autoritário e centralizador.

¹¹⁰ Vladimir Herzog, o Vlado, foi jornalista, professor e cineasta brasileiro. Estudou Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) e iniciou a carreira de jornalista em 1959, no jornal *O Estado de São Paulo*. Em 1975, Vladimir Herzog foi escolhido pelo secretário de Cultura de São Paulo, José Mindlin,

punidos. Foi abolido o Ato Institucional número 5 – AI-5 e, com ele, as limitações à liberdade. Em contrapartida, houve o fechamento do Congresso Nacional, a aprovação do Pacote de Abril¹¹¹ e a criação dos “senadores biônicos”¹¹².

No final da década de setenta, assume a Presidência o General João Batista Figueiredo. É aprovada a Lei da Anistia¹¹³. Exilados políticos voltaram ao país. Também houve reforma política que extinguiu o bipartidarismo e propiciou o surgimento de novas legendas partidárias.

No meio militar, a abertura política não foi unanimidade. A Ala mais radical se negava permitir a transição para a democracia. O atentado a bomba no Riocentro e na Catedral de Nova Iguaçu são exemplos de ações que pressionaram o governo a não acabar com a ditadura.

Ao mesmo tempo, o ABC paulista representava a ebulição do movimento sindical. São Paulo concentrava boa parte da produção automotiva do país. As fábricas paulistas empregavam milhares de operários. Suas indústrias revelavam importantes quadros para os sindicatos. Destaca-se o metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva que, posteriormente, tornou-se Presidente do Brasil. Frei Betto tinha muito interesse nos movimentos operários. Partiu dele o desejo de procurar o bispo local – Dom Cláudio

para dirigir o jornalismo da TV Cultura. Em 24 de outubro do mesmo ano, foi chamado para prestar esclarecimentos na sede do DOI-Codi sobre suas ligações com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Sofreu torturas e, no dia seguinte, foi morto. A versão oficial da época, apresentada pelos militares, foi a de que Vladimir Herzog teria se enforcado com um cinto. *Fonte: memoriasdaditadura.org.br*

¹¹¹ Duas semanas depois de usar o *Ato Institucional nº 5 (AI-5)* para fechar o Congresso Nacional, o general presidente *Ernesto Geisel* baixa um conjunto composto por uma emenda constitucional e seis decretos autoritários com o objetivo de conter o avanço eleitoral da oposição e garantir sobrevivência à ditadura. O Pacote de Abril, como ficou conhecido, devolveu à Arena o controle do Legislativo, cancelou as eleições diretas para governador previstas para o ano seguinte e determinou a escolha indireta de um terço dos senadores, entre outras medidas. Foi o maior retrocesso político no país desde a edição do AI-5, em dezembro de 1968. *Fonte: <http://memorialdademocracia.com.br>*

¹¹² O nome senadores biônicos foi dado aos parlamentares escolhidos diretamente pelo governo para ocupar um terço das cadeiras do Senado, nos últimos anos da ditadura militar.

Os senadores biônicos faziam parte do conjunto de medidas conhecidas como “Pacote de Abril”, uma ação do governo do general Geisel lançada em abril de 1977, que, além dos senadores biônicos, aumentava o mandato presidencial para seis anos e modificava a composição da Câmara dos Deputados, dando maior representação às bancadas do norte e nordeste do Brasil. Essas regiões recebiam uma forte influência política da ARENA, partido conservador de sustentação do regime militar.

¹¹³ A Lei da Anistia Política foi promulgada em 1979, no governo do presidente João Baptista Figueiredo, para reverter punições aos cidadãos brasileiros que, entre os anos de 1961 e 1979, foram considerados criminosos políticos pelo regime militar. A lei garantia, entre outros direitos, o retorno dos exilados ao País, o restabelecimento dos direitos políticos e a volta ao serviço de militares e funcionários da administração pública, excluídos de suas funções durante a ditadura. *Fonte: Governo Federal, setor de cidadania e justiça (www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica)*

Hummes¹¹⁴ – e oferecer-se para atuar naquela diocese. Em São Paulo, o dominicano atuou principalmente nos sindicatos e nas CEBs. Lula, Frei Betto conheceu num encontro que reunia sindicalistas e militantes populares. Foi em Minas Gerais, no ano de 1980. Sobre o operário que chegou à Presidência da República, Frei Betto afirma:

Em 1982 o PT, que já congregava quatrocentos mil militantes em todo o Brasil, lançou Lula candidato a governador de São Paulo. Apesar da falta de recursos da campanha e dos preconceitos de classe do eleitorado, Lula obteve 1 milhão e 200 mil votos. Em 1986, elegeu-se à Assembleia Nacional Constituinte com 652 mil votos, o maior índice obtido por um deputado federal naquela eleição. Dos 572 municípios de São Paulo, ele recebeu votos em 568, sobretudo nas regiões industriais. Na Constituinte, sua atuação em favor dos interesses dos trabalhadores foi considerada exemplar pela imprensa especializada. Presidente do Partido, eleito desde sua fundação em 1980, Lula deixou o cargo em 1987, reforçando o princípio do rodízio na direção partidária. Desde então, tornou-se presidente de honra do PT. E ajudou a fundar a CUT, a CMP – Central de Movimentos Populares e o Instituto Cidadania, do qual foi presidente. Agora, é o Presidente do Brasil¹¹⁵.

Em 1980, Lula liderou importante greve. Para Frei Betto, a paralisação ajudou no crescimento político do sindicato. Lula desejava o sindicalismo na política. Desta forma, era iminente partido que representasse a vontade popular. Durante esta greve, formou-se, sob a orientação de Frei Betto, a Pastoral Operária de São Bernardo e Diadema. O grupo era formado por quadros da JOC – Juventude Operária Católica, Pastoral da Juventude e sindicatos. Nas reuniões, havia comparação dos textos bíblicos com a vida dos trabalhadores. Distribuíam tarefas nos sindicatos, movimentos populares e Igreja. Usavam o método ver, julgar e agir. Havia também retiros anuais das pastorais do ABC. Segundo a jornalista Antônia Carrara, “a Toinha”, coordenadora da Pastoral Operária de São Bernardo do Campo:

Frei Betto nos formava em todos os sentidos. Ele nos orientava teoricamente, em leituras do marxismo, e também em questões de ordem prática. Pedia sempre pra a gente ter cuidado, porque

¹¹⁴Em 1975, teve sua ordenação episcopal celebrada em Porto Alegre por dom Aloísio Lorscheider e foi nomeado bispo coadjutor com direito de sucessão da diocese de Santo André (SP), onde permaneceria até 1996. Nesse período, integrou a Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB de 1976 a 1998, e foi assistente nacional da Pastoral Operária de 1979 a 1990. Durante as greves de operários metalúrgicos da região do ABC paulista – Santo André, São Bernardo e São Caetano – que ocorreram em 1978 e 1979, teve atuação destacada, abrindo as portas da igreja matriz de Santo André para que ali fossem realizadas as reuniões que permitiram planejar e conduzir o movimento. Em 1980, foi eleito pelos bispos da CNBB delegado junto ao Sínodo dos Bispos sobre a Família. (CPDOC- FGV)

¹¹⁵FREI BETTO, op. Cit., p. 303 e 304.

estávamos na época da ditadura; sempre guardar algum dinheiro caso fosse preciso sair do país¹¹⁶.

O trabalho de Frei Betto no ABC durou 22 anos. Foi das suas atividades de maior importância e durabilidade. Muitos militantes foram formados para movimentos sociais, sindicatos, Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Partido dos Trabalhadores (PT). Era importante debater a participação dos cristãos na sociedade. Os movimentos sociais causavam parte do desgaste da ditadura militar.

No livro *A mosca azul – reflexão sobre o poder*¹¹⁷, Frei Betto relata a fundação do Partido dos Trabalhadores. Lula sentia necessidade de partido político que representasse a classe trabalhadora. Trabalhador tinha que votar em trabalhador, pensava Lula. A ideia do novo partido teria surgido durante congresso sindical na Bahia, em 1978. O PT nasce num “caldeirão” que englobava movimento sindical, Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação. Porém, certo afastamento se fazia necessário. O PT não deveria ser partido exclusivamente cristão e as CEBs deveriam evitar politização que as afastasse da fé evangélica. Segundo Frei Betto:

A proposta do PT, lançada oficialmente no mês seguinte ao nosso encontro, afinava-se com as expectativas das Comunidades Eclesiais de Base. Nutridas pela Teologia da Libertação, que sistematiza os princípios norteadores da relação fé e política, elas não se deixaram absorver pelos núcleos do PT. Nem cederam à tentação de confessionalizar a política, propor um partido cristão, negando assim a laicidade intrínseca às instituições sociais da modernidade. Nem o PT pretendeu repetir o erro cometido em países socialistas, cujos partidos comunistas fizeram de sindicatos e movimentos sociais meras correias de transmissão de seus propósitos políticos¹¹⁸.

Frei Betto faz questão de ressaltar que nunca foi filiado a partido político. Porém, se considera essencialmente politizado. Para Betto, fé e política são inseparáveis¹¹⁹. Sua atividade social seria exigência da fé. Sua religiosidade exigiria engajamento constante. Por carregar fé que se propõe plural, evitou vínculo direto com

¹¹⁶AMÉRICO FREIRE e IVANIZE SYDOW, op. Cit., p.199

¹¹⁷BETTO, Frei. *A mosca azul – reflexão sobre o poder*. Ed. Rocco, RJ, 2006.

¹¹⁸Ibid., p. 57

¹¹⁹No livro *Fidel e a religião, conversas com Frei Betto*, o autor relaciona esta unidade entre fé e política à concepção hebraica de não divisão entre matéria e espírito. Nas palavras de Frei Betto: “A espiritualidade não diz respeito apenas à nossa vida espiritual. Diz respeito ao homem todo, em sua unidade espírito-corpo. Para o hebreu não há essa divisão entre matéria e espírito”. BETTO, Frei. *Fidel e a religião, conversas com Frei Betto*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985 (23ª edição, 1987), p. 63.

instituição partidária. Embora, tenha contribuído de forma considerável para a formação do Partido dos Trabalhadores¹²⁰.

Frei Betto teve participação ativa nas campanhas de Lula à Presidência da República. Foi importante consultor e companheiro de viagens. Procurava apoio tanto da Igreja Católica quanto de outras religiões. Chegou a aparecer em diversas fotos ao lado do futuro presidente. Também escreveu artigos que defendiam a candidatura do petista. Em companhia de outros intelectuais, ajudou construir imagem do PT junto à opinião pública. Assim, o Partido dos Trabalhadores ganhou capital político, culminando com a vitória de 2002¹²¹.

Frei Betto foi dirigente nacional do Programa Fome Zero¹²² e dedicou-se bastante ao projeto. Ocupou um gabinete em Brasília. Viajou pelo país. Reuniu-se com políticos. Deu entrevistas. Ministrou palestras. Escreveu cartilhas. Foi ao exterior buscar apoio. Betto afirma que desejava a erradicação da fome no Brasil. Por isso, tentou unir, em torno do projeto, igrejas, universidades, partidos políticos, ONGs, sindicatos e movimentos populares. Ajudou na criação das Escolas Irmãs - rede de solidariedade entre escolas de várias partes do Brasil. Auxiliou no desenvolvimento do Talher - projeto de educação popular inspirado na metodologia de Paulo Freire. Não bastava, acredita Betto, acabar com a falta de alimentos. Era preciso saciar outras fomes – de beleza, cidadania, cultura, política e autonomia financeira¹²³. Sobre sua saída do governo Lula, Frei Betto assim escreveu:

Quando ele me convidou para ser assessor especial em algo que tem a ver com a minha trajetória pastoral, que é cuidar dos mais pobres entre

¹²⁰ Pode-se entender que aqui ocorre contradição entre o discurso e a prática de Frei Betto.

¹²¹ Este apoio direto a candidatura de Lula, obviamente, produziu diversas críticas dos setores políticos e religiosos conservadores brasileiros.

¹²² Trinta dias após assumir o governo, Lula lança o Programa Fome Zero, cujo desafio é integrar políticas estruturais e emergenciais no combate à fome. Com essa medida, o presidente começa a pôr em prática a principal bandeira de sua plataforma eleitoral e de sua trajetória política. No Brasil do início de 2003, 44 milhões de pessoas viviam com menos de 1 dólar ao dia, em situação de insegurança alimentar. Até janeiro de 2004, o programa beneficiaria 11 milhões de pessoas em 2.369 municípios, concentrados especialmente no semiárido e nas regiões mais pobres do Nordeste brasileiro. Nesse período, seria criado o Cartão Alimentação, para possibilitar às famílias a compra direta de alimentos, e o Programa de Aquisição de Alimentos, com compras públicas dirigidas para a agricultura familiar. O Programa Fome Zero enfrentaria sérias dificuldades em sua implementação, especialmente na articulação com as demais políticas de seguridade social. Mesmo assim, a experiência de garantir renda mínima para as populações mais pobres se aprofundaria e seria o embrião do Bolsa Família, lançado em janeiro de 2004, que se tornaria o maior e mais bem-sucedido programa de transferência de renda do mundo. Fonte: Memorial da Democracia (www.memorialdademocracia.com.br)

¹²³ Frei Betto afirma em entrevistas que um dos erros dos governos do PT foi não alfabetizar politicamente a população brasileira.

os pobres, que são os famintos. Mas, depois de dois anos de governo, cheguei à conclusão de que o serviço público não é a minha vocação. E também porque fui trabalhar no Fome Zero, que era um programa de caráter emancipatório, e considero o Bolsa Família bom, mas de caráter compensatório. O Fome Zero era melhor. Discordei - isso descrevi detalhadamente no livro "Calendário do Poder" - e aí resolvi pegar o meu boné e voltar para casa. Mas ficou a amizade, tenho apreço, admiração e ele contará sempre com meu voto¹²⁴.

1.2 Frei Betto: religiosidade

A espiritualidade de Frei Betto é intimamente relacionada à ação. “Para a Teologia da Libertação, querer separar religião e política é o mesmo que, numa pessoa, pretender isolar o espírito do corpo”, afirma Betto¹²⁵. Frei Betto é portador de religiosidade que se transforma ao agir no mundo. Ideal de justiça e felicidade que os cristãos associam à ideia de Reino de Deus. Na visão de Betto e de outros cristãos liberacionistas, o conceito teológico – Reino de Deus – se faz ação. Ação pastoral e social. Assim, o Reino de Deus não seria lugar distante a ser experimentado na outra vida. Mas, reino de igualdade pensado por Jesus que deve ser vivenciado aqui e agora.

Ao falar de si mesmo, Frei Betto, constantemente, fala das utopias¹²⁶. “Sou um viciado em utopias”¹²⁷. “Tornei-me precocemente um militante, movido a fé, idealismo e utopia”¹²⁸, escreve nosso autor. Pode-se pensar para representá-lo, em imagem advinda do imaginário bíblico. Refiro-me ao vaso nas mãos do oleiro. No caso de Betto, não seria simplesmente moldado pelo Criador. Pelo contrário, representaria um ser construído no processo de transformação da sociedade. Na sua concepção de vida não

¹²⁴ Entrevista concedida por Frei Betto a Zelmar Guiotto. Fonte: *ZH on line*- 23/11/ 2013.

¹²⁵ Betto, Frei. *Um Deus muito humano. Um novo olhar sobre Jesus* - 1ª edição – São Paulo: Editora Fontanar, 2015, p. 56.

¹²⁶ O teólogo Leonardo Boff entende que a utopia é constituída por projeções que inspiram a busca de novas práticas e dão significado as lutas contra as injustiças sociais. Através da utopia é possível enxergar além da realidade aparente. Assim, a utopia seria o ideal que ao mesmo tempo subverte a realidade e impulsiona a luta pela transformação social. Sobre as concepções de Leonardo Boff a respeito da utopia consultar a obra *O Despertar da Águia*, Editora Vozes, 25ª edição, p. 116.

¹²⁷ Muitas vezes, Frei Betto também afirma: “estou convencido que quanto mais utopias, menor o uso de drogas e quanto menos utopias, maior o uso de drogas”. Estas frases aparecem constantemente nos textos e entrevistas.

¹²⁸ FREI BETTO, op. cit., p. 22.

deve haver neutralidade. Ser neutro significa aceitar as injustiças. Buscar a neutralidade é compactuar com pecados sociais. De forma recorrente, Frei Betto cita o bispo sul-africano Desmond Tutu. O Nobel da Paz dizia que não há nada mais ideológico do que afirmar-se sem ideologia. Nesta linha de raciocínio, não há nada mais político do que dizer que religião não tem relação com política. “Sou cidadão visceralmente político”, afirma Frei Betto¹²⁹.

Segundo Frei Betto, Jesus, através da preferência pelos pobres e projeto de vida igualitária, teria articulado profundamente fé e política. Nele não haveria opção pela neutralidade. Pelo contrário, existiria determinada vivência a partir da causa dos menos favorecidos. Assim, a negação dos direitos essenciais dos pobres seria um pecado social.

Então, para o frade em questão, qual seria a melhor maneira de servir a Jesus? Por intermédio do serviço às causas dos pobres. Por isso, a religião e a política seriam inseparáveis. E só nos tornaríamos verdadeiramente filhos de Deus na medida em que o pão for realmente de todos. Criticando o modelo capitalista, Frei Betto afirma que nenhum sistema pode colocar a propriedade privada acima da vida.

No seu livro *Um Deus muito humano. Um novo olhar sobre Jesus*¹³⁰, Frei Betto defende a libertação social, inclusive dos opressores. Isso se daria na superação da desigualdade social. Também deveriam ser superados preconceitos, miséria e fome. Nesta obra, o autor ressalta que as preocupações com a vida eterna, nos evangelhos, nunca saem da boca dos pobres. Na época de Jesus, afirma Betto, aqueles que se preocupavam com a Salvação eram os que já tinham garantido a sobrevivência terrena. Os pobres, pelo contrário, estavam ocupados com as dificuldades da vida: deficiência física, doenças, morte de parentes e fome. Para Frei Betto, Jesus se identifica com os excluídos da sociedade e a dedicação a eles é a melhor maneira de servir a Deus. É condição *si ne qua non* para se chegar a Salvação.

Segundo Frei Betto, a pobreza se faz à medida que faltam bens essenciais à vida, vida que é o maior presente dado por Deus. Logo, os pobres são defendidos, pois sua condição é fruto da injustiça social. Na concepção evangélica de Frei Betto, o Deus que

¹²⁹Ibid., p. 11.

¹³⁰FREI BETTO, op. cit.

Jesus pregava não aceita nenhum modelo político que leve a morte (...) “na casa de Jesus, entra, de preferência, quem é pobre ou faz opção pelo pobre”¹³¹.

Para Frei Betto, o liberalismo e o marxismo privilegiam alguns seres humanos em detrimento de outros. O Deus revelado por Jesus, segundo o autor, rejeita modelos políticos que não preservem a vida. “Eu vim para que tenhais vida e vida em abundância”¹³². Assim, na revolução cultural de Jesus, todos seriam iguais. Não haveria diferenças relacionadas às raças, à sexualidade, às classes econômicas, a fatores políticos ou sociais. Além disso, o Messias, personagem histórico, estaria mergulhado nos conflitos políticos da Palestina. Naquela localidade não haveria separação entre religião e política. Para Frei Betto, Jesus Cristo, pois, exigiria encontro com Deus a partir da pólis. Assim, não faria sentido que Deus estivesse distante do que acontece na Terra. Da mesma forma que ninguém poderia ser dizer cristão num mundo em que tantos morrem de fome¹³³.

No entanto, é no mínimo vergonhoso constatar que hoje, segundo a FAO, mais de 1 bilhão de pessoas vivem, no mundo, em estado de desnutrição crônica. Isso em países ditos cristãos, mulçumanos, budistas... Para que serve uma religião cujos fiéis não se sensibilizam com a fome alheia? Por que tanta indiferença diante dos povos famintos? O que significa adorar a Deus se ficamos de costas ao próximo que padece de fome?¹³⁴

Frei Betto pensa num cristianismo de engajamento, em que a justiça social seja caminho à Salvação. Os pobres, prediletos do Senhor de acordo com a tradição bíblica, devem ser privilegiados. Assim, segundo esta concepção, Deus só será realmente pai nosso quando todos tiverem acesso ao pão nosso de cada dia.

A ressurreição de Jesus é um convite à nossa, ainda nesta vida. Livrar-nos de todos os sinais de morte – injustiça, conformismo, desalento, desesperança – e abraçar a justiça, o sonho, a utopia, a esperança, sem os quais o amor não passa de um sentimento inócuo¹³⁵.

Para Betto a ressurreição ocorre ainda neste mundo. Entende-se que esteja falando não da morte física, mas, simbolicamente, da morte do “homem velho”. Conforme descrito pelo apóstolo Paulo – aquele ligado ao egoísmo, individualismo,

¹³¹ Ibid., p.85.

¹³² Estas referências podem ser encontradas no capítulo 10 do evangelho de João.

¹³³ Embora se afirme contrário aos pressupostos do liberalismo e do marxismo, entendemos que a análise feita por Frei Betto da Palestina dos tempos de Jesus, encontra-se bastante influenciada pelos conceitos marxistas.

¹³⁴ FREI BETTO, op. Cit., p. 115.

¹³⁵ Ibid., p. 101.

lucro desenfreado, concorrência desleal, injustiça e desumanidade – características que atualizando a passagem paulina do Novo Testamento, Frei Betto relaciona ao modelo capitalista de produção. Logo, a preferência pelos pobres e a aversão à acumulação de bens causam constrangimentos numa sociedade baseada em desigualdades e concorrências desenfreadas. Por isso, a ressurreição seria o nascimento de nova consciência, voltada à coletividade, alteridade, partilha e justiça social.

O socialismo se aproximaria, pois, do modelo ideal pensado por Betto. Segundo o autor: “Deus só pode ser aclamado como ‘Pai Nosso’ à medida que o pão não for só meu ou teu, mas nosso, de todos”¹³⁶. Em palestra recente, o dominicano afirmou que “o socialismo é o nome político do amor”¹³⁷. Porém, Frei Betto destaca a importância do marxismo. Não como dogma político, mas como instrumental de análise social. Para Betto, a espiritualidade não pode abrir mão do arcabouço teórico das ciências sociais. Por meio destas últimas, seria possível compreender as mazelas do mundo, e mais do que isso, encontrar meios de superá-las.

A religiosidade de Frei Betto está intimamente ligada aos preceitos da Teologia da Libertação¹³⁸. Esta concepção teológica, segundo o dominicano, “(...) fala de Deus a partir do lugar social dos oprimidos, e isso delinea o seu perfil”¹³⁹. O primeiro contato de Betto com esta teologia se deu nos tempos da prisão. Frei Betto não tem certeza como aconteceu, mas, supõe que tenha ocorrido através das cartas que trocava com os teólogos Leonardo Boff e Carlos Mesters. Foi também na cadeia que Frei Betto leu pela primeira vez o clássico de Gustavo Gutierrez – *Teologia da Libertação*¹⁴⁰.

Conclui-se daí que o teólogo da libertação é um intelectual orgânico intimamente ligado aos movimentos populares. Desta forma, a teologia surgiu não de

¹³⁶ BETTO, Frei. *A mosca azul – reflexão sobre o poder*. Ed. Rocco, RJ, 2006, p.300

¹³⁷ Palestra realizada em conjunto com os teólogos Leonardo Boff e Ivo Lesbaupin, em maio de 2017, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro.

¹³⁸ Na sua obra Frei Betto afirma que: “A teologia que hoje se produz na América Latina a partir dos pobres – conhecida como Teologia da Libertação – assume conscientemente sua incidência política e suas mediações ideológicas. Trata-se de uma teologia que não nasce do limbo acadêmico das universidades ou das bibliotecas, mas sim da luta de milhares de Comunidades Eclesiais de Base que fertilizam a nossa fé com o sangue de inúmeros mártires como frei Tito de Alencar Lima e monsenhor Oscar Romero, de El Salvador, abatidos pelas forças da opressão” (FREI BETTO, op. Cit., p. 304).

¹³⁹ FREI BETTO, op. Cit., p.148.

¹⁴⁰ Segundo Frei Betto: “Gustavo Gutierrez não poderia ter escrito a sua clássica obra, lançada em 1971, se não tivesse entrado em contato com todo esse movimento favorecido pelo Concílio Vaticano II (1963-1965) e confirmado pelos bispos do continente na reunião de Medellín (1968). Não por acaso o teólogo peruano dedicou a sua obra ao padre Henrique Pereira Neto, assassinado em 1969, no Recife, pela ditadura militar”.

intelectos favorecidos, mas de uma práxis libertadora junto aos mais carentes. A Igreja Católica constantemente se pensou como composta por hierarquia e fiéis. A Teologia da Libertação irá destacar exatamente o papel e a importância dos fiéis, “Povo de Deus”, em detrimento da tradicional maneira de se conceber a Igreja, excessivamente rígida e hierarquizada.

Em outras palavras, a realidade social excludente da América Latina e as lutas dos movimentos sociais criaram a Teologia da Libertação que brota da pobreza latina. Segundo Gustavo Gutierrez, o objetivo principal não é ensinar teologia ao menos favorecidos, mas permitir que os pobres expressem o seu próprio pensamento teológico. O importante é libertar os pobres, fazendo assim a vontade de Deus.

(...) basta olhar em volta e indagar-nos que importância damos aos atuais “nazarenos”: sem-terra e sem teto, oprimidos e encarcerados, funcionários subalternos e pessoas destituídas de valor agregado. Segundo Mateus (25, 31-46), é neles que Jesus quer ser reconhecido, servido e amado. É por eles que Deus Salvador entra em nossas vidas¹⁴¹.

Entre os anos de 1986 e 1990, Frei Betto realizou diversas viagens ao mundo socialista. Destacam-se, entre outras, as idas a Cuba, Nicarágua, Rússia e a Polônia de Lech Walesa. Em Cuba, Betto entabulou relação de admiração mútua com Fidel Castro. Da entrevista realizada com o Presidente Cubano surgiu o livro *Fidel e a religião*¹⁴² que vendeu milhões de cópias mundo a fora. Os ecos do livro nos países socialistas foram bastante significativos, pois, alguns Governantes e representantes eclesiásticos desejaram, aos moldes do trabalho feito em Cuba, que Frei Betto ajudasse a articular em suas nações as relações entre o Estado e as Igrejas.

Em Cuba, Frei Betto trabalhou vinte anos no diálogo entre governo e Igreja Católica. A Igreja cubana era marcada pelo conservadorismo da Espanha franquista. Porém, a atuação do dominicano produziu certa abertura do clero às ideias progressistas. Frei Betto não era unanimidade em Cuba. Enquanto parte da hierarquia eclesiástica não o via com bons olhos, o povo na sua grande maioria o admirava. Talvez o maior

¹⁴¹FREI BETTO, op. Cit., p. 47.

¹⁴²FREI BETTO, op. Cit.

admirador de Frei Betto em Cuba seja o próprio Fidel Castro. O Presidente cubano dizia aos amigos que somente o brasileiro seria capaz de convertê-lo ao cristianismo¹⁴³.

As viagens de Frei Betto aos países socialistas não ficaram imunes às críticas e decepções. Exemplo marcante ocorreu numa viagem à Polônia. Durante reunião no sindicato Solidariedade¹⁴⁴, Betto foi criticado por ter se encontrado com os comunistas que governavam aquele país. Foram muitos os questionamentos. Frei Betto, segundo afirma, foi muito pressionado. Os sindicalistas queriam saber por que Betto se reuniu com aqueles que prenderam Lech Walesa. Durante a conversa, um dos líderes do Solidariedade questionou qual seria a reação do dominicano caso Walesa tivesse viajado ao Chile para se encontrar com Pinochet. A resposta de Frei Betto representa muito do que pensa sobre si mesmo. Dizendo ser um homem de diálogo, afirmou que seria capaz de dialogar até mesmo com o diabo e se estivesse convencido de que isso ajudaria o povo chileno, dialogaria também com Pinochet¹⁴⁵.

Frei Betto tem grande publicação editorial. Atualmente, trabalha em pastorais populares, assessora movimentos sociais, escreve artigos e ministra palestras mundo a fora. “A vida é curta para todos os meus projetos. E não cabe nos meus sonhos”, afirma Betto¹⁴⁶.

No próximo capítulo dissertaremos sobre memória. Passado que nasce da oralidade. Recordações desenvolvidas na escrita. Construções individuais e coletivas. Percepções pretéritas que organizam presente e projetam futuro.

Debateremos os pressupostos teóricos da memória. Para tanto utilizaremos principalmente as reflexões de David Lowenthal, Jacques Le Goff e Gilberto Velho.

¹⁴³Em entrevista concedida no ano de 20015, Frei Betto afirma que “Hoje, em Cuba, são excelentes as relações entre Igrejas e religiões em geral e a Revolução”. Na sua avaliação, o livro *Fidel e a religião* foi fundamenta para diminuir as tensões entre cristãos e comunistas, diminuindo o medo dos primeiros ao passo que subtraia os preconceitos dos segundos. Entrevista concedida por e-mail ao jornalista Bolívar Torres. A mesma foi publicada no Jornal *O GLOBO* em 01/08/2015.

¹⁴⁴Recebeu o nome de Solidariedade federação sindical polonesa fundada a 31 de agosto de 1980 no Estaleiro Lénin. O Solidariedade surgiu na Polônia no início dos anos 80, com o objetivo de pressionar o governo comunista local a realizar mudanças na política do país. Seu líder, Lech Walesa (prêmio Nobel da Paz em 1983 e presidente da Polônia de 1990 a 1995) contribuiu para a transição política de um regime socialista governado por um partido único a uma economia de mercado nos moldes dos países da Europa Ocidental. Fonte:verbete de autoria de Emerson Santiago.

¹⁴⁵Referências a esta história podem ser encontradas na obra de Frei Betto *Paraíso Perdido. Viagens ao mundo socialista*. Ed. Rocco. 1ª ed. Rio de Janeiro, 2015, p. 260.

¹⁴⁶BETTO, Frei. *O que a vida me ensinou*. 1ª edição, Ed. Saraiva, SP, 2013, p. 11.

Analisaremos o passado - país estrangeiro – e a memória enquanto formadora das personalidades, identidades coletivas e projetos futuros.

Por fim, discutiremos como Frei Betto constrói sua memória. O autor possui ampla produção literária. Assim, escolhemos obra que represente sua memorialística. Separamos *Batismo de Sangue*- os dominicanos e a morte de Carlos Marighella¹⁴⁷. A obra debate a relação dos dominicanos com a luta armada durante a ditadura militar. Sendo assim, marca de forma expressiva a trajetória de nosso autor. Uma vez que, segundo Frei Betto, “somos resultado de vivências que nos moldaram”¹⁴⁸.

Capítulo II – Análise do conceito de memória a partir da obra *Batismo de Sangue* – os dominicanos e a morte de Carlos Marighella

A memória é fragmentada. O sentido de identidade depende, em grande parte, da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados. O passado, assim, é descontínuo¹⁴⁹.

2.1 O conceito de memória

É notória a importância da memória. Compreender seu desenvolvimento é fundamental para aqueles que desejam entender o passado. Porém, conceituá-la não é tarefa simples. A memória perpassa várias áreas do conhecimento humano. Assim, requer análise bastante minuciosa, caso contrário, erros conceituais poderão ser cometidos.

Segundo o historiador francês Jacques Le Goff¹⁵⁰, a memória é a capacidade humana de guardar informações. Está diretamente relacionada às funções psicológicas.

¹⁴⁷BETTO, Frei. *Batismo de Sangue. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Ed. Bertrand Brasil – RJ, 1987.

¹⁴⁸BETTO, Frei. *Reinventar a vida*. Editora Vozes, Petrópolis, 2014, p. 56 e 57.

¹⁴⁹VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 103.

¹⁵⁰Jacques Le Goff, importante historiador francês que se dedicou ao estudo da Idade Média. Fez parte da terceira geração da Escola dos *Annales*, dedicando grande parte de sua obra à História das Mentalidades. Fez estudos aprofundados sobre a cultura e mentalidade do homem medieval. Em sua vasta obra,

Porém, a memória não é estática. Atualiza, reinterpreta e modifica percepções sobre o passado. Desta forma, auxilia na formação da identidade - individual e coletiva. A identidade socialmente produzida – memória social - é fundamental para compreender a História. Nas sociedades antigas, o passado foi preservado através da oralidade. Ao longo do tempo, a escrita e os monumentos também se tornaram importantes. Porém, ao contrário de outros campos de estudo, as pesquisas sobre a memória são recentes na historiografia¹⁵¹. Começaram somente a partir da Nova História¹⁵², em meados do século XX. Nos primeiros estudos, os historiadores dedicaram-se principalmente à memória transmitida pela oralidade. Para estes cientistas o importante era compreender como passado e presente são percebidos pelos diversos grupos sociais.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs¹⁵³ diferenciou História e memória. Segundo o autor, há apenas uma História, enquanto, as memórias são muitas. Além disso, a História se relacionaria somente ao passado enquanto a memória estaria ligada ao presente. Nesta chave de leitura, estes conceitos devem ser analisados separadamente. Sendo assim, recordações não poderiam ser consideradas fontes históricas.

(...) tal como a de Maurice Halbwachs, que pressupõe formações de memórias sociais e de grupos relativamente estáveis – não são adequadas para dar conta da dinâmica atual da mídia e da temporalidade, da memória, do tempo vivido e do esquecimento. As contrastantes e cada vez mais fragmentadas memórias políticas de grupos sociais e étnicos específicos permitem perguntar se ainda é possível, nos dias de hoje, a existência de formas de memória

considerada referencial para o estudo da Idade Média, abordou aspectos sociológicos, psicológicos, religiosos, antropológicos, artísticos, comportamentais, econômicos e sociais.

¹⁵¹A Filosofia, a Sociologia, a Antropologia e a Psicanálise já estudavam o tema. Sigmund Freud identificou em seus pacientes a capacidade de recordar, esquecer, modificar e adaptar memórias. A partir dos estudos freudianos, consciente e inconsciente foram reconhecidos como componentes da personalidade humana.

¹⁵²Nova História (em francês *Nouvelle Histoire*) é a corrente historiográfica surgida nos anos 1970 e correspondente à terceira geração da chamada Escola dos Annales.

¹⁵³Maurice Halbwachs, sociólogo francês da escola durkheimiana. Escreveu tese sobre o nível de vida dos operários. Das suas obras mais célebres, destaca-se o estudo do conceito de memória coletiva. Lecionou em vários liceus antes de estudar na Universidade de Gottingen, na Alemanha. Retornou à França, onde encontrou-se com Émile Durkheim. Reuniu-se ao conselho editorial do *Année Sociologique*, onde editou a seção de economia e estatística. Voltou à Alemanha para estudar marxismo e economia em Berlim. Durante a Primeira Guerra Mundial, trabalhou no Ministério da Guerra. Logo após o conflito, tornou-se professor de sociologia e pedagogia na Universidade de Strasbourg. Manteve a posição por uma década. Foi também professor visitante na Universidade de Chicago. Em 1935 foi chamado para a Sorbonne, onde ensinou sociologia, trabalhou com Marcel Mauss e foi editor dos *Annales de Sociologie*, o jornal que sucedeu o *Année Sociologique*. Em 1944 recebeu uma das maiores honrarias da França, a cátedra de psicologia social no Collège de France. Halbwachs foi detido pela Gestapo após a ocupação nazista de Paris e deportado para Buchenwald, onde foi executado em 1945.

consensual coletiva e, em caso negativo, se e de que forma a coesão social e cultural pode ser garantida sem ela (...) ¹⁵⁴.

Já para outro autor, Antônio Montenegro ¹⁵⁵, História e memória são indissociáveis. A História estuda o passado formado por memórias individuais. Logo, há clara impossibilidade de separar os conceitos.

Ao dedicar-se ao estudo da memória, os historiadores interessam-se principalmente pelas lembranças coletivas - recordações pertencentes à comunidade. O estudo deste tipo de memória iniciou-se pela análise da oralidade. Mas, lembranças produzidas oralmente possuem algumas especificidades. Relacionam-se ao cotidiano: enchentes, acidentes, guerras ou colheitas. Muitas vezes, supervalorizam fatos antigos e possuem marco fundador do grupo social (é comum haver mito que justifique a grandeza e a existência comunitária). Geralmente, há simplificação da noção do tempo com lacunas entre presente e passado. A temporalidade não se funda em datas, mas, é relacionada a imagens e paisagens. O esquecimento serve para esconder o que não interessa à coletividade. Quase sempre, símbolos são mais importantes que dados cronológicos exatos ¹⁵⁶. Nas comunidades o passado é constantemente reelaborado. A memória coletiva, ao invés de se preocupar com acontecimentos, com fatos, recupera o que está intrínseco - submerso nas subjetividades.

Segundo Jacques Le Goff, a memória coletiva pode ser mais desenvolvida nas sociedades ágrafas, pois, nelas o relembrar é contínuo e a História se funde aos mitos. Por isso, nas comunidades sem escrita, surgem especialistas em memória. Guardiões do passado que mantêm a coesão do grupo social. Os *griots* ¹⁵⁷ africanos são importantes exemplos deste tipo de atuação.

¹⁵⁴HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Editora Aeroplano, Rio de Janeiro, 2000, p. 19.

¹⁵⁵Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, Mestre e Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e Pós Doutorado pela State University of New York - Stony Brook. Professor Titular de História do Brasil da Universidade Federal de Pernambuco. Autor de diversos livros e artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. Membro do conselho editorial das revistas: Territórios e Fronteiras da Pós Graduação da Universidade Federal de Mato-Grosso; História Oral da Associação Brasileira de História Oral; Tempo do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense; Clio Série -História do Nordeste da Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco; Margem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desenvolveu pesquisas na área de História e Memória, com ênfase em História do Brasil Contemporâneo atuando principalmente nos seguintes temas: Teoria e Metodologia da História, Lutas Políticas, Memória e Cultura. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

¹⁵⁶Estas características referentes à memória podem ser encontradas no *Dicionário de Conceitos Históricos* - Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva – Editora Contexto – São Paulo, 2006.

¹⁵⁷ Os *griots* são especialistas em memória coletiva. Originários de sociedades sem escrita são exemplos de tradição oral que enriquece a História. Não decoram palavra por palavra. Pelo contrário, têm

O surgimento da escrita em algumas sociedades produziu transformações nas relações com o passado. Nestas comunidades a História passou a ser registrada em documentos, provocando considerável aumento na quantidade dos registros históricos. Ao longo do tempo, até mesmo memórias eletrônicas foram criadas para dar conta do crescimento do volume das informações.

As artes plásticas, assim como a literatura, também se dedicaram à memória. O surrealismo, tendo como ícone o artista espanhol Salvador Dalí¹⁵⁸ questionava as potencialidades do passado. Outro exemplo importante é a obra *Funes o memorioso*, do escritor Jorge Luís Borges¹⁵⁹. O texto relata personagem que não esquece nada do que viveu. O resultado é trágico. Funes tem sua capacidade cognitiva comprometida. Visto que algumas funções da memória - selecionar, associar, lembrar e também esquecer - são fundamentais para saúde mental humana.

Para Jacques Le Goff, memória é conceito crucial. É cruzamento de recordações. Memórias individuais, familiares e sociais. Passado e presente interligados. Segundo o historiador francês, a memória é essencial para existência humana. Ao permitir que o passado seja preservado, auxilia na construção de identidades e personalidades.

O geógrafo e professor de Harvard David Lowenthal corrobora com o pensamento de Jacques Le Goff. Para o citado autor, as memórias se formam através de cruzamentos sobrepostos. Diversas recordações que se cruzam numa organização não linear. Memórias que se juntam a memórias. Lembranças que se entrelaçam a lembranças, construindo memórias individuais e coletivas e assim, sucessivamente.

liberdades e possibilidades criativas. Nas palavras dos *griots*, a memória é construída e reconstruída constantemente.

¹⁵⁸ Salvador Dalí, artista espanhol, conhecido principalmente por suas obras surrealistas. O trabalho de Dalí chama a atenção pela incrível combinação de imagens e pela qualidade plástica. Foi influenciado pelo classicismo. Salvador Dalí teve também trabalhos artísticos no cinema. Além disso, produziu esculturas e fotografias. Colaborou com Walt Disney no curta de animação *Destino*, lançado em 2003 e, ao lado de Alfred Hitchcock, no filme *Spellbound*. Também escreveu poemas surrealistas.

¹⁵⁹ Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo, escritor, poeta, tradutor, crítico literário e ensaísta argentino. Começou a publicar os seus poemas e ensaios em revistas literárias surrealistas. Também trabalhou como bibliotecário e professor universitário. Em 1955 foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional da República Argentina e professor de literatura na Universidade de Buenos Aires. Em 1961, destacou-se no cenário internacional quando recebeu o primeiro prêmio internacional de editores, o Prêmio Formentor Internacional, repartindo o prêmio com o dramaturgo Samuel Beckett. No mesmo ano, recebeu a condecoração da Ordem do Comendador do presidente da Itália, Giovanni Gronchi. Suas obras mais famosas, *Ficciones* (1944) e *O Aleph* (1949), são coletâneas de histórias curtas interligadas por temas comuns: sonhos, labirintos, bibliotecas, escritores fictícios e livros fictícios, religião, Deus.

Porém, “o passado é país estrangeiro”, afirma David Lowenthal¹⁶⁰. Não pode ser inteiramente conhecido. Impossível resgatá-lo. Para o autor, o passado transita no presente através de fragmentos. Mesmo assim, paradoxalmente, pode-se entender mais de determinada época do que quem a vivenciou. Por exemplo, a Idade Média pode ser mais conhecida atualmente do que nos tempos da Cristandade¹⁶¹.

O passado simplesmente como passado é totalmente incognoscível’, conclui Collingwood; somente o passado residualmente preservado no presente é cognoscível. Um passado que continuasse a existir seria um limbo, em que acontecimentos já completados ainda continuam; implicaria um mundo em que o peso de Galileu ainda está em queda, em que a fumaça da Roma de Nero ainda impregna o ar, e em que o homem inter-glacial ainda está arduamente aprendendo a lascar a pedra¹⁶².

A memória é seletiva. Recorda e esquece. Esquece fatos para se recordar de outros. Soma e subtrai. Utiliza e reutiliza o passado. Seleciona, destila, subverte e distorce lembranças. Acrescenta e retira informações para adequar-se às necessidades do presente. Produz fluxo contínuo – algumas recordações somadas ao consciente enquanto outras descartadas no inconsciente. Ainda assim, memórias se acumulam com o decorrer do tempo. Mesmo que algumas se percam, sendo outras adicionadas, memórias tendem a aumentar com o passar dos anos.

A semelhança de acervo de antiguidades, nosso repertório de lembranças preciosas está em fluxo contínuo, novas lembranças sendo adicionadas constantemente, as velhas sendo descartadas, umas emergindo à superfície da consciência presente, outras submergindo sob a atenção consciente. Lembranças, em todos esses aspectos, tendem a se acumular com a idade. Embora algumas estejam sempre se perdendo e outras se alterando, o estoque total de coisas recordáveis e recordadas aumenta à medida que a vida transcorre e as experiências se multiplicam¹⁶³.

Aqueles que dominam o passado conseguem controlar o presente. Por isso, recordações manipuladas podem gerar desastrosas consequências. Grupos que destruíram fontes histórias, por exemplo, causaram danos irremediáveis a determinadas

¹⁶⁰ Daid Lowenthal, historiador e geógrafo norte americano. Renomado pesquisador, destaca-se por seus estudos sobre memória e as relações entre o passado e os projetos futuros. Tornou-se professor departamento de Geografia da University College London.

¹⁶¹ Termo usado, muitas vezes, durante a Idade Média, para denominar o continente europeu.

¹⁶² Collingwood, “Limits of historical knowledge, p. 220-1. Citação encontrada em Lowenthal, David. Como conhecemos o passado. Tradução: Lúcia Haddad, 1998, p. 67.

¹⁶³ DAVID LOWENTHAL, op. cit., p. 78.

comunidades. Controlar a memória é desejo daqueles que dominam grupos sociais. Este controle engloba recordações e esquecimentos. Logo, saber o que foi esquecido é fundamental para compreender os mecanismos de dominação. Segundo Jacques Le Goff:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva¹⁶⁴.

As memórias individuais formam as personalidades, através da construção e reconstrução das trajetórias de vida. As Lembranças sustentam as subjetividades, pois, os seres humanos, nesse sentido, são construídos pelo passado entendido como propriedade particular. Destilado por acréscimos e perdas. Subvertido por disputas conscientes e inconscientes. Por isso, as vivências individuais não podem ser compartilhadas totalmente, mas, somente alguns resquícios das experiências humanas podem ser divididos.

A memória é cumulativa e enganosa. Anexamos lembranças dos outros às nossas recordações. Principalmente as contadas pelos familiares mais próximos. A partir de então estas histórias são tratadas como nossas. Usamos este artifício, muitas das vezes inconsciente, para confirmar a memória. Lembranças que sustentam lembranças. Sem as quais, seríamos nada mais que invenções. Não seríamos o que somos.

Na verdade, precisamos das lembranças de outras pessoas tanto para confirmar as nossas próprias quanto para lhes dar continuidade. Ao contrário dos sonhos que são absolutamente particulares, as lembranças são continuamente complementadas pelas dos outros. Partilhar e validar lembranças torna-as mais nítidas e estimulam sua emergência; acontecimentos que somente nós conhecemos são evocados com menos segurança e mais dificuldade¹⁶⁵.

Seres humanos estão em constante mudança. Logo, podem apresentar comportamentos contraditórios. O que são hoje pode diferir bastante do que foram no passado. Desta maneira, a memória pode ser terapêutica. Ao Ligar diversos momentos

¹⁶⁴Le Goff, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão. 7ª ed. revista – Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 390.

¹⁶⁵DAVID LOWENTHAL, op. cit., p. 81.

da nossa existência, forma identidades. Pode-se concluir, assim, que personalidades são somatórios de memórias.

Sabe-se atualmente que memória deficiente pode acarretar vários problemas. Entre eles, a falta de sentido para a existência. Seria semelhante a não ter personalidade. Porém, o entendimento da memória enquanto formadora da identidade é algo recente (data somente do final do século XVIII).

Em sentido oposto, pessoas e sociedades que cultivam o passado podem enriquecer o presente. A partir deste entendimento, torna-se fundamental a preservação da memória para criar personalidade solidificada e dar sentido de pertença e coesão ao grupo social.

As memórias não garantem o conhecimento total do passado, pois, as subjetividades podem produzir interpretações equivocadas e também porque não se pode recordar tudo. Não há recordações absolutamente enganosas ou puras. Até mesmo lembranças falsas tornam-se fatos quando nelas se acredita. Existem também as memórias inventadas. Não retratam a realidade, mas, são criadas para dar sentido à vida. Estas não correspondem exatamente à tradição que desejam construir. Mesmo assim, parecem coerentes. De certa forma, ligaram-se às experiências de vida, logo, dificilmente serão descartadas.

A natureza subjetiva da memória torna-a um guia a um só tempo seguro e dúbio para o passado. Sabemos quando temos uma lembrança, e seja ela verdadeira ou falsa, essa memória relaciona-se de alguma forma ao passado. Até um equívoco de memória envolve a recordação, ainda que distorcida de alguma coisa; nenhuma memória é totalmente enganosa. Na verdade, uma falsa recordação na qual se crê firmemente torna-se um fato por si só¹⁶⁶.

Boa parte das vivências, precisam ser esquecidas. Algumas memórias devem ser eliminadas. Pois, somente assim, poderá se organizar a personalidade. Para lembrar é preciso ter capacidade de esquecer. O esquecimento não é opção, mas, necessidade (biológica). Esquece-se quase tudo que se vive. Porém, não é processo consciente. Pelo contrário, destina-se, involuntariamente, ao inconsciente, grande parte das experiências vividas.

¹⁶⁶Ibid., p. 87.

Linton, ao examinar periodicamente seu diário, no qual ele anotara os principais acontecimentos do seu cotidiano durante o ano de 1972, descobriu que a memória modificara flagrantemente acontecimentos registrados dois anos antes; após três ou quatro anos muitas das informações registradas não conseguiram fazer emergir qualquer recordação. Detalhes originalmente significativos de sua vida tornaram-se fragmentos sem sentido, frases inteiras completamente ininteligíveis; e sua capacidade de recordar fatos diminuía com o passar do tempo, até que, seis anos depois, um terço dos acontecimentos registrados havia desaparecido por completo da memória¹⁶⁷.

Memórias se transformam constantemente. Tende-se a aumentar fatos e reorganizar experiências para adequar-se ao presente. “A memória é a grande organizadora da consciência”¹⁶⁸. Ou seja, subverte lembranças, transformando-as num passado idealizado. Desta forma, elimina as recordações negativas e ressalta as positivas. Novas aprendizagens modificam o passado num processo contínuo. Vive-se quase sempre a dialética entre o presente e o passado. O primeiro modificando o segundo e vice versa. Além disso, fatos que envolvem emoção geralmente são exagerados. Aumenta-se a intensidade das memórias carregadas de sentimentos. Além do que são guardadas na memória as cenas envolvidas em conteúdo emocional, enquanto aquelas que não emocionaram são eliminadas¹⁶⁹.

(...) Afinal, e para começar, muitas das memórias comercializadas em massa que consumimos são ‘memórias imaginadas’, e, portanto, muito mais facilmente esquecíveis do que as memórias vividas. Mas Freud já nos ensinou que a memória e o esquecimento estão indissolúvel e mutuamente ligados; que a memória é apenas uma outra forma de esquecimento e que o esquecimento é uma forma de memória escondida¹⁷⁰.

Reordenar lembranças - adequando-as aos desejos individuais - também é característica da memória. Sendo assim, o passado não deve ser percebido de forma linear e evolutiva. Visto que, em alguns momentos, não se consegue afirmar com certeza quando determinados fatos ocorreram. A memória quase nunca é sequencial. Geralmente, lembra-se através de fragmentos associados aleatoriamente. Deve-se concluir, então, que as recordações podem ser bastante diferentes do que foi vivenciado¹⁷¹.

¹⁶⁷Ibid., p. 97.

¹⁶⁸Ibid., p. 97

¹⁶⁹Ibid., p. 99

¹⁷⁰ANDREAS HUYSEN, op. cit., p. 18.

¹⁷¹DAVID LOWENTHAL, op. cit., p.101.

Porém, existe um conjunto de memórias de longa durabilidade que permanecem durante boa parte da vida. Contudo, mesmo estas, não são fixas. Novos acontecimentos transformam seu sentido e importância. Pode-se afirmar então que, a cada novo fato, transformações são percebidas no sistema de memórias¹⁷².

Mas, deve-se destacar que lembrar não significa reviver. Alguém que repetidas vezes vai a Roma, jamais conseguirá experimentar as emoções da primeira visita. Assim, a principal função da memória não é preservar o passado, mas sim, torná-lo compreensível. As memórias subvertem o presente a fim de tornar a existência mais plena de sentido.

A função fundamental da memória, por conseguinte, não é preservar o passado mas sim adaptá-lo a fim de enriquecer e manipular o presente. Longe de simplesmente prender-se a experiências anteriores, a memória nos ajuda a entendê-las. Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta¹⁷³.

Segundo o historiador belga Jan Vansina¹⁷⁴, “o estudo da memória nos ensina que todas as fontes históricas estão desde o princípio banhadas de subjetividade”¹⁷⁵. Sendo assim, o pesquisador analisa depoimentos personificados, pois, aqueles que vivenciaram os fatos subvertem os acontecimentos para adequá-los a sua individualidade. Ocorre desta forma a personificação da memória. Ressalta-se então, a importância do passado compartilhado pela oralidade. Através da memória coletiva pode-se desenvolver sentimento de pertencimento a determinado grupo social. Sociedades “definem a si mesmos através da história da mesma forma como um indivíduo o faz através da memória”, afirma David Lowenthal¹⁷⁶.

Relatos são somente fragmentos do passado, logo nenhum discurso pode ser considerado verdade absoluta. Mesmo assim, as lembranças podem auxiliar no

¹⁷² Ibid., p.101.

¹⁷³ Ibid., p.103.

¹⁷⁴ Jean Vansina destacou-se, em princípio, em estudos sobre a Idade Média e a etnografia. Posteriormente, tornou-se referência em pesquisas sobre o continente africano. Suas obras relatam a organização da sociedade africana, antes do domínio europeu. Vansina publicou diversas obras sobre a África e também desenvolveu textos sobre a História Oral e as interpretações factuais do passado.

¹⁷⁵ DAVID LOWENTHAL, op. cit., p.104.

¹⁷⁶ Ibid., p.109.

desenvolvimento dos contratos sociais, uma vez que as recordações desenvolvem sentimentos de pertença. Pertença a grupos organizados, estabilizados e de longa duração.

O passado não pode ser resgatado. São três os elementos que impossibilitam que isto ocorra: o gigantesco tamanho do passado, as interpretações subjetivas dos acontecimentos e os preconceitos que conduzem a visões distorcidas da realidade. A memória só pode conhecer ínfima parte do passado, já que boa parte dos fatos não deixaram registros. Por isso, não podem ser analisados. Sendo assim, relato algum, oral ou escrito, tem a capacidade de dar conta da totalidade dos acontecimentos.

Percebe-se também que o passado sofre processo subjetivo. Os fatos históricos se desenvolvem a partir da percepção de vários indivíduos. Desta forma, historiadores devem fazer ligações entre os acontecimentos e as interpretações que se fazem deles. Ou seja, o presente, quase sempre, condiciona o passado construído, pois, os pesquisadores não são isentos. Não existe neutralidade, sempre se é tributário da cultura, da origem social e do tempo em que se vive.

O passado que conhecemos ou vivenciamos está sempre dependente de nossas próprias opiniões, perspectivas e, acima de tudo, de nosso próprio presente. Assim como somos produtos do passado, também o passado conhecido é um artefato nosso. Nenhum observador, por mais imerso no passado, pode despojar-se de seus próprios conhecimentos e suposições, ou ‘recordar eventos passados sem relacioná-los de alguma maneira sutil ao que ele precisa ou deseja fazer’¹⁷⁷.

Memórias percebem o passado a partir do presente. Presente limitado por percepções singulares. Tal fato dificulta as interpretações dos historiadores. Induz a erros. Por isso, muitas vezes, surgem os anacronismos históricos. “Não conseguimos obter um completo entendimento do passado porque o passado é algo fora da nossa experiência, algo que é outro (...)”, afirma David Lowenthal¹⁷⁸.

Assim como a memória, a história combina, comprime, exagera; momentos raros do passado sobressaem, uniformidades e detalhes desaparecem. ‘O tempo é reduzido, os detalhes selecionados e destacados, a ação concentrada, as relações simplificadas, não com o intuito de alterar ou distorcer os personagens e acontecimentos mas,

¹⁷⁷Ibid., p.113.

¹⁷⁸Ibid., p. 114.

sim, de dar-lhes vida e significado... em meio a multiplicidade inalcançável do passado¹⁷⁹.

Não se deve perceber o passado de forma evolutiva. Tal fato pode diminuir o entendimento do processo histórico. O passado é plural. Tão abrangente que não cabe na linha do tempo. Logo, é preciso seleção e coerência. Desprezar alguns fatos. Reinterpretar outros. Organizar tempo e espaço. Utilizar cronologia minimamente organizada. Somente assim, o passado que parece inalcançável poderá tornar-se, em parte, compreensível.

Pesquisas sobre o passado devem utilizar linguagens que façam sentido no presente. Interpretações e alterações no texto são essenciais para que haja correta compreensão. “O passado como ele existe para todos nós é história sintetizada pela imaginação, e fixada em um quadro por algo que equivale à ficção”¹⁸⁰. Segundo esta análise, o presente modelaria o passado ao passo que percepções atuais também seriam simultaneamente modificadas.

A memória está diretamente relacionada aos sentidos humanos. Isto explica porque as relíquias¹⁸¹ podem tornar o passado mais palpável e dar maior credibilidade à narrativa histórica. No sentido contrário, a ausência destes objetos pode tornar a História semelhante às obras de ficção. Fotografias, pinturas, caricaturas, esculturas, monumentos e músicas podem dar maior veracidade ao passado. A obra de Jean Baptiste Debret¹⁸², por exemplo, pode tornar mais perceptível o Brasil do século XIX. Assim como, as fotografias de Marc Ferrez¹⁸³ rememoram as transformações da antiga

¹⁷⁹ Ibid., p. 116 e 117.

¹⁸⁰ Ibid., p. 128.

¹⁸¹ Entendidas enquanto objetos que de certa forma preservam o passo. Por isso, as relíquias são relevantes para o conhecimento de determinada época ou sociedade.

¹⁸² Jean Baptiste Debret nasceu em Paris, em 18 de abril de 1768. Formado pela Academia de Belas Artes de Paris. Debret participou da Missão Artística Francesa ao Brasil, organizada a pedido do rei dom João VI. O artista chegou ao Rio de Janeiro em março de 1816 e ficou no Brasil até 1831. Seu trabalho retrata o cotidiano, o processo de independência do Brasil e os primeiros anos do governo de Pedro I. Após regressar à França, publicou entre 1834 e 1839, uma série de gravuras reunidas em três volumes. A preocupação documental do artista é evidente nas páginas da “Voyage Pittoresque et Historique au Brésil ou Séjour d'un Artiste Français au Brésil” (*Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil ou Estadia dum Artista Francês no Brasil*).

¹⁸³ O fotógrafo Marc Ferrez retratou cenas dos períodos do Império e início da República no Brasil, entre 1865 e 1918, sendo seu trabalho um dos mais importantes legados visuais daquelas épocas. Suas obras retratam o cotidiano brasileiro na segunda metade do século XIX, principalmente da cidade do Rio de Janeiro, então capital do país. Há fotos da ilha das Cobras, da Floresta da Tijuca, da Praia de Botafogo, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, entre outras. Marc Ferrez juntamente com o fotógrafo alagoano Augusto Malta registrou imagens das transformações decorrentes da reurbanização empreendida pelo prefeito do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos, no início do século XX.

capital do Império. Sem estas imagens, interpretações dos fatos históricos poderiam ficar comprometidas.

Memórias também se relacionam aos sabores, estão ligadas aos cheiros e as visões. Determinados paladares podem lembrar momentos importantes. Músicas recordam experiências positivas ou negativas, assim como arquiteturas e obras de arte representam épocas passadas. Sobre a influência dos sentidos na memória, David Lowenthal afirma:

Reaver o passado através de visões, sons e odores revividos foi tema de fundo da literatura do século XIX; ao renovar antigas sensações, lembrava-se tanto as experiências originais quanto os sentimentos que as acompanhavam. O perfume de violetas trazia de volta para Tennyson ‘Os tempos que eu me lembro de ter sido / Jovial e livre de culpa’; o aroma de uma folha de gerânio trazia de volta para David Copperfield o chapéu de palha, as fitas azuis e os cachos de Dora; a água fria sobre seu braço nu ‘Trazia de volta de se espesso invólucro /... uma sensação daquele tempo / E os copos que usávamos, e a rima em cascata’ para o amante respectivo de Hardy¹⁸⁴.

As memórias são constituídas de permanências e ausências. Podem também auxiliar no desenvolvimento das identidades, de indivíduos e de grupos sociais. Porém, memória também é projeto. Recordar-se para criar o hoje e projetar o amanhã. Pessoas e sociedades percebem o passado para entender o presente e escolher os caminhos futuros. Para explicar o que significa memória, Jacques Le Goff cita a *Rhetorica Novíssima de Boncompagno da Signa*, escrita no século XIII¹⁸⁵:

O que é a memória? A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas¹⁸⁶.

O antropólogo brasileiro Gilberto Velho dedicou-se à análise das sociedades modernas, em suas complexidades e multiplicidades, onde “a noção de complexidade

¹⁸⁴ DAVID LOWENTHAL, op. cit., p. 169.

¹⁸⁵ Boncompagno da Signa, professor de retórica na Universidade de Bolonha e depois na Universidade de Pádua. Escritor, gramático e filósofo medieval. Foi em princípios do século XIII um dos primeiros autores da Europa ocidental a escrever na língua vernácula, abandonando o latim como única língua veicular para a escrita erudita.

¹⁸⁶ JACQUES LE GOFF, op. Cit., p. 414

traz também a ideia de uma heterogeneidade cultural que deve ser entendida como a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições”¹⁸⁷.

Segundo Gilberto Velho, o estudo das biografias torna-se fundamental para a compreensão das sociedades modernas. Na modernidade, há clara valorização do individualismo e vasta complexidade social. Por isso, os cidadãos precisam construir projetos que os auxiliem na convivência com composições sociais tão heterogêneas.

Os projetos humanos, segundo Gilberto Velho, não são imutáveis. Devido à capacidade da adaptação, as pessoas conseguem modificá-los ao longo da vida. Inclusive quando tais projetos são coletivos. De acordo com esta linha de pensamento, através das subjetividades, os projetos futuros podem ser diversas vezes alterados.

Apesar da massificação presente nas sociedades modernas, deve-se levar em conta a ressignificação cultural praticada por alguns indivíduos. É notório que existem pressões por padronização, mas, algumas pessoas conseguem alterar significativamente suas trajetórias. Se os indivíduos mudam, os projetos também podem ser modificados. Da mesma forma que projetos modificados, em processo dialético, também transformam seres humanos. Os projetos individuais são influenciados pelos coletivos e os projetos coletivos são influenciados pelos individuais. Sendo assim, a partir do pensamento de Gilberto Velho, pode-se afirmar que os indivíduos estão em constante transformação. Logo, para o analista, visões lineares sobre trajetórias humanas devem ser constantemente evitadas:

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios¹⁸⁸.

Para Gilberto Velho, a complexidade da modernidade possibilita às pessoas transitarem por diferentes realidades. Porém, enfrentam menores dificuldades neste processo aqueles que possuem maior capacidade de metamorfose. Após construir projetos de vida, os indivíduos precisam negociar com as diversas situações que vivenciam. Mas, deve-se considerar que tanto as escolhas individuais quanto as

¹⁸⁷VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro. Zahar Editora, 1981, p. 16.

¹⁸⁸VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* – 3ª edição – Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2003, p. 46.

transformações de projetos são limitadas pela sociedade em que os indivíduos estão inseridos.

A memória é formada por fragmentos do passado. Além disso, deve-se levar em conta que as recordações dão significado à existência humana. Logo, a posterior organização dos vestígios permite que os indivíduos desenvolvam suas personalidades. Pode-se afirmar, assim, que os projetos futuros dependem diretamente da construção da identidade, formada principalmente através da memória. A percepção dos projetos enquanto construções individuais e coletivas que negociam com a realidade autoriza o pesquisador a superar análises superficiais, evolucionistas, limitadas e deterministas das trajetórias de indivíduos e grupos sociais.

(...) a exploração do passado contribui para a compreensão do presente e da projeção de uma trajetória porvir, seja em relação a um indivíduo ou a uma coletividade. A análise desses elementos permite compreender a maneira pela qual ocorreram os processos de negociação entre fronteiras simbólicas e quais mudanças marcaram os projetos de cada ator até o momento presente¹⁸⁹.

Muitas sociedades constroem ideologicamente o passado. Ou seja, muitas vezes, memórias são criadas para atender interesses políticos. Principalmente, através de símbolos, linguagens e ideologias. Desta forma, culturas, identidades e projetos são reconhecidos pelos grupos sociais. “É dizer que a cultura política supre ao mesmo tempo ‘uma leitura comum do passado’ e uma ‘projeção no futuro vivida em conjunto’”¹⁹⁰. Assim, é preciso captar princípios, regras e crenças compartilhadas através do passado comunitário e das perspectivas em relação ao futuro. É necessário

(...) compreender as motivações dos actos dos homens num momento da sua história, por referência ao sistema de valores, de normas, de crenças que partilham, em função da sua leitura do passado, das suas aspirações para o futuro, das suas representações da sociedade, no lugar que nele tem e da imagem que tem da felicidade¹⁹¹.

2.2 Análise da obra *Batismo de sangue – os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*

¹⁸⁹DE LUCA, OLIVEIRA e DALLA CHIESA, op. cit., p. 472.

¹⁹⁰BERSTEIN, Serge. *A cultura política*. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 351

¹⁹¹Ibid., p. 363

Neste segundo capítulo, interessa também analisar a memória construída por Frei Betto, análise essa preparada pela exposição das páginas precedentes. Vale ressaltar que nosso autor possui elevada produção editorial. Logo, haveria impossibilidade de descrição completa de sua memorialística. Por isso, seleciona-se obra específica para representar suas memórias. Sendo assim, o livro escolhido foi *Batismo de Sangue* – os dominicanos e a morte de Carlos Marighella¹⁹².

A memória pode ter função terapêutica. Recordar-se, entre outros motivos, para organizar ideias e dar conta do caos interior¹⁹³. A partir desta chave de leitura, explica-se a escolha da obra citada. *Batismo de Sangue* analisa a ligação de frades dominicanos com a luta armada, nos chamados “anos de chumbo”, que se seguiram ao golpe de Estado de março de 1964. Além disso, aponta versões que justificariam os religiosos perante as acusações sofridas, por parte da opinião pública, dos militares e de segmentos da Igreja Católica. Os frades foram acusados de serem traidores da fé cristã e da revolução socialista. Também acusaram os dominicanos de serem terroristas que atraíram Marighella para a morte. Frei Betto, através de variadas fontes, questiona discursos oficiais e organiza o passado. Desta forma, produz versão diferente para a morte do líder guerrilheiro Carlos Marighella - fato que marcaria o período ditatorial e a história da Ordem Dominicana em nosso país.

No início do texto, Frei Betto descreve jogo de futebol – Corinthians e Santos - no estádio do Pacaembu, em São Paulo. Durante a partida, os alto falantes do estádio anunciaram a morte de Carlos Marighella. O assassinato do revolucionário ocorrera naquela noite, na capital paulista. Nosso autor sabe que a memória está intimamente relacionada aos sentidos humanos. Por isso, destaca o impacto da voz do locutor sobre

¹⁹²BETTO, Frei. *Batismo de Sangue*. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella. Ed. Bertrand Brasil, 9ª edição, Rio de Janeiro, 1987. Em 2014, foi lançada nova edição desta obra (14ª edição), na qual foram acrescentadas informações novas e relevantes. O autor da obra, compartilha recentes descobertas sobre as circunstâncias da morte de Carlos Marighella, líder da Ação Libertadora Nacional (ALN), assassinado em 1969. Nesta nova edição fica ainda mais forte a tese de que aquele crime foi planejado para não apenas eliminar Marighella, mas também para enfraquecer a oposição ao governo militar, jogando os movimentos de esquerda contra os frades dominicanos. Além disso, o próprio título da obra merece destaque. Entendemos que o *Batismo de Sangue*, referido por Frei Betto, significa principalmente o martírio cristão vivenciado pelos frades dominicanos durante a ditadura militar no Brasil.

¹⁹³Conceito defendido por Frei Betto no livro *O ofício de escrever*. Ed. Anfitheatro, 1ª edição, RJ, 2017.

os torcedores e os cheiros presentes nas arquibancadas para descrever momento de importância na História brasileira¹⁹⁴.

Logo depois, Frei Betto apresenta as origens familiares do líder da ALN – Ação Libertadora Nacional. O pai – Augusto Marighella – comunista italiano criado no sindicalismo europeu e a mãe – Maria Rita – baiana descendente de escravos que teriam lutado pela liberdade. Segundo a tese defendida por Frei Betto, a convivência familiar teria sido fundamental na formação política de Carlos Marighella - criado em lar marcado pela simpatia às ideias marxistas e apreço a liberdade. Neste caso, a família produziu traços que sustentaram a personalidade do revolucionário baiano. Ao afirmar que o passado familiar influenciou a formação da identidade de Carlos Marighella, Frei Betto utilizou conceito defendido por Jacques Le Goff, pois, de acordo com o historiador francês, a memória é fundamental para a formação dos seres humanos. Ao preservar o passado, as memórias fortalecem identidades e criam personalidades. Nas palavras de Frei Betto:

Augusto Marighella viera de Ferrara para a Bahia acompanhado de outros imigrantes do Norte da Itália. Era de Emília, terra de destacados líderes italianos, como o fascista Mussolini e o socialista Nenni. Seus olhos claros refletiam a esperança que o animava. Mecânico de profissão, socialista de ideias, trazia consigo a experiência emergente do sindicalismo europeu. A baiana Maria Rita fixou o coração de Augusto em terra brasileira. Descendia ela dos negros haussás, escravos africanos trazidos do Sudão, sempre rebeldes à privação da liberdade. Moravam à Rua do Desterro, 9, na Baixa do Sapateiro, onde a 5 de dezembro de 1911 nasceu o filho Carlos¹⁹⁵.

Durante a juventude, Carlos Marighella conseguiu ingressar na universidade. Mesmo assim, nosso autor considera que o baiano era homem de personalidade proletária. Teriam contribuído para isso, as histórias ouvidas na infância. Relatos sobre a vida dos operários europeus e descrições de quilombolas nordestinos, que não aceitaram a escravidão. Frei Betto, nesta parte do texto, destaca a importância da oralidade na construção da memória e da personalidade. Estas recordações deram a Marighella, segundo Betto, o sentido de pertença a grupos sociais menos favorecidos e criaram no revolucionário baiano o desejo de transformar a realidade. Recordações que são contadas e recontadas sobre passado constantemente reelaborado. Alguns fatos são supervalorizados enquanto outros são esquecidos de acordo com os interesses da

¹⁹⁴Frei Betto não deixa claro se estava presente nesta partida de futebol ou se utilizou a imaginação para descrever o som e os cheiros que marcaram aquele momento em suas memórias.

¹⁹⁵ FREI BETTO, op. cit., p.13.

coletividade. A memória coletiva, não se preocupa principalmente com os fatos. Pelo contrário, deseja recuperar valores que caracterizam o grupo social. Assim, segundo Frei Betto,

O privilégio da carreira universitária não apagou, em Carlos, as marcas de sua origem proletária e as ideias socialistas que recebera do pai. Sua sensibilidade trazia da infância as histórias de trabalhadores desempregados pelo rápido avanço tecnológico da industrialização europeia e dos escravos refugiados em quilombos nordestinos. O gosto amargo da injustiça queima as entranhas, sangra o coração, exige o conduto político para não perder-se na revolta individual ou na abnegada fatalidade do destino. Ainda estudante, Marighella ingressa no PCB (Partido Comunista do Brasil). Destaca-se logo como um dos mais combativos militantes baianos, dotado de excepcional capacidade de trabalho e de admirável coragem pessoal. Costuma dizer que não tem tempo para ter medo. Poeta, aos 21 anos critica em versos o interventor da Bahia, Juracy Magalhães. Em represália, é conduzido pela primeira vez à prisão¹⁹⁶.

Ao analisar conflitos existentes entre Carlos Marighella e o PCB (Partido Comunista Brasileiro)¹⁹⁷, Betto recorre às tensões ocorridas na antiga União Soviética. Segundo o dominicano, as divergências políticas russas influenciariam consideravelmente a legenda comunista de São Paulo. A partir desta chave de interpretação, Frei Betto descreve as disputas entre Trotsky e Stalin, destacando como as mesmas marcariam o cenário político paulista.

Memórias fortalecem argumentos e reforçam ideias. É notório que sensações são únicas. Não podem ser repetidas. Porém, as lembranças confirmam o passado experimentado. Exemplo pertinente ocorre em *Batismo de Sangue*. Para ressaltar as disputas políticas entre os líderes comunistas soviéticos, Frei Betto descreve visita, realizada por ele, em 1979, à casa ocupada por Leon Trotsky, durante exílio no México¹⁹⁸. Sobre essa experiência na residência do revolucionário, em companhia do sociólogo Herbert de Souza¹⁹⁹, o Betinho, o dominicano Betto afirma:

¹⁹⁶ Ibid., p.14.

¹⁹⁷ Partido político de âmbito nacional fundado em março de 1922 com o objetivo principal de promover no Brasil uma revolução proletária que substituísse a sociedade capitalista pela sociedade socialista. O congresso de fundação do PCB realizou-se em Niterói, reunindo alguns poucos operários e intelectuais do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. Quase todos os fundadores haviam iniciado sua militância política nos meios anarquistas e só se converteram ao comunismo após a vitória da Revolução Russa de 1917. Apesar da pouca repercussão do congresso de fundação, já em junho de 1922 o governo de Epitácio Pessoa colocou o partido na ilegalidade, condição em que passaria a maior parte de sua existência (CPDOC-FGV).

¹⁹⁸No dia 20 de agosto de 1940, o líder revolucionário russo foi morto pelo espanhol Ramon Merchant, oficial que havia conseguido se infiltrar na família de Leon Trotsky. O crime aconteceu no bairro de Coyoacán, na Ramon Merchant, onde Trótsky se refugiara após fugir da Rússia. No dia do assassinato,

Ao deixar a casa de Coyoacán, Betinho e eu tínhamos a sensação de sair de uma prisão. Assustava-nos ainda saber que a peleja entre Trotsky e Stálin não cessou com a morte de ambos. De alguma forma eles ainda sobrevivem. O primeiro, nos grupos vanguardistas que alimentam o mito das massas irredutivelmente revolucionárias e espontaneamente democráticas. O segundo, nos partidos que fazem uma interpretação dogmática do marxismo e, em nome do centralismo democrático, legitimam a prepotência autocrática de seus dirigentes, únicos verdadeiros oráculos do passado, do presente e do futuro²⁰⁰.

Nosso autor recorre às memórias e descreve minuciosamente a residência do líder comunista. O forte sistema de proteção e a arquitetura do local marcaram profundamente o dominicano. Trotsky vivia numa espécie de prisão porque as disputas políticas com Stalin exigiam imensas precauções com a segurança. Frei Betto quer passar ao leitor as sensações vividas naquele momento e o quanto o local o ajudou a compreender os conflitos presentes na Rússia socialista. As memórias da viagem e as sensações experimentadas são descritas para destacar as diferenças ideológicas no comunismo soviético. Por analogia, Betto quer ressaltar as divergências de pensamentos, tanto no Partido Comunista Brasileiro, principalmente as que levaram à criação do P C do B (Partido Comunista do Brasil), quanto de forma mais ampla, nas diversas correntes políticas oriundas do marxismo. As memórias são utilizadas para reforçar argumentos. Neste caso específico, foram utilizadas não somente recordações dos acontecimentos, mas, de lugar representativo dos conflitos existentes no comunismo.

Frei Betto também analisa a opção de Carlos Marighella pela luta armada. Além disso, tenta esclarecer a ligação do revolucionário com o convento dominicano das Perdizes. Os objetivos principais seriam explicar o engajamento dos religiosos na

Merchant, subitamente, atacou o russo com um machado usado por alpinistas, o que causou graves ferimentos na cabeça e provocou sua morte aos 64 anos.

¹⁹⁹Herbert José de Sousa, conhecido como Betinho, sociólogo e ativista dos direitos humanos. Concebeu e dedicou-se, entre tantos outros, ao projeto *Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida*. Graduou-se em Sociologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da Universidade Federal de Minas Gerais. Durante o governo João Goulart assessorou o MEC, chefiou a Assessoria do Ministro Paulo de Tarso Santos, e defendeu as reformas de base, sobretudo a reforma agrária. Após o golpe militar, em 1964, foi obrigado a se exilar no Chile. Assessorou o Presidente Salvador Allende, Conseguiu escapar do golpe do General Augusto Pinochet. Posteriormente morou no Canadá e no México. Em 1981, junto com os economistas Carlos Afonso e Marcos Arruda, fundou o IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas,^[2] e passou a se dedicar à luta pela reforma agrária, sendo um de seus principais articuladores. Nesse sentido conseguiu reunir, em 1990, milhares de pessoas no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro, em manifestação pela causa. Betinho também integrou as forças que resultaram no impeachment do Presidente da República Fernando Collor de Mello. Mas o projeto pelo qual se imortalizou foi, provavelmente, a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, movimento em favor dos pobres e excluídos.

²⁰⁰FREI BETTO, op. cit., p.17.

guerrilha urbana e a identificação dos dominicanos com o líder da Ação Libertadora Nacional²⁰¹. Como dito anteriormente, as memórias formam identidades de indivíduos e comunidades. Mas, memórias também produzem projetos. Visita-se o passado para compreender o presente e projetar o futuro. Frei Betto recorda a relação dos dominicanos com Carlos Marighella para fortalecer a identificação da Ordem com o pensamento progressista e reafirmar o compromisso com a transformação social. Nosso autor relembra que durante a ditadura militar, os dominicanos lutaram contra o autoritarismo do Estado brasileiro. Além disso, Betto projeta para o futuro a defesa da liberdade e o contínuo enfrentamento das injustiças sociais. Em determinados pontos do texto, Frei Betto não deixa de expor opiniões contrárias aos grupos de luta armada. Tal fato ocorre, por exemplo, nas críticas que faz a algumas posturas adotadas por Carlos Marighella.

Faltava aos cuidados o acento na formação política e ideológica dos combatentes, sem o que todas as normas de segurança, por mais perfeitas tecnicamente, ficariam vulneráveis. (...) O autor não percebera que a experiência do Vietnã, entretanto, já dera ao militarismo profissional condições de ultrapassar os métodos convencionais²⁰².

A luta armada, segundo Carlos Marighella era a única solução para o Brasil. Mas, o comunista baiano acreditava que a revolução deveria vir do povo. Principalmente, através das guerrilhas rurais. Sendo assim, seria fundamental utilizar a capilaridade da Igreja Católica, uma vez que esta permitiria atingir os mais distantes recôncavos brasileiros. Explica-se assim, em parte, a ligação da Ação Libertadora Nacional com os dominicanos. Afinal, nesta Ordem religiosa, contavam-se alguns dos representantes das alas mais progressistas do catolicismo nacional. Assim, tais religiosos seriam importantes aliados na luta contra a ditadura militar.

Frei Betto compara ainda as dissidências do Partido Comunista Brasileiro com os conflitos históricos entre judaísmo e cristianismo - uma vez que, tanto o partido político quanto as religiões citadas, dividiram-se, ao longo do tempo. Além disso, nosso autor analisa parte da história do cristianismo a partir de algumas concepções marxistas.

²⁰¹Organização revolucionária criada em 1968 por Carlos Marighella, Joaquim Câmara Ferreira e Virgílio Gomes da Silva, dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Defendendo a necessidade da luta armada para derrubar o regime militar instaurado no Brasil em abril de 1964 e para instalar um governo popular revolucionário, a ALN, ao lado do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), foi um dos principais grupos que, entre as décadas de 1960 e 1970, se dedicaram à guerrilha no país (CPDOC-FGV).

²⁰²FREI BETTO, op. cit., p.37.

O marxismo foi utilizado como metodologia para captar algumas transformações do catolicismo ao longo do tempo. Frei Betto tenta provar que os pensamentos de Karl Marx e Jesus Cristo não são incompatíveis. Enquanto cristão entende que as desigualdades sociais características do capitalismo correspondem a pecados sociais. Logo, devem ser superadas. Para tanto, a teoria marxista aparece como ferramenta ideal, pois, apresenta os meios de superação do modelo capitalista e da criação de sociedade mais igualitária.

O autor de *Batismo de Sangue* procura contextualizar historicamente seus argumentos, fundamentando teses em fontes históricas das mais variadas origens. Descreve, por exemplo, três cartas escritas por Carlos Marighella. Numa missiva, o revolucionário baiano responde as críticas por ter participado da Conferência da OLAS (Organização Latino-Americana de Solidariedade)²⁰³. Outra carta foi direcionada a Fidel Castro. O último documento – correspondência endereçada a brasileiro que vivia como exilado em Cuba - destaca as concepções de Carlos Marighella a respeito da luta armada²⁰⁴.

Ao finalizar o primeiro capítulo de *Batismo de Sangue*, Frei Betto analisa a participação de militantes na luta armada. O dominicano dedica-se principalmente ao caso da ALN - Ação Libertadora Nacional. Haveria poucas dificuldades, segundo nosso autor, para desqualificar aqueles que optaram pela guerrilha, uma vez que os analistas teriam consciência dos acontecimentos posteriores. Fato que seria impossível para os que lutavam contra o regime militar. O contexto era outro. Outros também eram os personagens. Além do mais, a exclusividade do período marcava a legislação que diminuía direitos e aumentava a repressão. Frei Betto atenta para os perigos do anacronismo histórico e da manipulação da memória. Nosso autor ressalta a possibilidade do presente condicionar o passado através de análise não isenta dos pesquisadores. Não há neutralidade. As memórias são construídas a partir de presente limitado pelas subjetividades. Por isso, podem ocorrer erros de interpretação, manipulação das memórias e anacronismos históricos.

²⁰³ A Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), organização criada em agosto de 1967 em Cuba, composta por diversos movimentos compartilhavam as propostas estratégicas da Revolução Cubana. A proposta de criação da OLAS se realizou depois do sucesso da Primera Conferencia Tricontinental de Solidaridad Revolucionaria, na qual se reuniram mais de quinhentos delegados de organizações revolucionárias da Ásia, África e América Latina.

²⁰⁴ Frei Betto, em *Batismo de Sangue*, descreve parte destes documentos. Porém, as cartas podem ser encontradas na obra *Escritos de Carlos Marighella*, Editorial Livramento, São Paulo, 1979.

O segundo capítulo do livro *Batismo de Sangue* intitula-se Sul, a travessia. Nesta parte do texto, Frei Betto relata os primeiros contatos dos dominicanos com Carlos Marighella. Segundo nosso autor, no primeiro momento, Marighella e os frades teriam conversado sobre a história do catolicismo e o Concílio Vaticano II. Além disso, houve debate sobre a visão política dos cristãos e a inserção do cristianismo na sociedade. Ao final da reunião, o revolucionário teria presenteado os frades com livros de própria autoria. Segundo Frei Betto, a partir destes escritos, os religiosos tiveram conhecimento da existência da Ação Libertadora Nacional e começaram a ter contato com o pensamento do seu principal líder.

Vivia-se o ápice do regime militar - movimento que chegara ao poder, no início de 1964, através de ação armada que destituiu o Presidente João Goulart. Segundo Frei Betto, o objetivo principal dos militares era garantir o desenvolvimento do capitalismo internacional no Brasil. Para alcançar suas metas, muitas vezes, o governo não respeitava os direitos constitucionais. Logo, o único caminho para reverter à situação seria aderir à luta armada.

A morte do estudante secundarista Édson Luís, a Passeata dos Cem Mil²⁰⁵ e as greves de São Paulo marcaram o ano de 1968²⁰⁶. No mesmo período, o governo militar decretou o AI-5 - Ato institucional número cinco – que aumentou consideravelmente a repressão política, aí incluído o direito de livre manifestação. Após este decreto governamental, vários textos de Carlos Marighella, criticando a ditadura militar, foram divulgados. Além disso, ações armadas da Ação Libertadora Nacional se tornariam mais constantes. Neste processo, o líder da Ação Libertadora Nacional se transformaria num dos principais inimigos do governo militar.

É dentro desse contexto que o nome de Marighella emerge como sinal de esperança para muitos. Seus escritos são multiplicados entre estudantes universitários e à sua autoria são atribuídas ações armadas que, cada vez mais frequentes, ocorrem nas grandes cidades: assaltos a

²⁰⁵ Denominação com que ficou conhecida a manifestação realizada no Rio de Janeiro em 26 de junho de 1968, da qual participaram cerca de cem mil pessoas que protestavam contra as violências praticadas pela polícia alguns dias antes no centro da cidade, atingindo estudantes e populares. Promovida pelo movimento estudantil — na época o principal núcleo de oposição ao regime militar instaurado no país em março de 1964 —, a marcha contou também com a participação de intelectuais, operários, profissionais liberais e religiosos, além da adesão maciça de populares. As principais reivindicações dos manifestantes eram o restabelecimento das liberdades democráticas, a suspensão da censura à imprensa e a concessão de mais verbas para a educação. (CPDOC-FGV)

²⁰⁶ No mesmo período, cresceram as manifestações contrárias à ditadura brasileira. Destacaram-se também ações da luta armada. Em sentido oposto, ocorreria maior radicalização por parte do governo militar. Período conhecido como os “anos de chumbo”.

bancos, explosões de bombas, distribuição de boletins às portas das fábricas sob a proteção de grupos armados. Para os setores dominantes, Marighella é o líder do terrorismo que surpreende o próprio aparelho repressivo²⁰⁷.

Neste período, Frei Betto percebeu que poderia ser preso a qualquer momento. Por isso, decidiu abandonar o emprego - era jornalista no Jornal *Folha da Tarde* - e viver na clandestinidade. A amiga Heleni Guaiba²⁰⁸ apresentou o dominicano a um artista plástico famoso. Este contato o conduziria à vida clandestina. Nosso autor, ainda hoje, por motivos éticos, não revela o nome do benfeitor. Mas, garante manter por esta pessoa profunda admiração. O esconderijo ficava em bairro nobre da capital paulista. Frei Betto viveu neste local por três meses, até conseguir partir para o Convento de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul²⁰⁹. Betto utiliza suas memórias para exemplificar situação vivenciada por parte daqueles que sofriam as limitações impostas pelo AI-5. As recordações do dominicano descrevem a incerteza quanto ao futuro e o medo de cair nas malhas da repressão. Deve-se ressaltar que as memórias não são suficientes para que se conheça plenamente o passado. A amplitude do passado não permite e as interpretações individuais podem produzir análises equivocadas. É impossível recordar tudo que aconteceu. Sobre a vida na clandestinidade, Frei Betto afirma que:

Viver na clandestinidade é como tornar-se invisível para os outros. As pessoas nos veem, mas não conhecem, e os que conhecem não podem nos encontrar senão por acaso. Como toda a situação de completo despojamento, faz-nos sentir mais livres. Trocar de nome dá sensação de vida nova – só então compreendi por que os institutos religiosos adotavam esse costume ao receber seus noviços. O meu era “Vítor” e exigia-me estar sempre atento para não pensar que chamavam outra pessoa. ‘Vítor, você quer mas arroz?’, perguntava Mrs. A. e, meio perplexo, eu constatava que era comigo mesmo²¹⁰.

²⁰⁷FREI BETTO, op. cit., p.47.

²⁰⁸Nesta parte do texto, Frei Betto utiliza as memórias da vida clandestina para homenagear *Heleni Guaiba*. Aproveita a oportunidade para fazer duras críticas a repressão do período militar. Principalmente as torturas. Uma vez que a amiga fora torturada e assassinada por opor-se à ditadura brasileira. Ao final da homenagem, repleta de poesia e memórias afetivas – Frei Betto diz: “Em Julho de 1971, correu a notícia de seu desaparecimento. Sabe-se que foi presa pelos órgãos de segurança e consta que morreu sob torturas. Ouvi dizer que jogaram seu corpo no mar. Não sei, não posso admitir. Só sei que, agora, Iemanjá tem pra mim um rosto conhecido e um jeito alegre de menina prestativa”

²⁰⁹No final da década de 1960, no *Convento de São Leopoldo*, viviam aproximadamente quinhentas pessoas. Dentre os habitantes encontravam-se padres, seminaristas, religiosos e muitos jovens de descendência alemã. No seminário jesuíta, algumas convicções de Frei Betto não foram bem aceitas. Principalmente, o engajamento político entendido teologicamente. Ou seja, a ação política percebida como caminho de vida evangélica.

²¹⁰FREI BETTO, op. cit., p.50.

Após três meses de vida clandestina em São Paulo, Frei Betto foi morar no Rio Grande do Sul, onde ajudou militantes comunistas a atravessarem a fronteira com o Uruguai e a Argentina. Segundo o dominicano, o plano foi solicitado por Carlos Marighella. Porém, não se direcionava somente aos membros da Ação Libertadora Nacional, mas a todos aqueles que necessitavam desse auxílio. Para Frei Betto, esta missão era compatível com a tradição Católica, uma vez que a instituição milenar, em vários momentos da sua História, protegeu refugiados políticos. Nosso autor utiliza a História da Igreja para justificar ações realizadas durante a ditadura militar. Se o catolicismo tinha vivência na proteção a perseguidos por governos autoritários, as atitudes de Betto não eram contraditórias. Pelo contrário, estavam amparadas nos ideais de solidariedade, característicos da religiosidade cristã.

Em *Batismo de Sangue*, Frei Betto utiliza as memórias do período vivido no Rio Grande do Sul para comunicar posturas ideológicas. Além disso, em *Batismo de Sangue*, Frei Betto trava uma clara disputa de memória. Ou seja, Betto deseja registrar a sua versão – bastante diferente das oficiais – para os acontecimentos que marcaram profundamente a História da Ordem Dominicana no Brasil. Por isso, nosso autor apresenta algumas pessoas que ajudou a sair do país, descreve perfis de vítimas da repressão e homenageia mortos. Denuncia torturas e assassinatos. Explica, principalmente, como fé e política podem se articular. O dominicano utiliza como exemplo diálogo travado com o militante da Ação Libertadora Nacional, José Arames. Frei Betto é questionado pelo guerrilheiro como seria possível haver conciliação entre religiosidade cristã e engajamento político. A resposta descreve detalhadamente a visão do dominicano a respeito do papel dos cristãos na sociedade:

(...) Perguntou-me como era possível conciliar a fé cristã com a opção política. Expliquei-lhe que o cristianismo é essencialmente transformador e essa revolução não se limita à história, culmina na transcendência. Jesus anunciou o Reino, a transformação radical deste mundo segundo o projeto libertador do Pai. Onde há justiça, liberdade e amor, aí estão as sementes do reino de Deus. O cristão, como discípulo do Cristo, não tem outro compromisso senão com o Espírito que nos anima na direção dessa esperança. A fé desmascara, frente à palavra de Deus, o discurso ideológico dos dominadores, Jesus assume a identidade dos oprimidos e neles quer ser amado e servido: ‘tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolheste. Estive nu e me vestistes, doente e me

visitastes, preso e viestes ver-me' (Mateus 25, 35-36). Servir à causa de libertação dos pobres é servir a Cristo²¹¹.

As memórias do encontro com o militante José Arames são utilizadas com objetivo específico. Frei Betto relembra diálogo travado no passado para responder questionamentos recorrentes no presente. São constantes as incompreensões sobre a possibilidade de conexão entre a religiosidade cristã e o agir no mundo. Frei Betto pensa justamente o contrário. Para o dominicano não pode haver fé se não há desejo de justiça e luta por transformação social. Deve-se ressaltar que os discursos não são lembrados na íntegra e não podem ser tomados por verdades absolutas. São fragmentos dos tempos passados. Mas, ainda assim, auxiliam na formação das identidades e dão sentido de pertencimento a grupos sociais que compartilham objetivos semelhantes. No exemplo citado, confirmam em Frei Betto a opção pelos mais pobres e o desejo de superar os sistemas opressores de poder²¹².

Alguns posicionamentos da Igreja Católica são criticados por Frei Betto. Nosso autor afirma que importantes segmentos do catolicismo se afastaram dos ideais evangélicos. Isto ocorreu, principalmente, pela valorização do poder em detrimento a dedicação aos mais pobres. Porém, Frei Betto acredita que o Concílio Vaticano II (1962-65) e a Conferência Episcopal de Medellín (1968) simbolizaram tentativas de retorno às origens do cristianismo. Além disso, a América Latina, através da Teologia da Libertação, ao priorizar as causas dos excluídos da sociedade, teve papel importante, segundo Betto, na construção de uma Igreja mais coerente com o cristianismo primitivo.

Não faltaram ao texto de Frei Betto, críticas ao marxismo. Para o dominicano, as teorias marxistas são muito objetivas. Por isso, não conseguem transformar as subjetividades. Principalmente, por que não indicam caminhos à formação de novos seres humanos. Criar homens novos seria tão importante quanto às revoluções políticas e sociais, afirma Betto. Logo, não levar em conta este aspecto representaria grave falha nos estudos de Karl Marx²¹³.

Fatos que marcaram o período militar no Brasil são destacados em *Batismo de Sangue*. Em setembro de 1969, o sequestro do embaixador dos Estados Unidos, Charles

²¹¹ Ibid., p.57.

²¹² Para maiores informações sobre as articulações entre o cristianismo e o marxismo consultar a obra de Frei Betto: *Cristianismo e Marxismo*. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 1996.

²¹³ Cumpre notar que Frei Betto, funde, no mesmo projeto utópico, os ideais de “homem novo” evangélico (paulino) e marxista.

Elbrick, no Rio de Janeiro, aumentou consideravelmente a repressão à guerrilha urbana. Para Frei Betto, seria o início do fim da luta armada. Ao término do sequestro, presos políticos foram trocados pelo diplomata norte-americano. Nosso autor disserta detalhadamente sobre as características físicas e as personalidades de parte dos prisioneiros que ganharam a liberdade, relacionando-as ao contexto político da época.

Frei Betto também recorda os militantes que ajudou a fugir do país. Destaca-se o relato que faz de Joaquim Câmara Ferreira – “O Velho ou o Toledo da Ação Libertadora Nacional”²¹⁴. Segundo o dominicano, Câmara Ferreira era singular. Possuía a tranquilidade que faltava a tantos militantes. Não era ansioso e nem irredutível em suas ideias. Toledo não tratava o marxismo como dogma, afirma Betto²¹⁵.

Frei Betto homenageia ainda os companheiros que já se foram. Nosso autor sabe que através da memória é possível trazer os mortos de volta a existência. Ao recordar pessoas assassinadas durante a ditadura militar, Betto coloca em evidência indivíduos que questionaram o regime de exceção. Relembrar pessoas que dedicaram a vida a causas semelhantes as suas, dá consistência a argumentos e fortalece convicções. Também desenvolve sentimento de pertença a grupos sociais que possuem projetos compartilhados. Estas são algumas das principais funções da memória.

Pensando bem, talvez não seja tão fácil matar o passado, como pretenderam certos altos dirigentes do poder. A luz oculta dos homens e mulheres que deram suas vidas pela causa em que acreditavam não pode se extinguir assim, sem mais nem menos, enquanto houver uma só pessoa em algum lugar do mundo disposta a recordar seus mortos e ressuscitá-los²¹⁶.

O terceiro capítulo de *Batismo de Sangue* foi denominado “Prisão, o labirinto”. Nesta parte do livro Frei Betto relata detalhadamente como ajudou Franklin Martins²¹⁷ a

²¹⁴Era considerado o número dois da ALN e participou diretamente do sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, em setembro de 1969, que garantiu a libertação de 15 presos políticos. Em novembro de 1969, quando Carlos Marighella foi assassinado, encontrava-se em Cuba. Retornou ao Brasil e assumiu o comando da organização. Foi preso no dia 23 de outubro de 1970, na Avenida Lavandisca, em São Paulo. Do local de sua prisão, Câmara foi levado, já sob tortura, para o sítio clandestino “31 de março”, utilizado pelo delegado Sérgio Fleury. No sítio, continuou sendo torturado, morrendo algumas horas após sua prisão. A presa política Maria de Lourdes Rego Melo é testemunha de que Joaquim Câmara Ferreira foi preso vivo e levado ao sítio clandestino do delegado, e que a sua morte se deu como consequência da violência das torturas (memóriasdaditadura.org.br).

²¹⁵FREI BETTO, op. cit., p.69.

²¹⁶Dorfman, Ariel. *O longo adeus a Pinochet*. Tradução Rosa Freire d’Aguiar – São Paulo: Companhia das letras, 2003, p. 147 e 148.

²¹⁷Ex-guerrilheiro, o jornalista Franklin Martins atua hoje principalmente no jornalismo político. Durante o governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social (SECOM).

atravessar a fronteira com o Uruguai. Depois, relembra momento em que perdera a fé, quando ainda no noviciado, sentira-se vazio e abandonado por Deus. Naquele tempo, as leituras das obras de Teresa D'Avila teriam lhe restituído à serenidade. Tal fato parece ter sido importante para o dominicano. Pois, é recorrente em várias de suas obras. A santa católica, ao lado de São João da Cruz²¹⁸ são duas importantes referências de Frei Betto. No texto, nosso autor apresenta inquietação. Questiona-se se deverá sempre passar pelo mesmo incômodo. Ser inquirido, tanto por pessoas da Igreja Católica, quanto por companheiros de militância, como pode gostar de Santa Teresa D'Avila²¹⁹, conhecida por seus escritos místicos, e de política, ao mesmo tempo. Ou seja, como consegue conciliar espiritualidade e atuação na sociedade. Sobre a importância de Santa Teresa D'Avila na sua vida, Frei Betto afirma que:

Era ela quem me abria por dentro, quebrando as resistências do espírito, arrancando as escamas dos olhos, acendendo luz em meu caminho, estabelecendo comigo estranha e deliciosa cumplicidade amorosa. Cessada a noite, vi que Teresa me invadira para abrir espaço ao Espírito de Deus. Tudo era luz dentro de mim. Minha fé havia mudado de qualidade: já não tinha que fazer nenhum esforço para amar a Deus. Agora, o Amor derramava-se abundante, gratuito, fundo e forte em meu ser que o acolhia²²⁰.

A sequência escolhida para iniciar o terceiro capítulo é bastante interessante. Frei Betto relata a partida do jornalista Franklin Martins para o exílio no Uruguai e em seguida descreve momento em que ele mesmo perdeu a fé, sentindo-se solitário. Nosso autor busca semelhanças entre os dois eventos. Compara a fuga para outro país com período de escuridão espiritual. Nos dois acontecimentos havia incertezas. Insegurança e falta de esperança também não faltaram. Frei Betto para explicar a sensação de ser

²¹⁸São João da Cruz, frade carmelita e místico espanhol. Tornou-se dos mais importantes expoentes da Reforma Católica. Junto à Santa Teresa De Ávila é considerado fundador da Ordem dos Carmelitas Descalços. Além disso, destacaram-se suas obras literárias, poesias e escritos voltados ao misticismo. Foi canonizado em 1726 pelo Papa Bento XIII.

²¹⁹Tereza de Cepeda e Ahumada nasceu em Ávila, Espanha, no ano de 1515. Sua mãe faleceu quando Tereza tinha 14 anos. Então, seu pai a levou para estudar no Convento das Agostinianas. Quando leu as "Cartas" de São Jerônimo, decidiu que iria se tornar religiosa. Com 20 anos Tereza foi viver no Convento Carmelita de Encarnación. Após 25 anos de consagração religiosa, pede permissão ao provincial para fundar novas casas, com vida mais austera e menos irmãs, visto que onde morava havia mais de 200 freiras. Santa Tereza continuou fundando vários conventos, com o apoio de dois frades carmelitas - o superior Antonio de Jesus de Heredia e Juan de Yepes (São João da Cruz). Posteriormente, conseguiu a autorização de Roma para criar a ordem das carmelitas descalças (usam roupas rasgadas e sandálias ao invés de sapatos e hábitos). Santa Tereza deixou várias obras escritas, como o *Livro da Vida*, o *Caminho da Perfeição*, *Moradas e Fundações*, entre outros. Santa Tereza morreu no dia 4 de outubro de 1582, com 67 anos. Foi canonizada no dia 27 de setembro de 1970, pelo Papa Paulo VI, que lhe conferiu o título de Doutora da Igreja.

²²⁰BETTO, Frei. *Batismo de Sangue*. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella. Ed. Bertrand Brasil – RJ, 1987, p.74.

exilado (experiência que não vivenciou) utilizou recordações de fato que lhe pareceu semelhante, ou seja, a perda da fé. Pode-se relacionar a estratégia utilizada por Betto com o conceito de memória defendido por Jacques Le Goff. O historiador francês afirma que a memória tem a função de ligar diferentes histórias de vidas, pois, somente através do cruzamento das recordações, o passado é construído e as identidades são formadas. Por isso, a memória é crucial.

Frei Betto também recorda as angústias experimentadas no período em que viveu no Rio Grande do Sul. Não sabia o que fazer. Poderia da mesma forma que o jornalista Franklin Martins, ir para o Uruguai. Mas, corria o risco de ser preso. Ficar em Porto Alegre era a outra opção. Porém, não sabia onde se esconder. Suas memórias exprimem medo, dúvidas, ansiedade e insegurança. Tinha consciência que corria perigo. Sabia que poderia ser preso a qualquer momento. Compara este momento ao período vivido na clandestinidade. Dependia completamente das outras pessoas e se sentia incapaz de sair daquela situação sem a ajuda de terceiros.

Após o assassinato de Carlos Marighella, no dia 4 de novembro de 1969, o Secretário de Segurança do Rio Grande do Sul²²¹ anunciou no Jornal Nacional, da Rede Globo, que a polícia estava à procura de Frei Betto. O militar convocava as famílias gaúchas a denunciarem o paradeiro do “perigoso terrorista” brasileiro. Fato curioso é que o dominicano estava escondido num convento e afirma em suas memórias que todos na casa religiosa assistiam a TV. Foto estampada na tela. Irmãs nervosas. O constrangimento foi generalizado. Nos dias seguintes, a imagem de Betto ilustrava as capas dos principais jornais do Rio Grande do Sul. Não houve alternativa. Frei Betto abandonou o convento e escondeu-se em sítio da família Chaves Barcellos, conseguido pelo padre Manuel, vigário da paróquia da Piedade.

O Secretário de Segurança gaúcho informava à Igreja sobre as operações policiais que visavam à captura do dominicano. Esta estratégia foi provavelmente utilizada para preparar futura invasão ao seminário de São Leopoldo, onde os policiais acreditavam que Betto estava escondido. A prisão do “terrorista de batina” foi negociada, afirma nosso autor, entre o Governador gaúcho Walter Peracchi Barcellos²²²,

²²¹A Secretaria de Segurança do Rio Grande do Sul era comandada pelo Coronel Jaime Mariath.

²²²Walter Peracchi Barcellos, durante o regime militar, foi Ministro do Trabalho e Previdência Social e também governou o estado do Rio Grande do Sul. Após a cassação do governador eleito – Ildo Meneghetti - Walter Peracchi Barcellos foi indicado pelo Governo Federal para comandar o estado

o Cardeal Dom Alfredo Vicente Scherer²²³ e o proprietário da residência que servia a Betto de esconderijo.

Jogava-se, naquela noite de sábado, a minha sorte em Porto Alegre. Os lances davam-se de palácio em palácio. A ponte entre o palácio do Governador Peracchi Barcellos e o palácio do Cardeal Scherer era feita pelo Dr. Waldemar, dono da casa em que eu me encontrava, genro de um ex-ministro do Governo do General Enrico Dutra²²⁴.

Denunciado, Frei Betto foi preso. Em *Batismo de Sangue*, o dominicano descreve o medo e a agonia que sentiu naquele momento. Temia ser torturado. Betto relata que, na prisão, obrigaram-no a assistir sessão de tortura na qual viu rapaz sofrer até os limites das forças. Acredita que tal fato teria o objetivo de intimidá-lo, uma vez que, por conta do bom relacionamento da Igreja Católica com o Governo do Rio Grande do Sul, os militares não estariam autorizados a torturá-lo. Outra hipótese, que não exclui a primeira, explica que a manutenção da integridade física de Frei Betto ocorreu devido à interseção feita por seu tio, o General reformado Campos Christo.

Além de fazer duras críticas a repressão militar, principalmente às torturas, Frei Betto também apresenta em *Batismo de Sangue* alguns conceitos políticos e religiosos. Afirma que seres humanos não se dividem por crenças religiosas ou ateísmo. Mas, entre os que desejam transformar a sociedade e os que querem conservar o *status quo*. Os que são do partido da vida e os que pertencem ao partido da morte. Para embasar tal pensamento, bem próprio dos adeptos da Teologia da Libertação, Frei Betto cita o Evangelho de Mateus, particularmente o capítulo 25, no qual ações em prol da justiça social são destacadas como pré-requisitos a Salvação. Afirma ainda que deseja a paz. Paz que só seria possível com a superação do modelo capitalista. Para tanto, não descarta nem mesmo a luta armada. Afirma que a doutrina cristã não exclui o direito dos oprimidos resistirem à opressão. Inclusive com a força das armas. Destaca obras que confirmariam sua teoria, como por exemplo: *O Regime dos Príncipes*, de São Tomás de Aquino²²⁵, e o documento escrito pelo Papa Paulo VI, *Populorum Progressio*²²⁶.

sulista. Seu mandato durou de 1966 até 1971. Posteriormente tornou-se diretor do Banco do Brasil. Fonte: CPDOC –FGV.

²²³Em 1946, Dom Alfredo Vicente Scherer fora nomeado Arcebispo de Porto Alegre, cargo que ocupou por trinta e cinco anos. Notabilizou-se por sua atuação muito conservadora.

²²⁴FREI BETTO, op. cit., p.91.

²²⁵São Tomás de Aquino, frade dominicano, escreveu obras relevantes nos campos da Teologia e da Filosofia. Ao lado de Santo Agostinho, é considerado um dos pilares da teologia da Igreja Católica. A ele é atribuída grande influência no pensamento ocidental, principalmente relacionadas a ética, a metafísica e

Esta é a parte principal de *Batismo de Sangue*. Frei Betto escreveu esta obra para explicar o apoio de alguns dominicanos à luta armada, durante a ditadura militar. Para isso, reconstruiu o passado através das memórias – sua e dos outros. Memórias cruzadas para desenvolver identidade. Identidade progressista que busca a superação da sociedade capitalista. Para fortalecer seus argumentos, nosso autor utilizou importantes documentos²²⁷. Segundo Frei Betto, Jesus Cristo, identificado pela fé como Deus encarnado, deseja que os oprimidos sejam livres. Para que isso aconteça, é preciso que haja conversão pessoal aliada à transformação social. Homens novos para mundo novo. Sociedade calcada na justiça e na solidariedade. Ao ser indagado, durante interrogatório se desejava a revolução comunista, Frei Betto afirma:

Quero uma sociedade justa, onde a vida do ser humano socialmente mais insignificante esteja assegurada. O Deus no qual eu creio é o Senhor da vida. Não me interessa se essa sociedade tenha o nome de socialismo, de comunismo, de utopismo ou qualquer outro. Os rótulos não revelam o conteúdo²²⁸.

No terceiro capítulo de *Batismo de Sangue*, algumas vítimas da repressão – principalmente aquelas que foram torturadas e assassinadas – foram lembradas. Mais uma vez, as memórias são utilizadas para homenagear e dar voz aqueles que morreram de forma violenta, perseguidas pelo Estado autoritário brasileiro. É o caso, por exemplo, de Luiz Eurico Tejera Lisboa²²⁹, desaparecido político, durante a ditadura militar. A luta da sua esposa, família e amigos, para descobrir o que realmente ocorreu com Luís Eurico foi destacada por Frei Betto:

Sua família repetiu a mesma *via crucis* percorrida por tantas outras ainda hoje: procurou órgãos de segurança, visitou autoridades, falou com políticos, foi a presídios e quartéis, fez apelos e denúncias. O Governo, como um assassino de costas largas, mateve-se calado; nada vira, nada soubera, nada a informar. Em alguma esquina do Brasil, Luiz Eurico ‘evaporara’. O terror do Estado agia sob a complacência da Justiça. Em nome da segurança nacional, um jovem brasileiro fora sequestrado e morto. Nenhuma notícia a seu respeito. Os jornais, com

a política. Dentre suas principais contribuições encontra-se a tentativa de conciliação entre o pensamento de Aristóteles e os princípios do cristianismo.

²²⁶ *Populorum Progressio*, encíclica publicada pelo Papa Paulo VI, em 1967. O texto dedica-se principalmente a necessidade de cooperação entre os povos e aos países em desenvolvimento. A encíclica denuncia a desigualdade social e os malefícios do Imperialismo. Além disso, o texto, entre outros aspectos, sugere a criação de fundo monetário mundial para auxílio dos mais necessitados.

²²⁷ Exemplos de documentos importantes foram citados no parágrafo anterior.

²²⁸ FREI BETTO, op. cit., p.105.

²²⁹ O militante Luiz Eurico Tejera Lisboa, preso em 1972, durante a ditadura militar, é desaparecido político desde então. Atualmente, o desaparecimento de Luiz Eurico é investigado pela Comissão Nacional da Verdade que apura assassinatos, torturas e desaparecimentos, ocorridos sob o regime militar brasileiro.

a boca tapada pela censura e intimidados, nada diziam a respeito. Contudo, uma pessoa não pode deixar de existir nas entranhas de sua mãe, no coração de sua esposa, no afeto de seus parentes e amigos, na admiração de seus companheiros, na *memória* dos que sobrevivem e alimentam-se de seu sacrifício e exemplo²³⁰.

As memórias do período em que esteve preso também são descritas por Frei Betto no terceiro capítulo de *Batismo de Sangue*. Segundo nosso autor, na prisão não faltaram manifestações de solidariedade. Recebeu, entre outras, a visita do Superior Provincial dos dominicanos - Frei Domingos Maia Leite. Religiosos do Rio Grande do Sul também manifestaram apoio. Houve inclusive ajuda internacional: dominicanos franceses enviaram carta ao Vaticano chamando a atenção para o caso dos religiosos brasileiros. Até mesmo o assistente do Mestre Geral da Ordem Dominicana²³¹, foi enviado ao Brasil para dar assistência aos frades presos.

Em sentido oposto, Frei Betto critica a postura adotada por alguns religiosos. O Cardeal Vicente Scherer, por exemplo, em seu programa de rádio, reprovou o comportamento dos dominicanos. Já o líder da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Agnelo Rossi²³², reuniu-se na capital federal com o Presidente Emílio Garrastazu Médici²³³. Tal reunião evidencia as negociações que existiriam entre a Igreja Católica e o regime militar. Após este encontro, Dom Agnelo Rossi divulgou carta de próprio punho na qual tentava minimizar os conflitos com a ditadura e destacava o patriotismo e a prosperidade material do país.

Após o período preso em Porto Alegre, Frei Betto e outros prisioneiros foram transferidos para São Paulo. Este acontecimento, afirma Betto, teria desagradado o Cardeal Vicente Scherer, pois, o Secretário de Segurança do Rio Grande do Sul, Jaime Mariath, havia garantido que não transferiria os religiosos. Por isso, a viagem para a capital paulista foi atrasada até o momento que o Cardeal começasse a celebrar a missa das sete horas.

²³⁰ FREI BETTO, op. cit., p.115.

²³¹ O Mestre Geral é a maior autoridade da Ordem dominicana. O assistente do *Mestre Geral da Ordem Dominicana à época era Frei Vicente de Couesnongle*.

²³² Presidia a CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil o Cardeal Dom Agnelo Rossi.

²³³ O General Emílio Garrastazu Médici foi Presidente do Brasil entre os anos de 1969 e 1974. Seu governo foi marcado pelo desenvolvimento do chamado “Milagre Brasileiro”, caracterizado pelo investimento em grandes obras públicas, considerável crescimento do Produto Interno Bruto – PIB e da renda per capita. Porém, o plano econômico trouxe também várias consequências negativas, principalmente, o aumento da dívida externa, da concentração de renda e das desigualdades sociais.

Em São Paulo, aterrisamos na Base Aérea de Cumbica. Antes do desembarque, o avião foi cercado por inúmeras viaturas do DOPS, policiais armados, oficiais da Aeronáutica e soldados curiosos. Ao descer a escada, notei que um oficial me fotografou com uma câmera pouco maior que uma caixa de fósforos. Identifiquei apenas um rosto na roda belicosa que nos observava: o delegado Fleury. Preparei-me para conhecer os porões do inferno²³⁴.

O quarto capítulo de *Batismo de Sangue* – Morte, a cilada – dedica-se a análise do assassinato de Carlos Marighella. Inicialmente, o texto relata a prisão dos frades Ivo Lesbaupin e Fernando de Brito, na cidade do Rio de Janeiro. As relações dos dominicanos com o líder da Ação Libertadora Nacional foram reveladas através do uso da violência física e psicológica contra os religiosos. Por isso, Frei Betto descreve breve biografia do delegado Sérgio Paranhos Fleury - principal comandante das sessões de torturas sofridas pelos dominicanos²³⁵.

Frei Betto em *Batismo de Sangue* questionou as versões oficiais que apontaram os dominicanos como os principais responsáveis pela morte de Carlos Marighella. Segundo nosso autor, naquele momento, era bastante claro que o líder da Ação Libertadora Nacional estava exposto a muitos perigos. Afinal, a prisão dos frades Ivo e Fernando no Rio de Janeiro, a invasão do Convento das Perdizes e a ocupação do apartamento dos religiosos, à Rua Rego Freitas, próximo à igreja da Consolação, em São Paulo, teriam alertado Marighella, militante bastante experiente na leitura dos acontecimentos e dos riscos que ele próprio corria²³⁶.

Pode-se aventar a hipótese que havia um encontro marcado para a noite do dia 4, no mesmo local, a ser confirmado por telefonema à livraria naquela tarde. Segundo essa hipótese, mediante torturas, Fleury teria arrancado essa informação dos frades. Ora, seriam os órgãos de segurança tão burros a ponto de arriscarem o êxito da operação invadindo o convento na madrugada anterior? Não seria mais conveniente evitar qualquer alarde que pudesse afastar Marighella do cerco? A maneira segura e progressiva como a

²³⁴FREI BETTO, op. cit., p. 122.

²³⁵Sérgio Paranhos Fleury foi um dos principais torturadores, durante a ditadura militar. Ao descrever a personalidade sádica e doentia de Fleury, Frei Betto denuncia os mais cruéis métodos de tortura utilizados em nosso país.

²³⁶Para ratificar argumentos, nosso autor descreve matéria da Revista Isto é. Na reportagem, o jornalista Sérgio Buarque de Gusmão afirma que Carlos Marighella sabia que os dominicanos estavam presos. Frei Betto, anos depois, entrevista à mesma fonte utilizada pelo repórter. O informante confirma a versão do periódico. Expõe inclusive que o telefonema a Livraria Duas Cidades não teria sido feito por Carlos Marighella. Mas, por militante a pedido do revolucionário. Segundo esta versão, Frei Fernando de Brito que afirmara que a voz ao telefone não era do líder da Ação Libertadora Nacional, estaria certo.

repressão se comportava demonstrava que ela possuía outras pistas de Marighella além da palavra dos religiosos²³⁷.

Segundo Frei Betto, os dominicanos não presenciaram o assassinato de Carlos Marighella. Escutaram os tiros. Mas, não viram o guerrilheiro ser alvejado, pois, estavam deitados com o rosto colado ao chão. Nosso autor afirma que a cena do crime foi montada para confirmar a versão oficial dos fatos. Segundo os militares, os religiosos eram traidores que atraíram o guerrilheiro para a emboscada e a morte. Para defender os frades, Frei Betto desconstrói a versão produzida pela polícia. Para isso, faz diversos questionamentos. A primeira questão levantada refere-se à cena do crime. O local do assassinato ficou por cerca de uma hora inacessível. Isto teria ocorrido, para que houvesse tempo de pôr o corpo de Carlos Marighella no carro dos religiosos. O objetivo era incriminar os dominicanos a qualquer custo.

Houve outros feridos na operação policial que culminou com a morte de Marighella. Mortos, também²³⁸. Frei Betto acredita que o líder da Ação Libertadora Nacional estava em movimento quando foi alvejado. Por isso, outras pessoas foram atingidas. Tal fato se opunha a versão oficial, ao sustentar que o revolucionário, em movimento, não teria morrido dentro do carro dos dominicanos. Logo, os religiosos não teriam atraído o guerrilheiro para a morte.

Tantos feridos e estragos comprovam a hipótese de tiroteio sem alvo fixo. Marighella movia-se quando foi atingido, o que contraria a versão policial de que já se encontrava no interior do carro. Disparos atingiram a investigadora e o delegado, e o dentista, ao desobedecer ao sinal de parar, fora tido como membro da segurança do comandante da ALN²³⁹.

Frei Betto analisa a versão da polícia e indica argumentos que refutam os discursos oficiais²⁴⁰. Frei Fernando de Brito, por exemplo, foi preso num domingo.

²³⁷FREI BETTO, op. cit., p.134.

²³⁸“(…) a investigadora Estela Borges Morato fora atingida por um tiro na testa, do mesmo calibre usado pelo delegado Fleury. Veio a falecer três dias depois. O protético alemão Friederich Adolf Rohmann, que se recusara a parar seu Buick (era neurótico de guerra e estivera em campo de concentração), estava morto. O delegado Rubens Cardoso de Mello Tucunduva, um dos responsáveis pela Operação, fora baleado na coxa direita. Cinco automóveis estavam crivados de balas, conforme registra a perícia do Instituto de Polícia Técnica de São Paulo, assinada em 11 de novembro de 1969 por Vladimir Zubkovsky e José Márcio Miranda Rizzo, perito criminal (incluída nos autos do processo, folhas 388 a 404 ou 1.495 a 1.510 — a numeração é dupla).” (BETTO, Frei. *Batismo de Sangue*. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella. Ed. Bertrand Brasil – RJ, 1987, p.138).

²³⁹FREI BETTO, op. cit., p.138.

²⁴⁰Frei Betto questiona, por exemplo, usando variedade de argumentos, o fato de Isaías do Vale Almada e Paulo de Tarso Venceslau serem, segundo os militares, os delatores das ligações dos religiosos com Carlos Marighella. Os argumentos podem ser conferidos em *Batismo de Sangue* (FREI BETTO, op. cit., p.139-141).

Porém, somente na terça-feira seguinte, à tarde, levaram-no ao centro de São Paulo para fazer contato com Marighella. Frei Fernando trabalhava na livraria Duas Cidades, na capital paulista. No local, o frade recebeu o suposto telefonema de Marighella, marcando o encontro que levou o líder da ALN à morte. Frei Betto questionou como os militares souberam o momento exato do contato do revolucionário. Além disso, nosso autor tentou desconstruir o treinamento recebido pelos frades. Segundo os órgãos de segurança, os religiosos foram ensinados a se protegerem durante os tiroteios. Frei Betto acredita que tal assertiva precisa ser discutida. Os militares feridos na operação não teriam sido orientados da mesma forma? Os que atingiram os companheiros de farda teriam aproveitado o momento para resolver antigas desavenças²⁴¹?

Nosso autor em *Batismo de Sangue* utiliza como uma das referências bibliográficas o livro *A CIA e o culto da inteligência* de autoria de Victor Marchetti e John D. Marks²⁴². A obra foi lançada no Brasil em 1974, pela Editora Nova Fronteira. Os autores do livro afirmaram que havia agente da CIA infiltrado na Ação Libertadora Nacional. O objetivo principal do órgão norte-americano seria assassinar Carlos Marighella. Para Victor Marchetti e John D. Marks, a história criada em torno dos dominicanos teria o objetivo de preservar a identidade do infiltrado, uma vez que planos semelhantes seriam posteriormente lançados contra outras organizações guerrilheiras no Brasil.

A entrevista de Marcos Alves Morato à revista *Playboy*²⁴³ também foi citada por Frei Betto, em *Batismo de Sangue*. O esposo da policial, morta na mesma operação que tirou a vida de Marighella, fez algumas revelações. Morato afirma que foi orientado por policiais brasileiros a não dar declarações sobre a morte da mulher. Além disso, não entendia porque a esposa foi mantida respirando por dois dias, uma vez que já estava

²⁴¹Frei Betto descreve também o julgamento de Ivo Lesbaupin e Fernando de Brito, no qual o advogado de defesa, doutor Mário Simas, fez vários questionamentos para desmontar a versão da polícia. O doutor Simas, indagou, por exemplo, a origem do veículo que levou Marighella ao encontro dos frades e como o guerrilheiro foi parar no automóvel dos religiosos. Outra questão relevante foi levantada: se as balas que mataram Carlos Marighella eram transfixantes, por que os frades não foram atingidos? Objeto parecido com mortalha usada pelo Instituto Médico Legal para transportar cadáveres foi observado na cena do crime. Frei Betto acredita que o tecido fora utilizado para transportar o corpo de Carlos Marighella até o carro dos dominicanos. Em seu discurso, o Dr. Mário Simas ratifica esta versão. As roupas desalinhadas do líder da Ação Libertadora Nacional, além de vegetações presas aos seus pés, confirmariam esta hipótese. A mão do guerrilheiro – faltando parte do indicador esquerdo – também foi ressaltada. Se Carlos Marighella foi morto no automóvel, como afirmaram os policiais, a falange deveria estar dentro do carro. Fato que não se confirmou na realidade.

²⁴²MARCHETTI, victor e. MARKS, John D. *A Cia e o culto da inteligência*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1974.

²⁴³Revista *Playboy* número 51, Outubro de 1979.

cl clinicamente morta²⁴⁴. Outra informação causa surpresa. Neste período, afirma o marido de Estela Morato, médicos que cuidavam da sua esposa e autoridades brasileiras se comunicavam constantemente com alguém ou algum escritório nos Estados Unidos. Marcos Morato não revelou quem eram as autoridades brasileiras e nem os contatos em solo norte-americano. Mesmo não possuindo dados precisos, Frei Betto utiliza a entrevista do marido da policial para ressaltar a interferência dos Estados Unidos na morte de Marighella, inocentando, assim, os frades Ivo e Fernando das acusações de serem os principais pivôs da eliminação do líder da ALN²⁴⁵. Para destacar o contexto político da época e o clima anticomunista presente na grande maioria da imprensa brasileira, Frei Betto cita matéria da revista *Veja*, do dia 22 de Outubro de 1969:

(...) ‘Segundo rumores que correm na polícia paulista, Marighella está em São Paulo, na Capital, dentro de um círculo de investigações que se fecha gradativamente. Com todas as saídas para Minas, Rio, Paraná, litoral e Oeste paulistas vigiados, Marighella estaria sem chance de escapar. Espera-se mesmo que ele tente uma fuga heroica e não se acredita que ele venha a ser preso com vida’²⁴⁶.

Após a morte de Carlos Marighella, outros integrantes da Ação Libertadora Nacional - principalmente aqueles que substituíram o ex-deputado na liderança da organização – tiveram semelhante destino. Quase todos foram assassinados em operações militares. Frei Betto, porém, apresenta várias dúvidas sobre estes acontecimentos. Afirma não ter certeza, por exemplo, como os esconderijos dos guerrilheiros foram descobertos e nem as circunstâncias em que os militantes foram mortos.

Dez anos após o assassinato de Marighella, o corpo do revolucionário foi trasladado de São Paulo para a Bahia. Na ocasião, várias homenagens foram prestadas. Em Salvador, por exemplo, novo túmulo foi projetado pelo arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer. Em *Batismo de Sangue*, Frei Betto relembra este acontecimento e reverencia a esposa do guerrilheiro: Clara Charf²⁴⁷. Além disso, nosso autor presta tributo às

²⁴⁴Frei Betto não informa quais relações estes fatos poderiam ter com a morte de Marighella.

²⁴⁵Para Frei Betto os dominicanos foram utilizados como álibi para encobrir os verdadeiros responsáveis pela morte de Marighella: a CIA e a ditadura militar brasileira.

²⁴⁶FREI BETTO, op. cit., p.153.

²⁴⁷Clara Charf, militante comunista e feminista brasileira, nasceu em Maceió – Alagoas – em 1925. Filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro aos vinte anos de idade. No Rio de Janeiro foi secretária dos deputados comunistas na ALERJ – Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. No ano de 1962, representou a Liga Feminina do Estado da Guanabara no encontro de mulheres latino-americanas, em Cuba. Perdeu os direitos políticos, assim como seu marido, Carlos Marighella, após o golpe militar de 1964. Exilou-se em Cuba, retornando ao Brasil, em 1979, após a assinatura da Lei da Anistia. Foi

mulheres que lutaram contra a opressão do regime militar brasileiro. Neste caso, a memória é utilizada tanto para prestar específica homenagem quanto para defender determinada visão de mundo. Frei Betto utiliza a memória para demonstrar a admiração que tem pela viúva de Marighella e, ao mesmo tempo, ressaltar a capacidade construtiva das mulheres enquanto agentes transformadoras da História.

O próximo capítulo de *Batismo de Sangue*, o quinto do livro, é intitulado Dops, a catacumba. Nesta parte do texto, Frei Betto descreve em detalhes as experiências vivenciadas na prisão, momento marcante na vida do nosso autor. Relata, por exemplo, as ameaças de torturas que sofreu e como os policiais comemoraram a morte de Marighella. Além disso, outro aspecto da vida na cadeia é destacado por Betto: a solidariedade entre os presos. Os prisioneiros eram solidários, segundo o dominicano, principalmente com aqueles que sofriam torturas²⁴⁸, assistindo os supliciados com cuidados físicos e apoio moral. Segundo Frei Betto, os torturados, ao voltarem para a cela, eram privilegiados na alimentação, dormiam em locais menos desconfortáveis e recebiam palavras de incentivo, que, por sua vez, eram retribuídas:

Ao regressar da tortura, o companheiro era amparado por vocês [companheiros da prisão], moral e fisicamente, cercado de atenções, favorecido na partilha dos alimentos, no uso dos colchões, na divisão dos cigarros, e quantas vezes não se ouviu: ‘aguentei porque sabia que vocês torciam aqui por mim’, ‘tive mais coragem porque minha força foi redobrada pela de vocês’.²⁴⁹

Há também no quinto capítulo de *Batismo de Sangue*, referências a personagens que foram importantes na trajetória do dominicano Betto. Frei Fernando de Brito - companheiro de cárcere e vida religiosa - é reverenciado. Destaca-se ainda a homenagem que nosso autor faz a Frei Mateus Rocha, modelo espiritual para diversos jovens engajados na Juventude Estudantil Católica de Minas Gerais. No texto dedicado a Frei Fernando de Brito, não faltaram citações à História da Igreja Católica. Frei Betto descreve o Concílio Vaticano II, a conferência episcopal de Medellín e destaca a encíclica *Populorum Progressio*, que salientava, entre outros aspectos, a dedicação dos fiéis aos problemas sociais. Este documento autorizava, inclusive, que católicos se defendessem contra a violência e lutassem contra a opressão social. Desta forma, os

candidata a deputada estadual pelo Partido dos Trabalhadores. Não foi eleita. Mas, recebeu aproximadamente vinte mil votos. Fundou, em 2003, a Associação Mulheres pela Paz. Conseguiu responsabilizar o Estado pelo assassinato de seu esposo, o ex-deputado Carlos Marighella.

²⁴⁸As torturas físicas e psicológicas sofridas por Frei Fernando de Brito foram detalhadas por Frei Betto em *Batismo de Sangue*.

²⁴⁹FREI BETTO, op. cit., p.162.

cristãos deveriam partir para a ação, ação lida pelas lentes da fé cristã progressista latino-americana, pois, somente assim, as desigualdades sociais poderiam ser mitigadas. Mais uma vez, Frei Betto cita momentos fundamentais da História da Igreja Católica para reforçar a opção pelos mais pobres e a dedicação ao ideal de transformação social. As homenagens às pessoas importantes na vida de nosso autor também tem objetivo semelhante. A memória é crucial, construtora do passado e formadora de identidades. Por isso, Frei Betto busca em companheiros características que deseja apresentar como representativas de visão de mundo progressista e questionadora das desigualdades sociais geradas pelo capitalismo. Importante exemplo ocorre na apresentação que Betto faz de Frei Fernando de Brito. Nosso autor aproveita o texto que dedica ao companheiro para referendar o socialismo – apresentado como modelo econômico mais próximo dos ideais evangélicos. A busca por justiça social e a defesa dos pobres como prioridade também se destacam no texto de Frei Betto:

Entre os dons que o Pai lhe concedeu, destaca-se a intuição histórica, capaz de captar, como um pioneiro, a iniquidade do sistema capitalista. Quando ainda outros padres, seus colegas, consultavam os astros na esperança de reformar o capitalismo, aterrorizados pelo fantasma do comunismo, você já dizia, mineiramente, que o futuro é o socialismo, sem modelos importados, mas onde as sementes do Reino de Deus brotassem em forma de justiça, de liberdade, de paz. Em seus sermões, proferidos como conversa ao pé do fogo, você sublinhava que a vida cristã não é feita de tranquilidade, nem destinada ao conforto espiritual, mas é uma proposta que inclui ascetismo, perseguições, difamações, prisões, torturas e morte. Em seu espírito renunciava-se a estrada que, mais tarde, o conduziria ao calvário. Familiarizado com a morte, você ressuscitou dos espectros das trevas com a mesma disposição anterior, agora temperado pela experiência e fortalecido na fé. Hoje, retornado às suas origens rurais, você anuncia o Evangelho aos que, por sua própria condição social, são bem-aventurados porque padecem fome e sede de justiça²⁵⁰.

Frei Fernando, segundo Betto, possui os méritos de intuir, antes de tantos outros religiosos, as mazelas produzidas pelo capitalismo e assumir o socialismo como modelo político identificado ao Reino de Deus. Ser cristão nesta perspectiva significa optar pelos mais pobres e lutar por justiça, paz e liberdade. Nosso autor homenageia o companheiro e dá sentido aos momentos que juntos viveram na prisão. Memórias idealizadas e transformadas em projeto que poderá ser experimentado ainda nesta vida,

²⁵⁰FREI BETTO, op. cit., p.164.

mas, vivenciado em plenitude somente na Salvação. Em carta escrita à irmã²⁵¹, em março de 1970, Frei Fernando escreveu:

Mando-lhe meu alô. Por aqui vamos indo, transformando uma situação carcerária péssima em ótimo aproveitamento interior. Nunca meu cristianismo e meu sacerdócio foram tão perceptíveis. No contato com outros presos cresci. Crescemos todos...mais do que nunca eu creio nos homens, eu creio em Deus, eu creio em mim. Fico, daqui, esperando por você. No entanto, não se preocupe à toa. Venha quando puder. Não se preocupe comigo. Nunca fui tão feliz e de tanta utilidade para os outros. Daqui percebo, transformado em monge, a força da oração. Vá à praia por mim...²⁵²

Frei Ivo Lesbaupin também é lembrado no capítulo Dops, a catacumba. Nesta parte do livro, Frei Betto registra breves informações biográficas acerca do seu então confrade. No texto destaca-se a origem do homenageado: nascido em família abastada, moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro. Frei Ivo tinha dupla nacionalidade, pois, era filho de pai francês e mãe brasileira. Quando jovem, estudou em escola católica das mais tradicionais da capital fluminense - o Colégio São Bento. Militante desde a juventude, cedo se tornou dirigente da Juventude Estudantil Católica, onde teria contato com outras realidades, bastante diferentes da sua. O livro *Princípios para a Ação*²⁵³, escrito pelo padre francês Louis-Joseph Lebret²⁵⁴ influenciou a formação intelectual de Frei Ivo Lesbaupin. Além disso, na Juventude Católica, Ivo conheceu o método ver-julgar-agir. Através desta metodologia, percebeu que era necessário lutar pela justiça social. Ou seja, tentar enfraquecer os mecanismos de exploração do homem pelo homem e desta forma, diminuir as desigualdades sociais. Segundo as palavras de Frei Betto:

Como pequena chama que nasce e se expande lentamente, a vocação religiosa o inquietava. No contato com os dominicanos do Leme, marcou-o a jovialidade dos frades que articulava a opção cristã com o interesse pelas questões sociais. Frei Emmanuel, seu assistente de base na JEC, aparecia a seus olhos como sinal de uma liberdade que a

²⁵¹Nesta carta, Frei Fernando demonstra muita fé e confiança. O dominicano poderia estar vivendo uma experiência mística realmente marcante, mas, também poderia ter a intenção de diminuir as preocupações familiares a seu respeito.

²⁵²FERNANDO, Frei. IVO, Frei e BETTO, Frei. O Canto na Fogueira. Cartas de três dominicanos quando em cárcere político. Editora Vozes, Petrópolis, 2ª edição, 1978, p. 24.

²⁵³LEBRET, Louis-Joseph. Princípios para a Ação. Editora Duas Cidades. São Paulo, 1961.

²⁵⁴O padre Louis-Joseph Lebret, dominicano francês, criador do Centro de Pesquisas Economia e Humanismo e de várias outras associações que visavam o desenvolvimento social, em diversas regiões do mundo. Foi um dos pioneiros do desenvolvimento global – de indivíduos e grupos sociais - dentro do catolicismo. Denunciou as mazelas do subdesenvolvimento e ressaltou a importância de ações solidárias. Atuou em diversos países, entre os quais: Líbano, Senegal, Benin, Costa do Marfim, Brasil, Colômbia e Venezuela.

consagração evangélica prometia. Enquanto ele abandonava o asfalto para tornar-se padre-operário na periferia de São Paulo, você deixava o Rio para ingressar no noviciado dominicano em Belo Horizonte. Ao encontrá-lo no claustro, você trazia a bagagem de uma experiência rica, como dirigente regional da JEC nos Estados do Rio e do Espírito Santo²⁵⁵.

Ao ser preso, durante a ditadura militar, como ocorria à boa parte dos prisioneiros, Frei Ivo foi torturado. Segundo relatos de companheiros, teve o rosto completamente desfigurado pelas agressões. A sorte de Frei Betto foi bastante diferente²⁵⁶. Embora não tenha sido agredido fisicamente, Betto foi obrigado a assistir, entre outros episódios, o espancamento de dois estudantes²⁵⁷. Em maio de 1972, Frei Ivo escreveu da prisão à sua família²⁵⁸:

Por aqui vamos indo. Passo boa parte do tempo deitado para não gastar energias. E de vez em quando fico a olhar pela janela os presos do outro lado e as pombas que voam por aqui, em enorme quantidade. É bonito vê-las voar assim, livremente. Temos dado sorte, porque apesar de já estarmos em maio, está fazendo sol todos os dias. A cela recebe sol toda a tarde, além da luz do dia ser mais do que suficiente para ler e escrever – tenho comigo a Bíblia. Da minha janela posso ver o céu e as estrelas à noite, coisa que não fazia há muito tempo. Tenho pensado muito e escrito alguma coisa. Dentro de dois dias é aniversário de um companheiro nosso, e daqui a quatro é o meu. Creio que nunca tive oportunidade de passá-lo tão dignamente. Imagine que pouco antes de vir pra cá eu tinha lido o *Diário de Anne Frank* - como isso me dá forças! A vida realmente só vale a pena ser vivida por uma causa. A gente se apaga diante do mundo de coisas a fazer, e o homem aí realmente se torna grande²⁵⁹.

Para destacar o sofrimento das torturas, Frei Betto relata diálogo entre o padre Marcelo Carvalheira e o militante político Jeová de Assis Gomes. Segundo o nosso autor, a conversa ficou gravada na sua memória, desde a época em que esteve preso. Frei Betto teria ouvido o diálogo de dentro da solitária. Jeová sofreu prolongada sessão de torturas. Mas, sentia-se de certa forma confortado porque foi fiel ao ideal revolucionário e à luta contra a ditadura militar. Já padre Marcelo Carvalheira, antigo reitor do Seminário Maior do Nordeste, no Recife, e assessor de Dom Hélder Câmara, associou o sofrimento do jovem às chagas de Cristo. Provavelmente, o religioso via no

²⁵⁵FREI BETTO, op. cit., p.169.

²⁵⁶Frei Betto acredita que teve a integridade física preservada devido à influência de familiares. Principalmente do tio, General do Exército e do pai que atuava no poder judiciário.

²⁵⁷Segundo Frei Betto, comandaria estas torturas o delegado Renato Ribeiro Soares - policial acusado de também torturar a Madre Maurina Borges - religiosa presa por dar suporte a grupos de guerrilha urbana.

²⁵⁸Interessante notar nas palavras de Frei Ivo, homem de família de posses, o valor que dava a liberdade e as coisas simples da vida, no período em esteve preso e escreveu a carta, no início da década de 1970.

²⁵⁹FREI FERNANDO, FREI IVO E FREI BETTO, op. cit., p.153.

rapaz, à semelhança de Jesus, alguém que doou a vida por causa maior. Jeová de Assis Gomes padeceu, segundo padre Marcelo, em prol do reino de justiça entre os homens. Segundo as memórias de Frei Betto, padre Marcelo Carvalheira teria dito ao estudante:²⁶⁰

Quem ama passa da morte para a vida. Numa leitura cristã, de fé, quem faz a experiência do dom total, do amor, está salvo e se encontra com Deus. A Bíblia não diz que serão salvos os que têm fé e celebram culto, mas sim os que são capazes de amar. Para estar aqui neste calabouço, eu arrisquei muito pouca coisa. Mas você arriscou sua juventude, a carreira universitária, a formação de uma família e a própria vida, por amor. Você faz a experiência do dom total. Isso, numa leitura cristã, vale mais que proclamar a fé²⁶¹.

Como se vê, a fala atribuída a padre Marcelo aglutina discursos de fé - numa leitura cristã - e militância política.

O último capítulo de *Batismo de Sangue* - Tito, a paixão - homenageia outro dos dominicanos cativos da ditadura. Aquele que sofreu as piores consequências da prisão. O título é revelador, fazendo cruzar, na memória, o imaginário cristão sobre a paixão de Cristo e as sevícias sofridas por Tito de Alencar, tratamento que o levou ao suicídio. Frei Betto testemunha os sofrimentos do dominicano e reverencia o companheiro que retirou a própria vida. Trata o religioso cearense como vencedor. Alguém que optou pelo martírio. Frei Tito de Alencar, nas memórias de Frei Betto, não foi derrotado. Pelo contrário, adquiriu a dignidade dos mártires. Relacionando o companheiro a tantos outros personagens eclesiais com semelhante - e, à luz da fé, heroico - fim, Betto eleva vida e morte trágica de Frei Tito de Alencar, dando-lhes sentido. Ao mesmo tempo, nosso autor se posiciona favoravelmente à Salvação do frade nordestino, descartando qualquer culpabilização do suicida Tito. Vale recordar que, até antes do Concílio Vaticano II, em meios católicos, era muito comum à leitura condenatória daquele que se suicidava, que seria, nesta interpretação hoje caída em desuso, remetido à danação eterna²⁶².

²⁶⁰ Neste trecho temos exemplo de memória construída pela oralidade. Deve-se destacar que o diálogo dos personagens pode estar bastante diferente devido à distância de tempo entre o ocorrido e a escrita do livro. Além disso, a subjetividade do autor pode ter modificado a fala do padre e do militante. Outras memórias podem ter sido acrescentadas e fatos importantes também poderiam ser omitidos.

²⁶¹ FREI BETTO, op. cit., p.176.

²⁶² Frei Tito de Alencar, segundo palavras de Frei Betto: 'Regressa à casa, despede-se dos adornos, lava-se no sangue de Bartolomeu de Las Casas, de Antônio Valdivieso, de Morellos, de Camilo Torres, de Henrique Pereira Neto, de João Bosco Penido Burnier, de Rudolf Lukembein, de Oscar Romero e em teu sangue, Tito'. (FREI BETTO, op. cit., p.p.193)

Após o sofrimento das torturas, Frei Tito de Alencar decidiu, pela primeira vez, atentar contra a própria vida. Usando lâmina de barbear cortou veia próxima a região do cotovelo. Em carta escrita à época a Alceu Amoroso Lima²⁶³, Betto denuncia a violência sofrida por Tito na prisão:

Soubemos hoje que frei Tito foi novamente torturado na ‘Operação Bandeirantes’. Apanhou como um cavalo, das 9 da manhã ao meio dia e das 3 da tarde à meia-noite. Desesperado, cortou os pulsos, em busca da morte (em certo momento, ela pareceu desejável a todos nós torturados). Agora ele está no Hospital Militar, com o corpo todo marcado de pancadas e choques elétricos. É importante que este fato seja divulgado. Quem é o responsável? PS: não é bom que se saiba que lhe escrevi. Posso ser torturado por isso²⁶⁴.

Frei Betto destaca, em *Batismo de Sangue*, o medo demonstrado pelos militares, ao saberem da tentativa de suicídio do dominicano. Temiam a morte do frade nordestino. Tal fato poderia soar muito mal para o regime militar naquele momento. O surgimento de mártir era o que as autoridades menos desejavam, pois, caso isso ocorresse, aumentariam as denúncias relacionadas às torturas nos subterrâneos das prisões brasileiras.

No corredor do Hospital Militar, o *capitão Maurício* dizia desesperado aos médicos: ‘Doutor, este padre não pode morrer de jeito nenhum. Temos que fazer tudo, senão estamos perdidos. No meu quarto, a *Oban* deixou seis soldados de guarda²⁶⁵.

A tentativa de suicídio de Frei Tito de Alencar teve como consequência imediata a consolidação de ampla rede de solidariedade. O advogado Mário Simas, os superiores da Ordem Dominicana no Brasil e outros importantes nomes do catolicismo brasileiro, como o Núncio Apostólico Dom Umberto Mozzoni e Dom Paulo Evaristo Arns²⁶⁶, reforçaram o apoio aos dominicanos presos. Outro exemplo de solidariedade foi a carta escrita por Dom José de Medeiros Delgado²⁶⁷. Na missiva, o bispo se faz solidário aos sofrimentos do religioso nordestino. Além disso, aponta o martírio como altamente

²⁶³Frei Betto percebe em Alceu Amoroso Lima importante canal para as denúncias da violência ocorrida nas prisões. Além da amizade com Alceu que certamente trazia a Betto confiança, existia a possibilidade das denúncias chegarem à imprensa, pois, Amoroso Lima mantinha colunas periódicas em jornais brasileiros. Na carta, Betto se coloca como alguém que foi torturado (fato muitas vezes por ele negado). Também merece destaque o medo que o dominicano demonstra em relação à descoberta de suas denúncias, pois, tal fato, poderia se reverter em atentados à sua integridade física.

²⁶⁴LEANDRO GARCIA RODRIGUES, op. cit., p. 77.

²⁶⁵FREI BETTO, op. cit., p.195.

²⁶⁶Frei Betto afirma que ambos jamais se esconderam dos momentos difíceis; bons pastores, não abandonavam as ovelhas atacadas pelos lobos.

²⁶⁷Dom José de Medeiros Delgado, sacerdote português, Bispo da diocese de Caicó, Arcebispo de São Luís do Maranhão e de Fortaleza. Faleceu em Recife, em 1988.

relevante para a fé cristã, uma vez que seria caminho para a Salvação de muitos. Cabe registrar também que, etimologicamente, “mártir” quer dizer “testemunha”, aquele que, testemunhando sua fé, fez-se fiel até a morte. Retornando ao texto de Frei Betto:

É este amor e somente ele que nos converterá em ‘espetáculo oferecido aos homens e aos anjos’. A maioria dos nossos irmãos não se converterá sem contemplações espetaculares. Seja digno da vocação de mártir da caridade. Pra mim nela se resume a significação de muitas vidas humana e cristãs²⁶⁸.

Frei Betto critica aqueles que se omitiram em momento tão importante para os religiosos que estavam presos. Entre outros, Dom Agnelo Rossi, à época Arcebispo de São Paulo, é criticado por não ter ido visitar pessoalmente Frei Tito de Alencar. A autoridade eclesiástica mandou Dom Lucas Moreira Neves²⁶⁹ – auxiliar da Arquidiocese – entrar em contato com as forças judiciárias. Segundo Frei Betto, Dom Agnelo Rossi acreditava que somente poderosos podiam ajudar os que mais sofrem. Dom Lucas Moreira Neves também não escapa às críticas do nosso autor. Principalmente pela postura adotada, posteriormente, durante o julgamento de Frei Tito de Alencar. Diante à justiça, o auxiliar de Dom Agnelo Rossi negou-se a relatar as condições físicas em que encontrou o frade cearense, quando foi visitá-lo no hospital. Dom Lucas Moreira Neves, segundo Betto, alegou como motivo para tal decisão não querer prejudicar sua carreira religiosa.

Por ocasião do teu julgamento, irmão, a Província dominicana do Brasil pediu a Dom Lucas um depoimento sobre o estado em que te encontravas ao visitar-te. Não uma denúncia, um protesto, um salmo de indignação. Um simples relato, fiel à verdade, de tuas dores. Dom Lucas, para o nosso espanto, se recusaria, alegando não querer prejudicar suas atividades pastorais. E as responsabilidades jamais foram apuradas²⁷⁰.

Betto recorre à memória para homenagear Frei Tito de Alencar. A memória também tem esta função. Ao descrever a infância do amigo, nosso autor, destaca os valores, a íntima ligação familiar e o amor pela gente mais humilde que marcaram a vida do dominicano Tito. Além disso, o texto justifica as futuras dificuldades que o frade nordestino enfrentaria para se adaptar a Europa de clima tão diferente do seu

²⁶⁸FREI BETTO, op. cit., p.199

²⁶⁹Dom Lucas Moreira Neves, religioso da Ordem dos Dominicanos. Foi bispo-auxiliar de São Paulo entre os anos de 1967 e 1974. Vice-presidente do Pontifício Conselho para os Leigos. Secretário da Congregação para os Bispos e do Sacro Colégio dos Cardeais. Arcebispo de Salvador entre os anos de 1987 e 1998. Sagrado Cardeal pelo Papa João Paulo II. Eleito em 1996 para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira número 12.

²⁷⁰FREI BETTO, op. cit., p.197.

Ceará. A formação política e religiosa do dominicano cearense, semelhante à de Frei Betto, crítica aos modelos excludentes que fomentam desigualdades sociais, também são destacadas. Além disso, a última vez em que esteve com o amigo, momentos antes de Frei Tito sair da prisão e partir para o exílio europeu, é citada no texto de Frei Betto²⁷¹. Nesta parte de *Batismo de Sangue*, a memória é utilizada para homenagear alguém que se tem apreço, justificar alguns traços da personalidade do homenageado e colocar em evidência determinada visão de mundo - no caso dos frades - Betto e Tito, posturas políticas e religiosas identificadas com a transformação social e a superação do capitalismo.

O período em que Frei Tito viveu na França – o último de sua vida – ganhou destaque em *Batismo de Sangue*. As dificuldades do exílio, principalmente as adversidades enfrentadas por alguém que foi banido de sua terra, logo afastado das suas origens, ficaram claras nas palavras de Frei Betto. Há de se levar em conta os efeitos das torturas sobre a vida de Tito de Alencar. Mesmo longe do Brasil, o frade cearense não conseguia se libertar dos traumas que os torturadores lhe impuseram. Tentando descrever os sofrimentos do amigo, Frei Betto relata:

Não seria o Arco do Triunfo um monumento ao pau-de-arara? A terapia parisiense não conseguia colar os pedaços de sua interioridade quebrada, como renunciara o capitão Albernaz. A Torre Eiffel erguia-se como um gigantesco eletrodo. Acuado pelas sombras que se acumulavam em seu cérebro, Tito interrompe, sem explicações o tratamento. Sente-se angustiado, oprimido, perseguido. Só a voz telúrica de Milton Nascimento, a poesia irreverente de Chico Buarque e as longas horas abraçadas ao violão que ele aprendera a dedilhar aliviam suas saudades do Brasil²⁷².

Frei Betto relaciona monumentos franceses a instrumentos de torturas utilizados pela ditadura brasileira. Parece que a intenção de nosso autor seria demonstrar em profundidade os efeitos da violência das sevícias sobre a vida de Frei Tito de Alencar. Os poucos momentos de alívio, o frade cearense encontrava ao escutar discos de música popular brasileira. As canções nacionais ajudavam o nordestino a lembrar suas origens e reencontrar em parte sua identidade. A memória como estabilizadora do self.

²⁷¹Frei Tito de Alencar, contra a própria vontade, foi um dos presos políticos trocados pelo embaixador suíço Giovanni Bucher. Em 1971, o dominicano fora banido do Brasil, indo morar no Chile. Devido às ameaças que sofria, partiu para Roma. Na Itália, rejeitado por parte do catolicismo, acusado de ser frade terrorista, ficou pouco tempo. Decide viver em Paris. Frei Tito de Alencar, acolhido pelos dominicanos, permaneceu em solo francês, até o suicídio por enforcamento, em 1974.

²⁷²FREI BETTO, op. cit., p.203.

Apesar disso recordamos muito mais do que precisamos apenas para lidar com a vida presente. A memória, que rouba ‘chama / Das fontes do passado / Para glorificar o presente’, permite-nos não apenas seguir mas elaborar esforços anteriores, não apenas para sobreviver no mundo atual mas para elaborar nossos momentos e dias com uma justaposição de tempos densamente entrelaçados, que faz a mente mortal parecer imperecível²⁷³.

Para Frei Betto, o golpe militar no Chile²⁷⁴, em 1973, teve ampla influência na vida de Frei Tito. A ascensão do general Augusto Pinochet e a morte do Presidente Salvador Allende trariam ao religioso cearense desesperança quanto ao futuro do socialismo. Segundo nosso autor, Frei Tito de Alencar não soube lidar com mais esta perda. Uma vez que suas aspirações de sociedade mais justa e igualitária estariam, a partir do evento chileno, derrotadas.

Diversas alucinações acompanharam a estadia de Frei Tito em terras francesas. Nos piores pesadelos do frade nordestino, seus familiares eram espancados por militares brasileiros - pai, mãe e irmãos, sofriam torturas nas dependências do DOPS. Além disso, o delegado Sérgio Paranhos Fleury acompanhava o religioso cearense em toda a parte. O policial dava ordens e cabia a Tito somente obedecê-las. Pode-se afirmar que Frei Tito perdeu a identidade, não projetava mais o futuro, por isso, evitava o diálogo e procurava isolar-se cada vez mais. Curioso episódio, ocorrido durante internação, exemplifica o estado em que Frei Tito se encontrava:

A primeira manhã ele passa de pé na enfermaria, o rosto colado na parede, os braços abertos em cruz, sem se mover. A enfermeira pergunta por que ele se encontra assim e ele responde que não pode deixar a parede porque espera ser fuzilado. Nos dias seguintes, não se alimenta, mostra-se tomado por esmagador sentimento de culpa: sobre sua alma recai o peso da responsabilidade pelo fracasso da luta armada no Brasil, pelo golpe militar no Chile, pela ascensão da direita na América Latina²⁷⁵.

Tito de Alencar, durante o tempo em que viveu na França, parecia sentir muitas saudades do Brasil. O frade nordestino queria reencontrar a família, os amigos, em suma, a sua gente. Mas, não podia, pois, foi banido do nosso país pela ditadura militar. Segundo Frei Betto, Isto explica por que o cearense procurava a humilhação. Frei Tito sentia-se o último dos frades e punia-se constantemente, trabalhando nas piores tarefas

²⁷³DAVID LOWENTHAL, op. cit., p. 104.

²⁷⁴O golpe militar no Chile, em Setembro de 1973, depôs o governo constitucional de Salvador Allende, dando início a ditadura militar chilena (1973 - 1990) comandada pelo General Augusto Pinochet.

²⁷⁵FREI BETTO, op. cit., p.206.

do convento. Não aguentando tamanha pressão, Frei Tito, mais uma vez, tenta o suicídio. Para tanto, vários comprimidos para o sistema nervoso foram ingeridos.

A situação de Frei Tito era bastante complexa: foi banido do Brasil, vivia no exílio e estava desempregado. A cada novo trabalho que conseguia, Tito era rapidamente despedido. O dominicano tinha perdido o poder de concentração, não conseguia mais estudar e até mesmo suas crenças foram abaladas. A fé em Jesus Cristo diminuiu consideravelmente e os pensamentos de Karl Marx e Sigmund Freud também não o encantavam mais. Finalmente, em agosto de 1974, Frei Tito de Alencar decide dar fim a própria vida. Enforca-se com corda jogada sobre árvore, na zona rural francesa. Segundo Frei Betto, o amigo encontrara na morte a unidade que perdera em vida.

Dois meses antes, Tito anotara num cartão que marcava um de seus livros: é melhor morrer do que perder a vida. Seu mergulho na morte foi uma deliberada atitude de quem buscou desesperadamente a vida em plenitude, lá onde ela se situa além de nossos limites físicos, biológicos e históricos. Suas exéquias foram solenemente celebradas na França e no Brasil²⁷⁶.

2.3 À guisa de conclusão (parcial)

Cumpramos resumir o caminho percorrido. Neste segundo capítulo, debatemos o conceito de memória. Para tanto elencamos alguns dos principais pensadores que se dedicaram ao tema. Destacamos os escritos de Jacques Le Goff, David Lowenthal e do brasileiro Gilberto Velho. Foi também importante identificar como nosso autor revisita e analisa o passado. Devido à impossibilidade de análise mais ampla - são várias as obras de Frei Betto que tratam do assunto - decidimos utilizar obra específica. Assim, o livro *Batismo de Sangue – os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*, obra que relata evento de suma importância na história da Ordem Dominicana no Brasil, foi o escolhido.

²⁷⁶FREI BETTO, op. cit., p.210.

Memórias também apontam para o futuro. Desta forma, recorda-se não só para entender o presente, mas para projetar os passos seguintes. No terceiro capítulo desta dissertação, trataremos deste tipo de recordações. Para tanto, utilizaremos outra obra de Frei Betto: *Típicos Tipos – Coletânea de perfis literários*²⁷⁷ - texto no qual nosso autor homenageia pessoas que foram importantes na sua trajetória. Porém, não será analisado somente este livro. A obra *Típicos Tipos* será comparada ao texto memorial de outro autor: *Companheiros de Viagem*, do intelectual brasileiro Alceu Amoroso Lima²⁷⁸. Os motivos que explicam a escolha são vários. Alceu Amoroso Lima é referencial importante para Frei Betto. Além disso, os dois autores trocaram importantes correspondências, principalmente no período em que o dominicano esteve preso. Deste momento em diante, estiveram bastante próximos. Até os últimos dias de vida de Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Atayde²⁷⁹.

Capítulo III – Os companheiros de viagem de Alceu Amoroso Lima e os típicos tipos de Frei Betto

Ninguém morre uma vez só. Vamos morrendo pouco a pouco, na pessoa daqueles que vão partindo antes de nós, e cada um dos quais leva consigo um pouco de nós mesmos²⁸⁰.

3.1 Análise comparativa entre as obras *Companheiros de Viagem* de Alceu Amoroso Lima e *Típicos Tipos* de Frei Betto.

²⁷⁷BETTO, Frei. *Típicos Tipos – coletânea de perfis literários*. Ed. A Girafa – SP – 2004.

²⁷⁸Para maiores informações sobre a trajetória do intelectual brasileiro Alceu Amoroso Lima, consultar a obra *Um Itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima* de autoria de Marcelo Timotheo da Costa, publicado pelas Editoras PUC-RIO e Loyola.

²⁷⁹Pseudônimo utilizado por Alceu Amoroso Lima em suas crônicas jornalísticas.

²⁸⁰Amoroso Lima, Alceu. *Companheiros de Viagem*. Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1971, p. 71.

Nos capítulos precedentes, procuramos cumprir dois objetivos principais: apresentar o nosso autor – Frei Betto – ao público leitor e identificar como o dominicano constrói sua memorialística.

No primeiro capítulo, descrevemos breve biografia de Betto, desde a infância em Minas Gerais, até o período dedicado à coordenação de projetos sociais do governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, principalmente o programa Fome Zero.

Na biografia de Frei Betto, a militância no movimento estudantil (JEC) e o período passado na prisão, durante a ditadura militar brasileira, foram destacados. Estes momentos servem para evidenciar a religiosidade construída por Betto, geralmente por ele associada ao engajamento político. Para nosso autor, vida religiosa e agir no mundo são indissociáveis. Frei Betto atua socialmente porque é cristão, porque lê sua fé como algo a ser complementado pela ação. Esta é a maneira que Betto deseja viver o evangelho de Cristo e o caminho escolhido para a construção do que, na sua particular interpretação de fiel, seria o Reino de Deus na Terra.

No segundo capítulo, analisamos a construção da memória na obra de Frei Betto. Devido a grande produção editorial do dominicano, escolhemos livro que representasse a maneira como o autor desenvolve sua memorialística. A publicação selecionada foi *Batismo de Sangue - os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Um dos motivos que levaram à escolha foi à relevância histórica do texto que analisa o assassinato do revolucionário, líder do grupo guerrilheiro ALN, no período ditatorial em nosso país. A morte de Carlos Marighella ocorreu em condições suspeitas que, conseqüentemente, geraram variadas interpretações. Além disso, o texto descreve as memórias de Frei Betto sobre as experiências vividas durante o período da ditadura militar.

Em síntese, *Batismo de Sangue* revisita o passado e, concomitantemente, oferece a seu leitor oportunidade para refletir sobre o exercício memorial enquanto construtor de identidades coletivas e individuais. Coletivas quando defende os dominicanos brasileiros, que foram presos acusados de subversão, e individuais porque tal releitura é parte relevante da formação da personalidade do próprio autor. Ou seja, *Batismo de Sangue* visa, principalmente, defender os dominicanos da acusação de serem traidores de Marighella e reconstruir as percepções de Betto sobre os tempos vividos sob o regime de exceção no Brasil.

O terceiro capítulo desta dissertação dedica-se a outro tipo de uso da memória: aquela que recorda o passado e simultaneamente aponta para o futuro. Tal memorialística está intimamente ligada ao conceito de memória enquanto projeto, desenvolvido pelo antropólogo brasileiro Gilberto Velho²⁸¹.

Desejamos analisar memorialísticas que homenageiam personagens na maioria das vezes mortos e que foram relevantes na construção das identidades de dois importantes autores brasileiros. Não qualquer tipo de recordações. Tratam-se aqui de lembranças de amigos, parentes e pessoas admiradas pelos escritores das obras que serão apreciadas – *Companheiros de Viagem*, de Alceu Amoroso Lima, e *Típicos Tipos*, de autoria do próprio Frei Betto.

Memórias de mortos que apontam para o futuro parecem representar contradição. Porém, ao contrário, estamos diante de movimento bastante compreensível – afinal, as personalidades são formadas por pessoas que passaram pela vida e de alguma forma marcaram a existência daquele que se define enquanto indivíduo. Como mencionado anteriormente: a memória é crucial²⁸². Cruzamos memórias e experiências de vida para reconstruir o passado e formar identidades. Por isso, neste capítulo analisaremos obra de Frei Betto dedicada a diversas pessoas que foram fundamentais na vida do nosso autor. Devido às enormes semelhanças, vamos comparar o livro de Betto²⁸³ à obra precedente de intelectual que tanto influenciou sua trajetória, o escritor brasileiro Alceu Amoroso Lima. Ao compararmos as duas obras, respeitando o tempo que as separa, semelhanças e diferenças são procuradas. Para tanto faremos cuidadosa comparação.

Mais do que isso, nas linhas seguintes, desejamos analisar os sentidos memorialístico e religioso das citadas obras. Memorialístico porque os personagens arrolados e homenageados em *Companheiros de viagem* e *Típicos tipos* encarnam valores e visões de mundo que são caros aos autores em questão e, por isso, são evocados, recordados, celebrados. Religioso na medida em que os exercícios memoriais de Alceu Amoroso Lima e Frei Betto só podem ser bem compreendidos se forem interpretados como indissociáveis de dada fé católica dos mencionados autores. Assim,

²⁸¹VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas – 3ª edição – Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2003

²⁸² Conceito baseado nas já citadas obras de Jacques Le Goff e David Lowenthal.

²⁸³ BETTO, frei. Típicos Tipos – coletânea de perfis literários. Ed. A Girafa – SP – 2004.

tomados como exemplares, os personagens que povoam *Companheiros de viagem*, que é uma coletânea de necrológicos, são remetidos ao Céu cristão, o Paraíso particular de Amoroso Lima. Já Betto, em *Típicos tipos*, escreve sobre mortos e vivos. E, apresentando-os com admiração, também sinaliza que o Céu seria seu destino, seja o destino já realizado dos mortos recordados, seja o destino a realizar dos homenageados que viviam à época da redação do texto em lume. Desta forma, podemos afirmar que tanto *Companheiros de viagem* como *Típicos Tipos* ilustram o Céu cristão imaginado por seus autores. Além disso,

(...) a partir da memorialística de *Companheiros de Viagem*, Alceu molda para si uma determinada identidade católica, identidade renovadora, proclamando também um projeto bem específico de atuação no mundo, com base em sua fé. Memória, identidade e projeto que, expressos no livro em questão, confirmariam, de público, a caminhada empreendida por Amoroso Lima no século e, dentro dele, na Igreja²⁸⁴.

Memória, identidade e projeto conforme foram pensados por Gilberto Velho já anteriormente citado. Embora Frei Betto e Amoroso Lima sejam pensadores católicos, nem sempre os homenageados se encaixam nos padrões tradicionais da escrita memorial cristã: entre os recordados por eles na dupla de obras citadas contam-se ateus e até mesmo suicidas. Isto faz pensar que os textos representam o Paraíso, não de acordo com a interpretação teológica cristã tradicional, mas conforme a concepção progressista e particular da fé de Betto e Alceu²⁸⁵.

Rememorar os mortos é antiga prática da História da humanidade. Tal prática pode ser verificada nas sociedades que precederam a era cristã. Os gregos, por exemplo, através do fogo sagrado - o focolare – mantinham vivos na memória os familiares que já haviam partido²⁸⁶. Egípcios e romanos também faziam algo semelhante.

Jacques Le Goff refere-se ao judaísmo e ao cristianismo como as religiões da recordação. Recordar-se o passado para manter vivos personagens e mensagens. O que seria a liturgia da missa católica senão o constante relembrar? Relembrar para manter vivo. Relembrar para aprender. Relembrar para transformar. No catolicismo, podemos

²⁸⁴ MARCELO TIMOTHEO DA COSTA, op. cit. p. 359.

²⁸⁵ Alceu Amoroso Lima notabilizou-se, logo após sua conversão, no final dos anos 1920 e na década de 1930, como um católico reacionário. Transformou-se eclesiológica e politicamente a partir de meados dos anos 1940. Quando da edição de *Companheiros de viagem*, em 1971, já se notabilizava como católico progressista e inimigo contumaz da ditadura vivida pelo país.

²⁸⁶ A este respeito consultar a obra:]]

verificar tal prática ao percebermos como a Igreja Católica festeja seus santos nos respectivos dias das suas mortes. Morte não entendida como derrota, mas, pelo contrário, como capítulo vitorioso da existência terrena. Celebrar os mortos significa manter viva a memória sobre eles e dar esperança aos fiéis quanto ao futuro.

O teólogo Francisco Taborda segue na mesma trilha e vai além: ele sustenta que o cristianismo, ao valorizar os acontecimentos pela celebração, liga os fiéis ao passado, sob a forma de memória, e ao futuro, sob a forma de esperança²⁸⁷.

Como dito acima, o livro de Alceu Amoroso Lima – *Companheiros de Viagem* – é coletânea de necrológios feitos pelo autor, homenagens póstumas a diversos amigos que de uma forma ou de outra cruzaram a trajetória do intelectual brasileiro. A obra foi editada em 1971, contendo textos escritos entre os anos de 1940 e 1970, período de grande transformação no pensamento religioso e político de Alceu Amoroso Lima²⁸⁸, fato que a análise da obra pode facilmente comprovar.

Segundo Marcelo Timotheo da Costa, *Companheiros de Viagem* não se reduz a um agrupamento de textos que objetivam homenagear amigos que já se foram. Não é somente memorialística construída para engrandecer companheiros mortos. O texto nem mesmo é uma antecipação do que nos espera após a morte. Vai além. Trata-se da projeção pessoal do Paraíso cristão, projeção baseada na vivência de cada finado homenageado por Amoroso Lima na Terra. É o Céu – no sentido cristão do termo – construído por Alceu Amoroso Lima. É o Paraíso do Tristão de Athayde, experimentado ainda em vida através dos amigos que conquistou.

Creio que a obra em questão não se restringe à coletânea memorialística, pautada em elogios fúnebres. Nem, tampouco, ela se limita a uma espécie de antecipação do encontro escatológico esperado pelos crentes. *Companheiros de Viagem* transcende o tributo e a esperança pavimentada na fé, operando uma ascensão. Neste texto, Alceu situa numa espécie de paraíso particular pessoas marcantes para sua trajetória terrestre. Em uma frase: acredito que estamos diante da comunhão dos santos amorosiana – versão particular e adaptada para o homem do século XX de um conceito cristão ao mesmo tempo antigo e familiar ao universo dos crentes²⁸⁹.

A obra *Típicos Tipos* de autoria de Frei Betto teve sua primeira edição lançada no ano de 2004. Já se contavam quase vinte anos que o Brasil vivia o período da

²⁸⁷MARCELO TIMOTHEO DA COSTA, op.cit, p.359.

²⁸⁸Os textos foram escritos quase duas décadas após a conversão do autor.

²⁸⁹MARCELO TIMOTHEO DA COSTA, op. cit. p. 350 e 351.

redemocratização. Há dois anos o presidente operário, Luís Inácio Lula da Silva, governava o nosso país e nosso autor abandonava o cargo de Assessor Especial do Presidente da República, além da coordenação da Mobilização Social do programa Fome Zero.

O livro *Típicos Tipos* possui mais de 300 páginas e é dividido em cinco seções. A obra, da mesma forma que *Companheiros de Viagem* de Alceu Amoroso Lima, faz homenagem a personagens que foram importantes na trajetória do autor. Frei Betto escolhe aqueles que de uma forma ou de outra ajudaram na formação da sua identidade.

Interessante notar que *Típicos Tipos*, livro publicado justamente no ano em que Betto completava sessenta anos de idade, representa o repensar do autor sobre as seis décadas vividas e o projeto dos anos que virão. Ou seja, a memória formadora da identidade e construtora do projeto de vida, intimamente ligada ao pensamento do antropólogo Gilberto Velho, já citado outras tantas vezes nesta dissertação.

Os mortos apresentados em *Companheiros de Viagem* possuem perfil variado, inclusive quanto à classe econômica a qual estavam inseridos. Deve-se destacar que a maioria dos amigos homenageados por Amoroso Lima pertencia à elite brasileira e internacional. Elite econômica e intelectual. Porém no texto de Alceu aparecem exceções, como por exemplo, a babá do autor (descendente de escravos) e um antigo funcionário do Centro Dom Vital²⁹⁰.

Em *Típicos Tipos*, Frei Betto faz algo semelhante. A maioria dos personagens homenageados possui relevância histórica, religiosa ou política. Porém, algumas pessoas citadas representam o cristianismo vivido na dedicação aos mais humildes e no desapego aos bens materiais²⁹¹. Mesmo assim, poucos são os anônimos citados no texto e grande parte dos amigos selecionados por nosso autor pertence às classes de maior proeminência social e intelectual.

Diferenças marcantes entre as duas obras aparecem quando percebemos que Betto homenageia vários personagens vivos e que o dominicano amplia a análise ao

²⁹⁰ A babá de Alceu Amoroso Lima chamava-se Joaquina da Conceição Paranhos e era apelidada Quinquina. Já o funcionário do Centro Dom Vital era Wágner Antunes Dutra. As homenagens feitas a estes personagens podem ser conferidas, respectivamente, nas páginas 8 e 68 da obra *Companheiros de Viagem*. Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1971

²⁹¹ São exemplos citados por Frei Betto: o teólogo Leonardo Boff, Madre Paulina, o suíço Alfredo Kunz, Henry e Charles de Foucauld.

destacar também lugares que foram importantes na sua formação, como por exemplo, as cidades de Barcelona, Paraty e Ouro Preto.

Pessoas que foram referências para Amoroso Lima no campo religioso, inclusive os papas Pio XII e João XXIII, foram lembradas em *Companheiros de viagem*. Frei Betto em *Típicos Tipos* faz algo semelhante, compara pontificados muito distintos, destacando o catolicismo de cunho mais progressista. Num mesmo texto, Betto descreve os pontífices Pio IX²⁹² que “optou pelo encastelamento da Igreja diante dos avanços do mundo moderno”²⁹³ e o mesmo João XXIII, citado anteriormente por Amoroso Lima, que, segundo Betto, “promoveu uma revolução copernicana na Igreja católica”²⁹⁴, convocando o Concílio Vaticano II, que abriu caminho para a modernização, o aggiornamento, do catolicismo.

Dom Sebastião Leme – Arcebispo do Rio de Janeiro e os padres Leonel Franca, Eduardo Lustosa e Roberto Sabóia de Medeiros, entre outros, também receberam homenagens no livro de Alceu Amoroso Lima. Mas, não somente católicos foram lembrados. O Pastor norte-americano Martin Luther King²⁹⁵ que liderava movimentos de resistência ao racismo e em prol da igualdade dos direitos civis nos Estados Unidos, foi chamado em *Companheiros de Viagem* de o santo negro²⁹⁶. Nas palavras de Amoroso Lima:

Anunciaram os jornais que um sacerdote católico teria proposto a canonização de Luther King. Não sei se é exato. Nem se será canônico. Só sei que seria perfeitamente justo. Mais do que isto, perfeitamente cristão. Se a santidade é uma eleição divina para a oblação pessoal, ninguém a mereceu mais do esse herói do anti-racismo, esse gênio da bravura não violenta, esse santo do desprendimento pessoal da mais autêntica pobreza de espírito evangélico na mais rica das nações da Terra²⁹⁷.

²⁹²O processo de disseminação da reforma ultramontana se deu de forma decisiva, durante o papado de Pio IX. Dessa forma as orientações Tridentinas ganham vigor e espaço dentro de uma esfera de disputas diversas, tanto no plano pastoral como no plano temporal, disputas essas que irão marcar a Igreja do Século XIX. Sua última grande realização foi o Concílio Vaticano I (1870), o qual, através do decreto *Pastor aeternus*, proclamou o controvertido dogma da infalibilidade papal.

²⁹³FREI BETTO, op. cit., p. 155.

²⁹⁴Ibid., p. 156.

²⁹⁵Martin Luther King Júnior (1929-1968) foi um pastor batista e um dos principais líderes na luta pelos direitos civis e contra a discriminação racial nos Estados Unidos. Ativista político reivindicava salários dignos e mais postos de trabalho. Além disso, defendeu os direitos das mulheres e foi contra a Guerra do Vietnã.

²⁹⁶O próprio Alceu Amoroso Lima na obra citada *Companheiros de Viagem* refere-se ao pastor Martin Luther King Júnior como o santo negro.

²⁹⁷ALCEU AMOROSO LIMA, op. cit., p. 262.

Frei Betto, em *Típicos Tipos*, também reverencia vários religiosos que lhe servem como modelo de cristão. Nosso autor seleciona personagens engajados em questões sociais e que se alinham aos pressupostos defendidos pelo progressismo católico e a Teologia da Libertação. São exemplos os perfis dedicados a dom Paulo Evaristo Arns, dom Hélder Câmara, dom Cláudio Humes, Leonardo Boff, Gustavo Gutiérrez, Frei Tito de Alencar, Frei Mateus Rocha, entre outros. Todos somados tipificam o cristão ideal na concepção de Frei Betto.

Dom Paulo Evaristo Arns é homenageado por sua coragem de enfrentar o regime militar e a dedicação aos mais sofridos, principalmente àqueles que foram torturados nos porões do regime de exceção brasileiro. A missa celebrada em protesto à morte do jornalista Vladimir Herzog foi lembrada por Betto como exemplo da ousadia do arcebispo Arns. As visitas que fez a Frei Tito e aos outros dominicanos presos também explicam a admiração nutrida por nosso autor.

Dom Helder Câmara²⁹⁸, a quem Frei Betto chama de o Arcebispo Vermelho, acusado de ser comunista por jornalistas e militares, principalmente pela dedicação aos mais humildes e aos diversos projetos sociais que criou, como por exemplo: a Cruzada São Sebastião e o Banco da Providência, também recebeu destacada homenagem em *Típicos Tipos*.

Dom Cláudio Hummes²⁹⁹, arcebispo de São Paulo e Cardeal nomeado pelo papa João Paulo II, foi apoio fundamental nas greves dos metalúrgicos ocorridas no interior paulista, durante a década de 1980, quando Dom Hummes era bispo de Santo André, no cinturão industrial paulista conhecido com ABC. Frei Betto vivia em São Paulo nesta época e teve atuação de destaque nas greves que apresentaram o então metalúrgico Lula ao Brasil. Quando o sindicato dos metalúrgicos foi fechado, Dom Cláudio Hummes abriu as portas da Igreja aos operários e aos seus familiares, contribuindo de forma decisiva para a sobrevivência do movimento grevista. Por isso, entre outros motivos, mereceu destaque no texto de Frei Betto.

Todos estes religiosos citados, de uma forma ou de outra, representam o cristianismo idealizado por Betto – engajado nas causas dos mais necessitados e

²⁹⁸Apresentação detalhada de Dom Hélder Câmara já foi desenvolvida nesta dissertação na página 8 do primeiro capítulo.

²⁹⁹Dom Cláudio Hummes também já foi apresentado na página 25 do primeiro capítulo desta dissertação de mestrado.

dedicado aos oprimidos pelos detentores do poder. A citação abaixo, escrita para homenagear dom Paulo Evaristo Arns, exemplifica o tipo ideal de cristão que Frei Betto em *Típicos Tipos* deseja exaltar:

Dom Paulo Evaristo Arns é o meu cardeal do coração. Tornou a Igreja de São Paulo mais evangélica, servidora e promotora dos pobres, incentivando os movimentos sociais e impulsionando a Comissão de Justiça e Paz e os Centros Clamor e Santo Dias. Trabalhamos juntos no projeto ‘Brasil Nunca Mais’. Guardo vivas na memória suas visitas aos presos políticos e a coragem profética com que defendeu os direitos humanos sob o regime militar. Por sua atuação nos anos de chumbo, o cardeal Arns merecia o Prêmio Nobel da Paz que, espero, seja entregue um dia à sua irmã, a doutora Zilda Arns, coordenadora da Pastoral da Criança³⁰⁰.

Retorne-se a Amoroso Lima e a sua memorialística. Intelectuais, escritores, artistas, também foram recordados em *Companheiros de Viagem*. Pessoas de épocas, classes sociais, profissões e religiões diferentes. Mas, algo eles tinham em comum e interessa-nos aqui destacar: todos, de alguma maneira, marcaram a vida de Alceu Amoroso Lima. Alguns conviveram com o autor. Outros, não. Porém, sem exceção, os que tomam as páginas de *Companheiros de Viagem* foram importantes na trajetória vital de Alceu, confirmando câmbios eclesiológicos e políticos do intelectual brasileiro.

Para tal afirmativa, baseamo-nos no conceito de crucialidade da memória, já destacado nos capítulos precedentes e defendido pelo historiador Jacques Le Goff, e pela abordagem do geógrafo David Lowenthal acerca da função memorial. Somos o somatório das pessoas que nos influenciaram durante a vida. Por isso, ao tratarem das trajetórias daqueles que escolheram homenagear, Alceu Amoroso Lima e Frei Betto, também falam deles mesmos. Os seres humanos são o que são porque são formados no encontro com outros, em sociedade. Esta é a ideia principal que desejamos destacar nas obras selecionadas.

Mas, quais são os traços de personalidades evidenciados por Amoroso Lima? Quais influências dos seus “companheiros de viagem” são destacadas no texto? A santidade, nos sentidos de pureza de alma e inocência, é um dos aspectos que nos salta aos olhos. Esta característica é bastante recorrente em *Companheiros de Viagem*. Para Amoroso Lima, estes homenageados são pessoas que estão numa categoria superior. Venceram os vícios humanos e alcançaram tamanha dignidade que o autor os coloca no

³⁰⁰FREI BETTO, op. cit., p. 167.

Paraíso Cristão. Sobre Joaquina da Conceição Paranhos, a babá Quinquina que na infância cuidou de Amoroso Lima, o autor de *Companheiros de Viagem* escreveu:

Mas jamais a tristeza irremediável ou a revolta toldaram a sua alma, sempre penetrada da alegria dos que souberam preservar em si a fonte da pureza. Sua fé era uma rocha inabalável. Amava a Deus, como amava as coisas de Deus e comunicava a todos a mesma pura atmosfera de alegria espiritual³⁰¹.

Pessoas alegres e que mantiveram a juventude da alma ao longo da vida também foram selecionadas para compor as referências de Alceu Amoroso Lima. Estes indivíduos possuiriam outra característica comum: encaravam a religiosidade a partir da ótica franciscana, no que se refere ao desapego aos bens materiais e a dedicação aos mais humildes da sociedade. São exemplos de companheiros de Amoroso Lima com estas particularidades: João Carlos Machado³⁰², Rodrigo Otávio Filho³⁰³ e Tasso da Silveira³⁰⁴. Sobre Rodrigo Otávio Filho, apresentado como “um homem feliz”, Amoroso Lima escreveu:

É desses homens de boa vontade que Deus mais precisa para nos curar da má vontade de viver em que andam os nossos desencontros. ‘Hoje me sinto tão feliz’, dizia ele algumas horas antes de morrer em pleno convívio de amigos com quem se sentia sempre quase tão bem como junto aos seus queridos de um lar incomparável³⁰⁵.

O intelectual brasileiro Alceu Amoroso Lima também mantinha espiritualidade franciscana³⁰⁶ aos moldes dos companheiros homenageados. Acreditamos que o mesmo possa ser afirmado em relação a Frei Betto, de espiritualidade dominicana, ordem mendicante medieval fundada na mesma época dos franciscanos. Ordem mendicante essa que, por seu carisma, representava demanda cristã característica da Baixa Idade Média de retorno a um cristianismo mais coerente com a simplicidade evangélica dos primeiros séculos. A dedicação do frade Betto aos movimentos sociais, à educação popular, à causa operária e à Teologia da Libertação corroboram com esta afirmativa.

Explica-se, assim, contar entre os personagens homenageados em *Típicos Tipos* amigos que apresentam a mesma religiosidade franciscana exaltada por Alceu em seus companheiros. São exemplos dos franciscanos de Betto o teólogo Leonardo Boff, a

³⁰¹ALCEU AMOROSO LIMA, op. cit., p. 8.

³⁰²Ibid., p.149.

³⁰³Ibid., p. 271.

³⁰⁴Ibid., p. 270.

³⁰⁵Ibid., p. 274.

³⁰⁶MARCELO TIMOTHEO DA COSTA, op. cit. p. 355.

quem nosso autor chama de proscrito, Madre Paulina³⁰⁷, o suíço Alfredo Kunz, Henry (“o vagabundo de Deus”)³⁰⁸ e Charles de Foucauld.

O religioso suíço Alfredo Kunz, da congregação dos Filhos da Caridade, no ano de 1968 mudou-se para a diocese de Cratêus no Ceará, onde escolheu trabalhar na paróquia mais pobre da região. No Nordeste brasileiro, Alfredinho, como Frei Betto o chamava, criou a campanha da PAF – Porta Aberta ao Faminto -, projeto em que famílias davam de comer aos flagelados pela seca. Para exemplificar o tipo de cristianismo vivido pelo suíço Kunz, Betto conta história em que o padre Alfredinho confessou prostituta brasileira vítima de câncer e que vivia os últimos momentos de vida. Segundo Betto, Alfredo Kunz disse a mulher:

(...) Somos nós que devemos pedir perdão a você. Perdão pelos pecados de uma sociedade que não lhe ofereceu outra alternativa de vida. Como Jesus prometeu, Antonieta, você nos precederá no Reino de Deus. Interceda por nós³⁰⁹.

O exemplo da prostituta oferta aos leitores outra ideia defendida por Frei Betto: o afastamento do moralismo que elitiza a fé e não consegue compreender que o Reino dos Céus seria para todos e não somente para aqueles que se enquadram nos padrões comportamentais aceitos na sociedade.

Exemplo curioso em *Típicos Tipos* é o de Henry, chamado por Frei Betto de “vagabundo e andarilho de Deus”³¹⁰. Henry é o único personagem do livro chamado somente pelo primeiro nome. Acreditamos que isso possa ter algumas explicações. Foi personagem que nosso autor teve pouco contato, duas vezes durante a vida, por isso, simplesmente, Betto não conheceria o sobrenome do religioso. Pode ter sido feito de propósito para ressaltar a simplicidade do monge ou talvez, Betto queria que Henry ficasse quase anônimo.

Henry era monge da Congregação dos Irmãozinhos do Evangelho, fundada por Charles de Foucauld. Frei Betto destaca o desapego de Henry aos bens materiais e o descuido que o religioso tinha com a própria aparência. Fato que fazia assemelhar-se a mendigos. Betto conviveu com Henry em dois momentos: por alguns dias no convento

³⁰⁷ Causa surpresa o fato da Madre Paulina constar entre os homenageados por Frei Betto em *Típicos Tipos*. Pois a religiosa é das maiores representantes do conservadorismo católico, visão religiosa bastante oposta à defendida por nosso autor.

³⁰⁸ Termo utilizado por Frei Betto em *Típicos Tipos*.

³⁰⁹ FREI BETTO, op. cit., p. 142.

³¹⁰ Ibid., p.145.

em Belo Horizonte e, posteriormente, no barraco habitado por Betto, numa comunidade favelada em Vitória, no Espírito Santo. O desapego do religioso e a dedicação do monge aos mais excluídos impactaram nosso autor. Pois, mesmo tendo convivência tão curta, Henry foi selecionado como um dos companheiros de viagem de Betto.

Outro detalhe chama atenção, ao término do texto que recorda o discípulo de Charles de Foucauld, Frei Betto destaca que Henry pregou para o papa Paulo VI³¹¹. Acreditamos que a mensagem refere-se intimamente as palavras de Jesus: “Pois aquele que se tornar pequeno e simples como esta criança será como o maior de todos no reino dos céus”³¹².

Para terminar a segunda seção de *Típicos Tipos*, nosso autor homenageia o próprio Charles de Foucauld, a quem chama de “homem de Deus”³¹³. Foucauld foi homenageado por Betto justamente após o texto dedicado ao andarilho Henry, membro da Congregação por ele fundada. Entendemos que, com esta estratégia, Betto desejou confirmar os argumentos utilizados na última parte do capítulo, ou seja, a defesa do cristianismo afastado das riquezas materiais e dedicado aos mais pobres da sociedade.

Charles de Foucauld guardava semelhanças com o primeiro personagem homenageado em *Típicos Tipos* – o poeta T. S. Eliot – e com o autor da outra obra analisada neste capítulo, Alceu Amoroso Lima. O três – Foucauld, T. S. Eliot e Amoroso Lima - se converteram ao cristianismo em idade adulta e pertenciam às classes mais favorecidas da sociedade. Por isso, entendemos tratar-se de referência consciente ou não a obra e autor que inspiraram *Típicos Tipos – Companheiros de Viagem* de Alceu Amoroso Lima.

Frei Betto afirma ter inveja das pessoas que, a exemplo de Foucauld, escolheram “a senda obscura de Nazaré”³¹⁴, ou seja, dedicaram a vida ao convívio com os mais desprovidos da humanidade. Talvez Betto se cobre maior dedicação aos pobres ou quem sabe sintasse culpado por ter nascido em lar onde os recursos materiais não eram problema. A título de exemplo, recordarmos que, na obra de nosso autor, aparecem

³¹¹Foi eleito Papa em 21 de Junho de 1963, na sequência da morte do Papa João XXIII. Sendo o primeiro papa a viajar de avião, fez viagens, entre outros locais, a Jerusalém, Índia, Portugal, Turquia, Colômbia, Suíça, Uganda, Filipinas e Austrália. Concluiu o Concílio Vaticano II que tinha sido iniciado pelo Papa João XXIII, implementando posteriormente as suas reformas e medidas inovadoras que visam renovar a Igreja Católica

³¹²Evangelho de Mateus, capítulo 18 e versículo 4.

³¹³FREI BETTO, op. cit., p. 147.

³¹⁴Ibid., p.148.

constantemente explicações sobre as torturas que Betto não sofreu na prisão, diferente de outros companheiros dominicanos, os frades Tito, Fernando e Ivo. Geralmente, Betto atribui sua preservação física a origem familiar abastada, pois, era filho de juiz e sobrinho de general da reserva.

Da experiência cristã de Charles de Foucauld nasceram algumas comunidades religiosas que se dedicam aos pobres: a Fraternidade dos Irmãozinhos e irmãzinhas de Foucauld³¹⁵, os Irmãozinhos do Evangelho e a Fraternidade Leiga. No Brasil, estes grupos dedicam-se, principalmente, às comunidades indígenas da região do Araguaia, a algumas favelas cariocas, aos operários do interior paulista e às regiões periféricas da capital paraibana. Segundo Frei Betto:

Num tempo em que a religiosidade torna-se de ruídos e jogos de efeito, a espiritualidade de Foucauld é um contraponto para quem sente-se mais evangélico no silêncio da oração, no serviço aos pobres, no anonimato inspirado na vida oculta de Jesus em Nazaré. A busca da fama é incompatível com a fome de Deus. Como ensinou João, o Batista, é uma arte saber recolher-se para que Jesus possa sobressair³¹⁶.

Voltando a obra *Companheiros de Viagem* de Alceu Amoroso Lima, destacamos o perfil de Péricles Maranhão, desenhista que criou O Amigo da Onça, personagem que fez imenso sucesso em publicações nacionais como a revista *O Cruzeiro*, entre os anos de 1940 e 1960. Maranhão suicidou-se. Logo, longe de ser exemplo de alegria e jovialidade, o criador do Amigo da Onça representa a dor máxima daqueles que não encontrando saída, decidem acabar com a própria vida³¹⁷.

Da mesma forma que Alceu Amoroso Lima homenageou o suicida Péricles Maranhão, Frei Betto destaca o martírio de Tito de Alencar, confrade de Betto na oposição à ditadura e no cárcere, colocando o companheiro de batina no Céu. Frei Tito é

³¹⁵A Irmandade nasceu na França, sobre um grupo de sacerdotes, entre os quais estava o que foi o seu primeiro presidente geral e mais tarde bispo de Orleans, Guy Riobé, no ano de 1951, com o nome da União Sacerdotal. Em 1976, e após o Concílio Vaticano II, foi rebatizado Fraternidade Sacerdotal Jesus Caritas. Atualmente, inclui cerca de 3.000 sacerdotes diocesanos e está espalhada pelos cinco continentes. Na Europa, são cerca de 1.500 sacerdotes.

³¹⁶FREI BETTO, op. cit., p. 148 e 149.

³¹⁷O necrológio assinado por Alceu Amoroso Lima sobre Maranhão data da década de 1950, quando o suicídio ainda era tabu entre católicos, inclusive com a interdição de que se rezasse missa fúnebre pela alma daquele que atentasse contra a própria vida. Assim que a postura de Amoroso Lima é de acolhimento, não de condenação, postura progressista de um católico que revia sua maneira de ver a fé e as consequências dela.

posto em *Típicos Tipos* ao lado do papa João Paulo II, do arcebispo dom Hélder Câmara, de Leonardo Boff, Gustavo Gutierrez, entre outros. Para Frei Betto, a dor de Tito representou a face mais sombria da ditadura militar brasileira. Por isso, a vida de Frei Tito representa a voz daqueles que acreditam que a política pode não ser utilizada para oprimir as minorias, mas, em sentido oposto, o poder público pode representar a defesa dos princípios éticos e humanitários que buscam mitigar as injustiças sociais.

Frei Betto afirma que Frei Tito representa todos que se sacrificaram pela superação da ditadura e pelo retorno da democracia no Brasil. Por isso, para Betto, torna-se tão importante que a memória da vida do frade nordestino seja preservada e divulgada. Algo a ser empreendido principalmente no Brasil, país considerado por Betto com graves distorções memorialísticas. Em nosso país, afirma o dominicano, manipulado pelas elites, o passado conforme ensinado à população, serve a manutenção das desigualdades, pois, mascara o senso crítico e difunde a aceitação das injustiças sociais com normalidade. Nas palavras de Frei Betto:

O Brasil é um caso raro de nação desmemoriada. As elites dominantes ensinaram-nos a conhecer melhor os heróis da Revolução Francesa do que os combatentes da Conspiração Mineira – inadequadamente qualificada de Inconfidência – o que faz supor que todos deram com a língua nos dentes, como fez Silvério dos Reis. Os índios são vistos como peças folclóricas do zoológico amazônico e os escravos como meras vítimas dos abusos de senhores que cresciam, à exploração, os castigos físicos³¹⁸.

Alceu Amoroso Lima, diferente de Frei Betto, converteu-se ao cristianismo já em idade adulta. Explica-se assim o destaque que Alceu dá àqueles que, do mesmo modo, decidiram, em idade madura, seguir o ideal cristão. Entre outros, selecionamos o caso de Jackson de Figueiredo³¹⁹, um dos maiores perfis do livro *Companheiros de Viagem*. Este fato talvez se explique se lembrarmos da importância de Jackson no processo de conversão de Amoroso Lima.

³¹⁸FREI BETTO, op. cit., p. 189.

³¹⁹Jackson de Figueiredo Martins nasceu em Aracaju, em 1891. Bacharel em direito, dedicou-se à política e ao jornalismo. Seu nome é ponto de referência na história do catolicismo brasileiro como organizador do movimento católico leigo. Entre 1921 e 1922, fundou o Centro Dom Vital e a revista *A Ordem*, através dos quais combateu o comunismo, o liberalismo e a revolução de modo geral. A sua proposta era reunir leigos e religiosos que se dedicassem aos estudos da doutrina católica. Foi através de sua obra que o pensamento conservador, tradicionalista ou reacionário foi introduzido no Brasil. Em 1921 defendeu a candidatura de Artur Bernardes, identificando-o com os princípios da autoridade, religião e ordem, em detrimento de Nilo Peçanha, como demagogo, revolucionário e ligado à maçonaria. Colaborador em vários jornais e revistas, como a *Gazeta de Notícias* e *O Jornal*, produziu, entre outras obras, *Afirmarções* (1921), *A reação do bom senso* (1922) e *A coluna de fogo* (1925). Faleceu em 1928 (Fonte CPDOC-FGV).

Quando, hoje, os novos se espantam diante das ideias ‘reacionárias’ de Jackson ou nos acusam, a nós seus amigos e discípulos ‘anti-reacionários’, de ‘traíremos’ a sua mensagem, é que colocam o acento errado na significação de Jackson para nossa geração e para o nosso tempo. Não foi a doutrina da ordem política que representou o papel importante de Jackson em nosso século. Foi a doutrina da ordem sobrenatural. Nisso é que está o ponto crucial do papel que ele desempenhou para o nosso tempo³²⁰.

Percebe-se no fragmento acima, Amoroso Lima defendendo a memória de Jackson de Figueiredo e, mais do que isso, protegendo a si próprio das acusações que recebia. Alceu não nega que o amigo foi reacionário e nem mesmo esconde as discordâncias relacionadas ao posicionamento político do companheiro, discordâncias que vão surgir, em Amoroso Lima, anos após a morte de Figueiredo. Mas, equaciona a questão colocando a contribuição espiritual de Jackson acima de qualquer conservadorismo radical que pudesse diminuir a importância do amigo. O próprio Amoroso Lima passou por fase reacionária. Por isso, entendemos que, ao justificar o posicionamento de Jackson, Alceu explica aos seus leitores sua própria fase religiosa conservadora³²¹.

Frei Betto também passa por fase cristã conservadora. Muito menor em durabilidade e importância se compararmos à biografia do autor de *Companheiros de viagem*. Como já citado anteriormente, Betto politizou-se ainda na adolescência, quando passou a participar da JEC (Juventude Estudantil Católica)³²², movimento estudantil progressista que fazia parte da Ação Católica.

Pessoas que foram fundamentais na formação política e intelectual do jovem Betto, no período em que participou ativamente da JEC, aparecem em *Típicos Tipos*. São exemplos os perfis escritos sobre os frades Mateus Rocha, Domingos, a quem Frei Betto chama de pai³²³, Gil e Guilherme. Sobre Frei Mateus Rocha, Betto escreveu:

Para frei Mateus, Cristo era a revolução. Pedagogo por excelência, consagrou-se à evangelização dos jovens, abrindo a toda uma geração de estudantes mineiros o desafiante caminho da síntese entre a

³²⁰ ALCEU AMOROSO LIMA, op. cit., p. 32 e 33.

³²¹ Para maiores informações sobre a trajetória do intelectual brasileiro Alceu Amoroso Lima, consultar a obra *Um Itinerário no século: mudança, disciplina e ação* em Alceu Amoroso Lima de autoria de Marcelo Timotheo da Costa, publicado pelas Editoras PUC-RIO e Loyola.

³²² Para entender melhor a participação de Frei Betto na JEC, consultar a obra *Alfabetto – Autobiografia escolar*. Ed. Ática, São Paulo, 2002.

³²³ FREI BETTO, op. cit., p. 197 e 198.

dimensão social da fé cristã e o projeto de construção de uma sociedade fundada na justiça³²⁴.

Em *Típicos Tipos*, Betto homenageia vários personagens declaradamente ateus, como o líder cubano Fidel Castro, o revolucionário argentino Ernesto Che Guevara e o comunista brasileiro Luís Carlos Prestes.

O encontro com Fidel Castro foi escolhido por Betto para finalizar a primeira seção de *Típicos Tipos*. A experiência de entrevistar o líder cubano foi descrita em detalhes no livro *Fidel e a religião*³²⁵. Talvez por isso, ao falar de Fidel na obra que hora analisamos, Betto é econômico nas palavras. Prefere destacar as principais características da personalidade do líder da Revolução Cubana e ressaltar que não possui o fácil acesso a Fidel que muitos acreditam que Betto tem.

Frei Betto afirma que Fidel Castro “de uma tribuna, é capaz de entreter a multidão por três ou quatro horas”³²⁶. O líder cubano seria, por exemplo, incapaz de receber alguém por apenas poucos minutos. Pelo contrário, segundo Betto, Castro tem a capacidade de conversar a noite inteira. É muito atento e sagaz. Capaz de retirar as mais íntimas confissões dos seus interlocutores.

Para Betto, Fidel tinha raciocínio extremamente rápido, difícil de acompanhar. O presidente de Cuba também teria invejável memória e grande facilidade para lidar com operações matemáticas, afirma o dominicano. Mas, Fidel também é retratado como muito reservado, daqueles que guardam sua intimidade a todo custo. Sobre Fidel Castro, pelo qual mantém notória admiração, Frei Betto escreveu:

É preciso muita agilidade para acompanhar seu raciocínio. Sua prodigiosa memória é enriquecida por uma invejável capacidade de fazer complicadas operações matemáticas mentais, como se acionasse um computador no cérebro. Gosta que lhe contem casos e histórias, descrevam processos produtivos, tracem o perfil de políticos estrangeiros. Mas não queira invadir sua privacidade, guardada a sete chaves. A menos que o interesse esteja relacionado à sua única paixão: a Revolução Cubana³²⁷.

Formados por variado leque de homenageados, *Companheiros de Viagem e Típicos Tipos* devem ser entendidos muito além das referências a amigos mortos.

³²⁴Ibid., p. 191.

³²⁵FREI BETTO, op. cit.

³²⁶FREI BETTO, op. cit., p. 101

³²⁷Ibid., p. 103.

Ambas as obras são reconstruções memorialísticas que objetivam firmar e justificar as identidades dos seus autores – Alceu Amoroso Lima e Frei Betto, respectivamente.

As obras *Companheiros de Viagem* e *Típicos Tipos* vão além das simples homenagens quando representam projetos de acordo com o conceito desenvolvido pelo já citado Gilberto Velho. Passado, presente e futuro. Tempos não entendidos como desarticulados e lineares. Mas, compreendidos como dinâmicos. Memória e projeto – passado articulado ao futuro – que formam personalidades em realidades multiformes como as sociedades contemporâneas.

3.2 *Companheiros de Viagem* de Alceu Amoroso Lima

Companheiros de Viagem é claramente livro de memórias. Não há como negar. Nesta obra, Amoroso Lima homenageia vários amigos falecidos. O autor desta obra objetivou manter vivos através das recordações os companheiros mortos, pois, na visão de Amoroso Lima e de outros autores, enquanto forem lembrados, estarão vivos.

Porém, não é somente este o objetivo de *Companheiros de Viagem*. Amoroso Lima recorda personagens que transformaram sua personalidade. Amigos que foram fundamentais na sua trajetória e que são importantes para analisarmos as percepções de Amoroso Lima sobre a religiosidade e a sociedade brasileira de seu tempo.

Amei. Tive filhos e netos. Escrevi livros. Fui professor. Tive amigos e inimigos. Rezei. Já tive pior memória e vista melhor do que hoje [...] Conversei 10 horas seguidas com Maritain. Fui amigo do Cardeal Leme, Jackson de Figueiredo e Wagner Dutra [...] Adorei a Deus. Pequei [...] Fui crítico literário. Ensinei na Sorbonne. Detestei meus tempos de Ginásio [...] Fui sempre um aluno medíocre. Nunca fui profissional de nada. Sentei-me, provavelmente, ao lado de Pèguy nos cursos de Bergson em 1912 e 1913, sem o saber. A grande e grata surpresa da vida: os homens são melhores do que pensamos. Entreguei pessoalmente meu livro *Mensagem de Roma* ao Papa. Nunca conversei com meu barbeiro. Discuti com Bernanos. Conversei 3 horas com Thomas Merton [...] Fui presidente da Ação Católica. Nunca estive em uma escola primária. Recebi as primeiras letras de minha mãe e desse coxo João Kopke, o maior educador brasileiro. A virtude que mais admiro é a naturalidade. O vício que mais detesto, o farisaísmo [...] À medida que nos aproximamos do fim da vida

fatalmente temos de escolher entre a humildade e a estupidez. Faço, este ano, 60 anos. Que surpresa, e, olhando pra trás, que deserto. Morrerei quando Deus quiser.³²⁸

Mas, não podemos esquecer que o passado não pode ser resgatado. Tal tarefa é impossível. Recordar – como afirma David Lowenthal³²⁹ – é selecionar, destilar, esquecer e subverter o passado para adequá-lo ao presente.

Devemos também destacar que Alceu Amoroso Lima modificou bastante seu posicionamento dentro do universo católico. Foi do reacionarismo, próximo dos ideais defendidos por Jackson de Figueiredo ao progressismo que ganhava corpo no Brasil, durante a ditadura militar.

A partir desta percepção, entendemos que *Companheiros de Viagem*, através daqueles que foram fundamentais na vida do autor, objetiva explicar ao meio católico e a sociedade em geral, as mudanças de comportamento político e religioso apresentados por Alceu Amoroso Lima.

Quando o livro *Companheiros de Viagem* foi publicado, Alceu Amoroso Lima já se aproximava dos oitenta anos de idade. Obviamente, já entendia que não lhe restava muito tempo de vida.

No auge da maturidade, Amoroso Lima não escondia o passado reacionário, embora claramente dele se afastasse. Assim, podemos afirmar que *Companheiros de Viagem* representou o Alceu progressista que à época da publicação da obra já era bastante evidente ao grande público.

Distante do católico reacionário, Amoroso Lima, altamente influenciado pelo papado de João XXIII³³⁰, entendia agora, a pluralidade, a liberdade e a alteridade como valores representativos da fé cristã. Esta transformação pessoal e a nova identificação com os diferentes se apresenta de maneira clara naqueles que foram homenageados em *Companheiros de Viagem*.

³²⁸ AMOROSO LIMA, Alceu. *Memorando dos 90*. Entrevista a João Condé. “Arquivos Implacáveis”. Revista *O Cruzeiro*, 1954.

³²⁹ DAVID LOWENTHAL, op. cit.

³³⁰ Na página 4 do primeiro capítulo desta dissertação, há nota de rodapé que apresenta a visão do Alceu Amoroso Lima a respeito do Papa João XXIII.

Enfatizo o dito até aqui: por *Companheiros de Viagem*, seu autor constrói, in memoriam, um ‘paraíso aberto’. Local ideal onde Amoroso evoca seus ‘companheiros’. Exercício de memória ligado à sua identidade enquanto cristão tributário da diversidade³³¹.

O próprio Alceu Amoroso Lima em *Companheiros de Viagem* entende-se como amante das diferenças. Logo, organiza grupo de amigos que reforça esta variedade, pois, tal pluralidade seria condizente com a nova visão de mundo e religiosidade do autor. Assim, podemos afirmar que *Companheiros de Viagem* confirma o trajeto de vida de Amoroso Lima e ao mesmo tempo, defende projeto direcionado a sociedade brasileira, religiosa ou não: a aceitação e valorização das diferenças³³².

É preciso contextualizar o novo posicionamento de Alceu Amoroso Lima. Viviam-se os anos posteriores ao Concílio Vaticano II, marcados pela acentuada divisão no mundo eclesiástico. A parte mais progressista do clero valorizava e adaptava-se às transformações promovidas pelo Concílio e de outro lado, as alas mais conservadoras resistiam às mudanças.

Amoroso Lima acompanhou de perto o Vaticano II e os resultados posteriores ao Concílio. Por isso, podemos afirmar que *Companheiros de Viagem* é texto que se preocupa com os projetos do autor. Além disso, pode ser lido como bússola amorosiana para a Santa Sé. Ou seja, Alceu projeta nos perfis heterogêneos dos amigos o tipo de Igreja que espera existir no futuro: aberta ao diálogo e pronta a aceitar as diferenças.

Em texto que compara a importância do papa João XXIII grande incentivador do Concílio Vaticano II, às contribuições políticas do Presidente estadunidense John Kennedy, Amoroso Lima afirma:

João XXIII, nos curtos anos finais de sua longa existência, arrancou a Igreja do atoleiro do saudosismo para projetar, pelo Concílio, à sua missão profética no mundo em gestação. John Kennedy, nos curtos anos de sua passagem pelo maior posto político do mundo moderno, arrancou a mais poderosa nação da Terra do atoleiro do comodismo e do narcisismo conservador ou reacionário, de que ia ser vítima propiciatória, para lhe restituir a frescura renovadora de campeã da Liberdade no futuro do gênero humano. Profetas da nova era, o grande Papa e o grande Presidente – se forem ouvidas suas lições de filhos da

³³¹MARCELO TIMOTHEO DA COSTA, op. cit., p. 366.

³³²Este conceito está de acordo com o pensamento defendido por Marcelo Timotheo em *Um Itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima* de autoria de Marcelo Timotheo da Costa, publicado pelas Editoras PUC-RIO e Loyola.

Luz, sacrificados pelos filhos das trevas – já agora têm seus nomes e os seus roteiros irmanados no mesmo destino e na mesma projeção para o século XXI³³³.

A citação acima muito exemplifica o projeto desejado por Amoroso Lima. Projeto religioso e político. Religioso como citado anteriormente para indicar os caminhos que desejava ao catolicismo. Político, principalmente, devido ao momento que o nosso país vivia na década de lançamento de *Companheiros de Viagem* (anos 1970).

Em plena ditadura militar pós AI-5, Alceu desejava a aceitação das diferenças. Em sentido oposto, o Estado de exceção censurava meios de comunicação, torturava e matava àqueles que se posicionavam contra o militarismo e a ordem estabelecida. Eram exilados artistas, políticos e intelectuais que não se enquadravam nos ideais do regime. “Brasil, ame-o ou deixe-o” – bradava a mídia controlada. Neste contexto político-social, Amoroso Lima defende a valorização da heterogeneidade e de outro valor fundamental para as sociedades democráticas: a liberdade.

Em uma nação como a brasileira do início dos anos 1970, em que a simples discordância pública do regime representava um risco e onde imperava a censura prévia em todos os meios de comunicação, um escrito defendendo a pluralidade e lançando ao Céu Anísio Teixeira, por exemplo – já causa espécie³³⁴.

Exaltar o educador brasileiro Anísio Teixeira, em pleno regime militar, principalmente na década de 1970, auge da repressão respaldada no quinto Ato Institucional, era tarefa no mínimo corajosa.

O educador baiano, influenciado pelas ideias pedagógicas do norte-americano John Dewey³³⁵, junto a Lourenço Filho³³⁶ e a Fernando de Azevedo³³⁷, foi dos

³³³ALCEU AMOROSO LIMA, op. cit., p. 218 e 219.

³³⁴MARCELO TIMOTHEO DA COSTA, op. cit., p. 369.

³³⁵Dewey é o nome mais célebre da corrente filosófica que ficou conhecida como pragmatismo, embora ele preferisse o nome instrumentalismo - uma vez que, para essa escola de pensamento, as ideias só têm importância desde que sirvam de instrumento para a resolução de problemas reais. No campo específico da pedagogia, a teoria de Dewey se inscreve na chamada educação progressiva. Um de seus principais objetivos é educar a criança como um todo. O que importa é o crescimento - físico, emocional e intelectual. O princípio é que os alunos aprendem melhor realizando tarefas associadas aos conteúdos ensinados. Atividades manuais e criativas ganharam destaque no currículo e as crianças passaram a ser estimuladas a experimentar e pensar por si mesmas. Nesse contexto, a democracia ganha peso, por ser a ordem política que permite o maior desenvolvimento dos indivíduos, no papel de decidir em conjunto o destino do grupo a que pertencem. Dewey defendia a democracia não só no campo institucional, mas também no interior das escolas. (Fonte: site da Revista Nova Escola - <https://novaescola.org.br/conteudo/1711/john-dewey-o-pensador-que-pos-a-pratica-em-foco>. Último acesso 13/11/18)

principais signatários do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova³³⁸, na década de 1930. Este documento, entre outros aspectos, defendia o desenvolvimento da escola pública, gratuita, laica e obrigatória, contrariando os interesses da elite econômica brasileira e do catolicismo nacional. No mesmo período, Anísio Teixeira aproximou-se da Aliança Nacional Libertadora (ANL)³³⁹, porém sem aderir formalmente ao grupo que agregava a oposição ao governo varguista e combatia o fascismo que no Brasil estava representado nos camisas verdes do Integralismo. Anísio Teixeira escreveu artigos no jornal clandestino *A Manhã* – publicação que difundia as ideias da ANL e, por isso, foi acusado de participar no levante contra Getúlio Vargas, liderado por Luís Carlos Prestes, a Intentona Comunista de 1935.

Alceu Amoroso Lima, ainda vivendo fase reacionária, foi daqueles que se opuseram veementemente, na década de 1930, ao Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, encabeçado por Anísio Teixeira. A época, tal atitude fazia sentido, pois, o documento feria interesses da Igreja Católica, defendida por Amoroso Lima qual soldado cruzado nas lutas contra os inimigos da neocristandade, em especial o laicismo e o esquerdismo.

Curioso notar que, quatro décadas depois, outro Alceu homenageia e exalta Anísio Teixeira, exatamente no ano da suspeita morte³⁴⁰ do educador baiano. Chama a atenção o enfrentamento que Alceu Amoroso Lima faz ao regime militar. Por isso, o

³³⁶Nascido em 10 de março de 1897 na cidade de Porto Ferreira (SP), Lourenço Filho, optou pela carreira do magistério abandonando o segundo ano de Medicina. Na sua trajetória enquanto docente desfrutou da prática administrativa e organizacional dirigindo a reforma da instrução pública no Ceará (1922-1923) e em São Paulo (1931-1932). Na década de 30, transferiu-se para o Rio de Janeiro exercendo funções de chefe de gabinete do ministro da Educação Francisco Campos. Durante a gestão de Anísio Teixeira na Secretaria de Educação do Distrito Federal, dirigiu o Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Foi diretor da Escola de Professores no Distrito Federal e do INEP, que então denominava-se Instituto Nacional de Pedagogia. Desenvolveu diversas obras de orientação, como, cartilhas para apropriação das escolas no ensino da escrita e na didática de sala de aula. Foi um dos precursores no estudo e publicações no âmbito da Escola Nova, com o livro *Introdução ao estudo da Escola Nova*, no fim da década de 30. Como docente lecionou disciplinas ligadas à Psicologia e à Pedagogia.

³³⁷Fernando de Azevedo (1894-1974) foi um educador, professor, crítico, ensaísta e sociólogo brasileiro. Foi um dos expoentes do movimento da Escola Nova. Participou intensamente do processo de formação da universidade brasileira, em busca de uma educação de qualidade.

³³⁸Refere-se a um documento escrito por 26 educadores, em 1932, com o título *A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo*. Circulou em âmbito nacional com a finalidade de oferecer diretrizes para uma política de educação.

³³⁹A Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi uma organização política fundada pelo Partido Comunista do Brasil em 1935. A organização surge quando um grupo de intelectuais e militares, descontentes com o governo de Getúlio Vargas, se reúne e começa a elaborar as bases para lutar contra o fascismo, o imperialismo e o integralismo (organização política de bases fascistas, criada em 1932).

³⁴⁰Anísio Teixeira foi encontrado morto no fosso do elevador do prédio onde habitava o professor e crítico literário Aurélio Buarque de Holanda. A perícia oficial determinou que a morte, ocorreu de modo acidental. Porém, a família de Anísio Teixeira afirma que o educador baiano foi assassinado.

exemplo de Anísio Teixeira serve ainda para refirmar o novo Alceu – aquele que passou do reacionarismo cristão ao progressismo calcado na aceitação das diferenças ideológicas. Sobre o educador Anísio Teixeira, o autor de *Companheiros de Viagem* escreveu:

Nosso convívio, lado a lado, no Conselho Federal de Cultura, me aproximou então definitivamente de Anísio Teixeira. Não há nada como a presença para dissipar ou aumentar as prevenções. Pude então apreciar de perto sua personalidade excepcional. Não era só o brilho extraordinário de sua inteligência, que a propósito de qualquer debate alcançava voos aquilinos, com supremo desprezo por aquelas intermináveis discussões em torno de minúcias regimentais ou mesmo legais, que para ele representavam a negação do território humano da formação cultural, domínio da verdadeira tarefa educativa. Eram igualmente sua cultura, sua bondade, sua despretensão, seu alto teor moral, sua extrema sensibilidade. Compreendi que pertencia, e nunca deixara de pertencer, ao número dos membros Invisíveis do Corpo Místico de Cristo (...) ³⁴¹.

As virtudes destacadas em *Companheiros de Viagem*, expressas nos personagens escolhidos, já pertenciam à personalidade do autor, segundo as palavras do próprio Amoroso Lima ³⁴². A valorização da pluralidade e a luta por justiça social e liberdade ficaram somente adormecidas durante a fase radical conservadora, defende-se Alceu. Enfim, afirmando possuir natureza liberal, antes mesmo da conversão, Alceu pavimenta o discurso no qual apresenta seus câmbios eclesiológicos e políticos. Logo, *Companheiros de Viagem* teria a missão de reafirmar a personalidade de Alceu, modificada temporariamente, durante o período marcado pelo cristianismo reacionário. Ou seja, a obra foi escrita também para explicar as mudanças ocorridas e confirmar o perfil progressista que segundo o autor, desde há muito fazia parte da sua identidade.

Amoroso Lima, em *Companheiros de Viagem*, expõe suas transformações. Para isso, selecionou grupo diverso de pessoas que venceram a morte e ganharam a Salvação, segundo as perspectivas defendidas pelo autor. Logo, não existiria, de acordo com esta leitura de fé liberal, somente um caminho para o Céu. Sendo assim, alguém que passou por diversas e opostas fases, como o próprio Amoroso Lima, não poderia ser condenado.

Pode-se então afirmar que *Companheiros de Viagem* tenta, pelo exemplo de falecidos queridos, ilustrar a trajetória vital de seu autor. Através dos amigos, Amoroso

³⁴¹ALCEU AMOROSO LIMA, op. cit., p. 305.

³⁴²MARCELO TIMOTHEO DA COSTA, op. cit., p. 370 e 371.

Lima dá sentido a própria existência e justifica sua transformação como algo importante para a própria Salvação pessoal. Desta forma, *Companheiros de Viagem*, além de exemplificar as ações de alteridade praticadas por seu autor, possui também movimento bastante particular. Alceu, que já chegava à fase final da vida e, por isso, preocupava-se com a vida além da morte, justificava-se diante de seu Deus e de seu público.

A memória tem, pois, função organizadora e de seleção. Triando os fatos, relega uns ao esquecimento e, a outros, recorda. Incorpora e relê as mudanças vivenciadas. O passado e sua lembrança – sempre parcial – tornam-se, assim, vitais para a construção/validação da identidade humana. Memória, identidade, mudança³⁴³.

3.3 Os típicos tipos de Frei Betto

A maneira como estão divididas as seções de *Típicos Tipos* chamam bastante a atenção. A primeira parte do livro representa a beleza, a arte, a política e a pluralidade. Mistura em suas páginas representantes da poesia, da literatura, dos cartuns críticos e grandes líderes políticos mundiais³⁴⁴.

A segunda e a terceira seção abordam principalmente temas religiosos. Ou seja, apresentam aos leitores, através dos personagens escolhidos, a religiosidade defendida por Frei Betto.

A quarta parte destaca líderes políticos como Che Guevara, Luís Carlos Prestes e o Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Mas, disserta também sobre a ciência (Albert Einstein), a religião (José Oscar Beozzo) e a educação popular (Paulo Freire). É o capítulo do livro com maior variedade de temas.

Já a quinta e última seção de *Típicos Tipos*, curiosamente, privilegia identidades, valores, sentimentos, virtudes e vícios, como por exemplo: o ser mineiro, a saudade, o

³⁴³Ibid., p. 375

³⁴⁴ Duas questões chamam a atenção na obra *Típicos Tipos*: qual seria o público alvo de Frei Betto, ou seja, que tipo de pessoas nosso autor queria atingir ao escrever este livro e qual é a lógica intrínseca na organização dos personagens de *Típicos Tipos*.

hipocondríaco, o pão-duro, o invejoso, a vaidade das vaidades, a querida liberdade, o espírito do capitalista, a patologia do exibicionismo e do poder.

A obra *Típicos Tipos*, cujo nome é quase trava línguas, talvez para mostrar as complexidades das construções das personalidades, termina de forma bastante didática. Frei Betto, que atuou na educação popular, distribuiu em quatro capítulos os seus personagens ideais e deixou para o último os valores que estas pessoas incorporaram em sua identidade.

Ao remeter-se à política em *Típicos Tipos*, Frei Betto destacou personagens que valorizam a diversidade de pensamentos. Lech Walesa, conservador anticomunista polonês e o cubano Fidel Castro, ícone da Revolução Cubana dos anos sessenta, aparecem entre os destaques, ressaltando o contraste de ideias já salientadas na obra de Alceu Amoroso Lima, *Companheiros de Viagem*.

Memória, religiosidade, poesia e arte. Em *Típicos Tipos*, Frei Betto dedica-se a reverenciar personagens ligados a arte de escrever. Os poetas e escritores T.S. Eliot, Adélia Prado, Eliseo Diego, Chico Buarque, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos são lembrados. Além destes, o escritor francês Saint-Exupéry, autor do clássico *O pequeno príncipe* recebe sua homenagem. Os perfis dos atores italianos Marcelo Mastroianni e Gian Marie Volonté confirmam mais uma vez que a diversidade também ganha destaque nesta obra de Frei Betto.

O cartunista Henfil, amigo de Frei Betto desde os tempos da JEC, representa a arte e o engajamento político ao mesmo tempo. É bem conhecida a arte crítica de Henfil nos anos em que o Brasil viveu sob o governo militar³⁴⁵.

Da mesma forma, o psicanalista Hélio Pelegrino, amigo tão citado por Betto em suas obras, como era de se esperar, faz parte do grupo selecionado para *Típicos Tipos*. Pelegrino está entre as principais influências de Frei Betto. Por isso, as ideias do psicanalista aparecem em vários livros do nosso autor.

Não somente pessoas são lembradas em *Típicos Tipos*. Barcelona, Madrid e Paris e o quanto estes locais impactaram na formação da identidade de Frei Betto

³⁴⁵Henfil, durante à década de 1960, fez caricaturas políticas para o jornal *O Diário de Minas*. A partir de 1969, trabalhou no semanário *O Pasquim* e no *Jornal do Brasil*, atingindo seus personagens índices elevados de popularidade. Em 1970, Henfil lançou a revista *Os Fradinhos*, caracterizada pelo humor crítico que retrava a conjunção política do período militar.

também são destacadas na obra. Além destas importantes cidades europeias, Havana, capital cubana, é em detalhes apresentada aos leitores. Porém, para falar de Cuba, Frei Betto utiliza interessante técnica. Sabedor que a memória é construída pelos sentidos humanos, nosso autor usa a música caribenha para dissertar sobre as recordações do país de Fidel. No tópico intitulado “Noite de jazz”, Betto descreveu, através da arte, a influência de Cuba em sua vida:

(...) No Caribe, a música é antes sentida do que ouvida, ativando a ebulição sanguínea, provocando uma excitação que eclode nessa compulsão de se recriar todas as formas do corpo, multiplicando-lhe os movimentos – a dança. Sempre acreditei que a música – dos ventos, dos pássaros, das cachoeiras ou das chuvas – é o som primordial escutado pelos ouvidos humanos, antes mesmo das palavras. Por isso, traz nostalgia e evocação, suscita recordações e sonhos, e nos faz transcender. O coração arde de emoções. Longe da pátria, nenhum brasileiro consegue simplesmente ouvir Aquarela do Brasil, de Ary Barroso, ou Asa Branca, de Luiz Gonzaga. São composições que falam além de nossos ouvidos, revigorando o que de mais profundo e sensível permeia a nossa identidade³⁴⁶.

Memórias como já foi dito anteriormente são construtoras das identidades e o livro *Típicos Tipos* é bastante representativo a esse respeito. Apresenta amigos, artistas, escritores, poetas e lugares que foram importantes na lapidação da personalidade de Frei Betto.

O primeiro homenageado em *Típicos Tipos*, o poeta inglês S. T. Eliot, curiosamente, converteu-se ao cristianismo já em idade adulta, aos 39 anos de idade, em 1927, um ano antes do autor de *Companheiros de Viagem*, Alceu Amoroso Lima. Acreditamos que Frei Betto quis deixar algumas pistas aos leitores: os dois autores – Eliot e Amoroso Lima - se converteram após os trinta anos de idade, com diferença de somente um ano entre as conversões. Por isso, colocar Eliot em primeiro plano na obra de memórias desejaria marcar a semelhança de *Típicos Tipos* com *Companheiros de Viagem*³⁴⁷. No final do texto sobre o escritor inglês, Frei Betto diz:

Toda poesia de qualidade é polissêmica. É verso que faz emergir nosso reverso. É canto que encanta, desdobra em múltiplo o nosso ser e nos induz a encontrar aquela pessoa que realmente somos e, no entanto, em nós reside como um estranho que provoca temor e fascínio³⁴⁸.

³⁴⁶FREI BETTO, op. cit., p. 65.

³⁴⁷A confluência de importante dado biográfico, a conversão adulta, nos dois autores fez com que fosse estabelecido um paralelo que não pode ser comprovado pelas palavras do autor.

³⁴⁸FREI BETTO, op. cit, p. 17

A obra *Típicos Tipos* apresenta a poesia como formadora da identidade humana. Ou seja, de acordo com este pensamento, a arte é a força que permite aos seres humanos o autoconhecimento e a formação enquanto indivíduos. Corrobora com esta ideia a frase “nos induz a encontrar aquela pessoa que realmente somos”, destaque da citação acima³⁴⁹, que permite inferir que Frei Betto entende a poesia como importante caminho para a descoberta interior.

Por isso, *Típicos Tipos* valoriza a poesia mineira³⁵⁰. Se os poemas tem a força de revelar a personalidade, Betto não poderia deixar de homenageá-la, pois é lá, em Minas Gerais, que se encontra a mais íntima identidade do nosso autor. Suas raízes. Em ordem cronológica, Betto revisita a história do seu estado natal por intermédio de seus poetas. Já debatemos em capítulos anteriores o quanto o conhecimento do passado contribui para a formação das personalidades. Logo, conhecer o passado mineiro através dos seus poetas significa para Betto, de certa maneira, redescobrir a si próprio.

Frei Betto, por exemplo, compara o poeta mineiro Cláudio Manoel da Costa, morto dentro da Casa dos Contos por ter participado da Inconfidência Mineira, ao jornalista Vladimir Herzog, assassinado nos porões da ditadura brasileira. Ambos morreram na prisão e foram considerados suicidas. Passado que se repete no presente. Por isso, nosso autor chama de revolucionários aqueles que participaram do levante mineiro que levou Tiradentes à forca, pois, revolucionário também se considera, assim como, seus companheiros de luta contra o regime militar.

As poetizas mineiras não foram esquecidas. Ao colocá-las em destaque, Betto revela outra característica marcante da sua personalidade: a valorização do feminismo e da luta pelos direitos das mulheres – tema recorrente em suas obras. Sobre a identidade mineira, Frei Betto afirma que:

E Minas continua, porque este veio não acaba, basta localizá-lo com intuição, perfurá-lo com sensibilidade e extraí-lo com magia. Nada temos de cartesianos. Somos raça de poetas, como prova Hélio Pellegrino. Raciocinamos pelo coração, onde ninguém se engana³⁵¹.

³⁴⁹Ibid., p.17

³⁵⁰Frei Betto escreveu nesta obra um tópico denominado Poetas Gerais de Minas no qual homenageia alguns poetas mineiros. Há também outro tópico dedicado a poetisa mineira Adélia Prado. Estes textos podem ser conferidos na obra citada, respectivamente, nas páginas 19 e 25.

³⁵¹FREI BETTO, op. cit, p. 23.

A definição da identidade mineira através da poesia, formada de poetas muito mais emotivos que racionais³⁵², é dada pelo amigo Hélio Pellegrino, que foi colocado por Frei Betto no Céu, em *Típicos Tipos*. O encontro no Paraíso do psicanalista Hélio Pellegrino³⁵³ com os escritores Otto Lara Resende³⁵⁴ e Paulo Mendes Campos³⁵⁵ foi à forma criativa e bem humorada encontrada por Betto para homenagear os amigos e defender sua leitura de fé pluralista: existem várias formas de servir a Deus. A confluência com Amoroso Lima e seu *Companheiros de Viagem* deve ser, de novo, assinalada. Deus pode ser facilmente encontrado nos excluídos da sociedade, mas, paradoxalmente, também está presente naqueles que oprimem seus semelhantes, afirmou Betto³⁵⁶. Ao relatar curioso debate entre os amigos falecidos sobre a real existência de Deus, na imaginação de Frei Betto, Hélio Pellegrino disse que:

(...) não há sujeito mais fácil de ser encontrado do que Deus. Lá embaixo, ele está em cada esquina, no menino de rua e no empresário que considera os pobres sub-raça. Só que é preciso ter fé para vê-Lo e amor para conhece-Lo. Você mesmo, Otto, com sua verve, seu jeito teimoso de entrar pelos fundos quando todos lhe abriam as portas da frente, sua capacidade de fazer e de ser amigo, era, como cada um de nós, pura versão divina³⁵⁷.

Para ressaltar essa religiosidade que enxerga Deus nos mais variados acontecimentos do cotidiano, Frei Betto disserta sobre a poesia da mineira Adélia

³⁵²Frei Betto fez esta afirmativa na página 23 da citada obra *Típicos Tipos*.

³⁵³Apresentação detalhada do psicanalista Hélio Pellegrino pode ser encontrada na página 20 do primeiro capítulo desta dissertação.

³⁵⁴Atuou como jornalista em diversos veículos: *O Diário, de Belo Horizonte, Diário de Notícias, O Globo, Diário Carioca, Correio da Manhã, Última Hora, revista Manchete, Jornal do Brasil e TV Globo*. Estabeleceu um grupo de intelectuais com os amigos Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino, que Otto batizou de "os quatro mineiros de um íntimo apocalipse". Fundou com Rubem Braga e Fernando Sabino, entre outros amigos, a Editora do Autor. Lá, publicou *O retrato na gaveta* (1962) e *O braço direito* (1963). Em 1964, escreveu *A cilada*, um conto sobre a avareza, no livro *Os sete pecados capitais*, publicado pela Editora Civilização Brasileira, e do qual participaram também Guimarães Rosa, Mário Donato e Carlos Heitor Cony, entre outros. Em 1979 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, na cadeira 39, vaga com a morte de Elmano Cardim.

³⁵⁵Poeta, tradutor e cronista refinado, Paulo Mendes Campos nasceu em 1922, em Belo Horizonte (MG), filho do médico e escritor Mário Mendes Campos e de Maria José Lima Campos. Em 1937, conheceu o adolescente de mesma idade Otto Lara Resende, em São João del-Rey, que seria seu amigo de toda a vida. No ano seguinte, em Belo Horizonte, onde passou a morar, os dois rapazes juntaram-se a Fernando Sabino e Hélio Pellegrino. O trabalho como guarda sanitário na antiga Diretoria de Saúde Pública de Minas Gerais não impediu que Paulo Mendes Campos iniciasse os cursos de odontologia, veterinária e direito. Sem concluir nenhum deles, frequentou também, durante um ano, o curso de aviador na Escola Preparatória de Cadetes, em Porto Alegre, mas foi só entre os anos de 1939 e 1945, quando exerceu o jornalismo, primeiramente em *O Diário, de Belo Horizonte*, e depois em outros periódicos da mesma cidade, como redator, que enfrentaria sua vocação "mais séria e mais alta", igualmente na prosa e na poesia, como observaria Otto Lara Resende.

³⁵⁶FREI BETTO, op. cit., p. 47.

³⁵⁷Ibid., p. 47.

Prado³⁵⁸. A poetisa representa em *Típicos Tipos* algumas das características da personalidade do nosso autor: o ser mineiro, a espiritualidade que diminui a importância da hierarquização e valoriza a interpretação popular do cristianismo, além da defesa da participação das mulheres na construção da sociedade humana. Ou seja, o feminismo que coloca homens e mulheres em equivalência de importância social.

Além disso, Frei Betto identifica na poesia de Adélia Prado particular forma de agir no mundo, pois, a poetisa mineira, qual profeta, denuncia o contexto político e histórico que lhe é contemporâneo. Desta forma, segundo Frei Betto, a poesia de Adélia Prado representa o tipo de pregação religiosa desejada pelos adeptos da Teologia da Libertação, ou seja, o contexto histórico utilizado como ferramenta para denunciar as injustiças sociais³⁵⁹. Frei Betto utiliza como exemplo o poema de Adélia Prado Terra de Santa Cruz que denuncia o suicídio de Frei Tito de Alencar, confrade do nosso autor e que escolheu a morte por não resistir às sequelas das torturas que sofreu durante a ditadura militar.

A história de Frei Tito já foi analisada no segundo capítulo desta dissertação. Porém, entendemos a importância de descrevermos o poema de Adélia Prado em homenagem ao frade suicida. Ele representa exemplo de denúncia do autoritarismo e da violência do Estado contra as minorias. Além disso, exemplifica o tipo de discurso de característica profética (entendido como voz que, à luz da fé bíblica, denuncia o cotidiano opressor) e explica a escolha da poetisa como representativa para Frei Betto. A título de exemplo, descrevemos a poesia Terra de Santa Cruz de Adélia Prado, em lembrança de Frei Tito de Alencar: Onde estavam o guardião, o ecônomo, o porteiro, / a fraternidade onde estava quando saíste, / ó desgraçado moço da minha pátria, / ao encontro desta árvore?³⁶⁰

Acreditamos que Frei Betto, em *Típicos Tipos*, selecionou personagens que, na verdade, representam ele mesmo, ou a autoimagem construída por nosso autor: pessoa marcada por suas raízes mineiras, defensor dos mais pobres, crítico das injustiças sociais e alguém ligado aos postulados da Teologia da Libertação. Por isso, em *Típicos Tipos*, Frei Betto utiliza a poesia de Adélia Prado para reforçar seus argumentos.

³⁵⁸Ibid., p.25-32.

³⁵⁹Ibid., p.25-32.

³⁶⁰FREI BETTO, op. cit, p. 32.

Outro poeta - Eliseo Diego - merece destaque em nossa análise. Cubano de Havana, nascido na década de 1920 e de origem burguesa, Diego permaneceu em Cuba após a revolução liderada pelos irmãos Castro. O escritor caribenho valorizou as contribuições da política dirigida por Fidel para a diminuição das desigualdades sociais.

Logo, a escolha do poeta cubano é representativa, indo além da admiração de Frei Betto pelos escritos de Diego. Nosso autor utiliza o texto para descrever suas percepções positivas a respeito da Revolução Cubana e explicar a íntima ligação da teoria marxista com o ideal cristão de busca por justiça social. Justiça social que pode soar como utopia em sociedade capitalista calcada no individualismo e competição.

Como já citado anteriormente, Frei Betto se autodenomina viciado em utopias. Por isso, destacamos outro autor, o francês Antoine de Saint-Exupéry, escritor do clássico *O pequeno príncipe*, de 1943. O livro, escrito durante a Segunda Guerra Mundial, defende valores caros aos seres humanos, justamente na época em que milhares de seres humanos eram assassinados na carnificina de proporções mundiais. Recordar a obra de Saint-Exupéry representa lembrar aos leitores de *Típicos Tipos* que os direitos dos seres humanos devem ser colocados acima de qualquer ambição de poder. Sobre o escritor francês, Betto afirma:

(...) Nesses tempos em que utopia soa como arcaísmo, competir se sobrepõe à solidariedade e o consumidor é mais valorizado que o cidadão, a obra de Antoine de Saint-Exupéry é um convite ao resgate do humanismo. Deveria ser leitura obrigatória nas escolas³⁶¹.

Há também a remissão a lugares, como já adiantado acima. Locais que conhecemos ao longo da vida notoriamente influenciam a formação da nossa identidade. No tópico intitulado Barcelona, Madri e Paris, Frei Betto descreve o quanto estas cidades foram importantes na sua trajetória. Ao tratar especificamente de Barcelona, Betto compara a cidade catalã com outros locais do mundo – Rio de Janeiro, Ouro Preto, Praga e Paraty. Para Betto, o Rio de Janeiro representa a infância (lembramos que nosso autor habitou na capital carioca quando criança).

Frei Betto, diferente de Alceu Amoroso Lima, ao escrever *Típicos Tipos*, estava no auge da sua existência. Mesmo assim, nosso autor, que chegava à sexta década de vida, lamentou o passar do tempo, seu pior inimigo, como afirmou³⁶². Betto, ao

³⁶¹Ibid., p. 43.

³⁶²Ibid., p. 57.

relembrar os primeiros anos de vida, quando os anos parecem não passar, buscou reencontrar a liberdade dos tempos de criança e tentou na infância reviver a felicidade que a inocência pode proporcionar. Sobre a infância no Rio de Janeiro, Frei Betto escreveu:

Barcelona exerce sobre mim o mesmo fascínio que Rio, Ouro Preto, Praga e Paraty. O Rio me traz o sabor da infância, o gosto azul e salgado do mar, o horizonte dando as costas para as montanhas, o *savoir vivre* do carioca, como se dominasse o tempo. Sempre lutei contra o tempo, seguramente meu maior inimigo. No entanto, ele me arrasta implacável. Como quem constrói uma ponte indiferente ao curso das águas, só consegui dominá-lo na oração, no ato criativo e na prisão. Foram momentos em que senti, em vida, o gosto inefável de eternidade. De resto, o tempo me consome, comprometendo até mesmo minha saúde³⁶³.

Importantes líderes políticos também apareceram em *Típicos Tipos*. Frei Betto descreve os encontros que teve com o presidente Mikhail Gorbachev da antiga União Soviética, o sindicalista polonês Lech Walesa e o cubano Fidel Castro, os dois últimos já citados neste capítulo.

Ao falar do Congresso que participou na URSS, sentado ao lado do poeta cubano Eliseo Diego, Betto destaca o discurso do escritor católico inglês Graham Greene³⁶⁴, que criticou a ortodoxia marxista no que se refere à negação da importância da religião, ressaltando exemplos de alianças entre católicos e comunistas em várias partes do planeta. Nosso autor também se refere ao discurso proferido por Gorbachev, no qual o líder soviético teria defendido o desarmamento nuclear das superpotências que alimentavam a bipolaridade característica da Guerra Fria. Segundo Betto, neste encontro, Gorbachev teria dito:

É preciso salvar na Terra o dom sagrado da vida, possivelmente único no Universo. Para isso, temos de acabar de vez com as armas nucleares, esse ídolo que exige sempre novos sacrifícios. Nem a União Soviética nem os Estados Unidos têm o direito de decretar pena de

³⁶³ Ibid., p. 57.

³⁶⁴ Escreveu cerca de 60 romances, sendo o primeiro livro de sucesso *O Expresso do Oriente*, publicado em 1932. Outras obras importantes foram: *O Poder e a Glória*, *Our Man in Havana* e *O Fator Humano*. Seus livros descreveram situações políticas de países aos quais viajava frequentemente, como Cuba e Haiti. Outra temática frequente era a religião. Tendo se convertido ao catolicismo, os dilemas morais e espirituais de sua época eram representados através de suas personagens. Por isso, Graham Greene era considerado o maior 'escritor católico' da Grã-Bretanha. Existem ainda peças teatrais de sua autoria como "O amante complacente", "O galpão do jardim", "O living room" e "Esculpindo uma estátua". Foi também autor de quatro livros infantis: *O Pequeno Comboio*, *O Pequeno Carro de Bombeiro*, *O Pequeno Ônibus a Cavalos* e *O Pequeno Rolo Compressor a Vapor*.

morte à humanidade. É preciso pôr um fim à separação entre política e moral. Queremos traduzir nossa filosofia moral na linguagem da práxis política³⁶⁵.

No encontro com Gorbachev, através das vozes do próprio líder soviético e do escritor inglês Graham Greene, Frei Betto discute valores que lhes são caros como, por exemplo, a importância da aliança entre cristãos e comunistas na luta por sociedade mais justa e a defesa do meio ambiente frente às ameaças que os armamentos nucleares representam.

Na formação da memória, como já citado anteriormente, os outros podem representar as nós mesmos, pois, nos semelhantes podemos encontrar a imagem que desejamos ter. Por isso, a maneira como Betto desenvolve este tópico é bastante interessante.

Os atores italianos Marcelo Mastroianni e Gian Marie Volonté estavam presentes no mesmo congresso e, por isso, dão título a esta parte do livro. Segundo Betto, Volonté extremamente fatigado pelos infindáveis autógrafos que dava, teria dito ao avistar monges budistas que caminhavam pelo Kremlin: “estes homens sabem o que é felicidade”³⁶⁶. Frei Betto utiliza esta pequena história para explicar seu conceito de felicidade: a simplicidade exemplificada no afastamento dos bens materiais, intimamente ligada à filosofia de vida dos primeiros discípulos de Jesus.

O encontro de Betto com o político polonês Lech Walesa já foi anteriormente citado nesta dissertação. Frei Betto relata em detalhes o almoço com Walesa na casa paroquial do capelão do sindicato Solidariedade, padre Henryk Jankowski. Durante a reunião, houve intenso debate acerca das relações e incongruências entre o comunismo e os valores cristãos. Frei Betto foi duramente criticado por suas relações com o Estado polonês e com o governante cubano Fidel Castro. A Teologia da Libertação e a tentativa de articulação entre o cristianismo e o marxismo também foram colocadas à prova por Walesa e seus seguidores³⁶⁷.

Frei Betto em suas respostas ao líder sindical polonês defende a superação da enorme desigualdade social brasileira. Entre outros fatores debate com Walesa a importância de se realizar a reforma agrária no Brasil. Algo que ainda não foi encarado

³⁶⁵FREI BETTO, op. cit, p. 72.

³⁶⁶Ibid., p.76.

³⁶⁷Ibid., p.77-100.

com seriedade pelos diversos governantes ao longo da nossa História, afirma nosso autor.

Mais uma vez, Betto utiliza as memórias de momento importante da sua vida – encontro com alguém que posteriormente se tornaria presidente da Polônia – para defender visão de mundo alinhada à Teologia da Libertação e à defesa dos menos favorecidos da sociedade. No debate com Lech Walesa, Frei Betto disse que:

Na América Latina, dois ou três sacerdotes são assassinados por ano, devido ao problema fundiário. O grande problema do Brasil é que existem fazendas do tamanho da Holanda; e a reforma agrária é o principal tema da conferência episcopal. O presidente Sarney, preocupado com isso, foi falar com o Papa, esperando que ele puxasse a orelha da conferência episcopal para que não se metesse nos negócios do Estado. E, pela primeira vez, o Papa rompeu o protocolo de uma audiência privada, pois, ao terminar de falar com Sarney, chamou os jornalistas e disse: ‘No Brasil não haverá democracia enquanto não houver reforma agrária’. São 15 milhões de famílias expulsas do campo e indo para a cidade, sem perspectiva alguma³⁶⁸.

Na citação acima, Betto descreve a situação rural brasileira, no princípio do período da redemocratização, durante a década de 1980, utilizando exemplo de reunião entre o então presidente do Brasil – José Sarney – e o papa polonês João Paulo II. Frei Betto utilizou claramente o universo do seu interlocutor - Lech Walesa - para dar peso e veracidade aos próprios argumentos.

Nascido na Polônia, país dominado num primeiro momento pelos nazistas e depois pelos comunistas, João Paulo II, afirma Betto, era crítico da ideologia marxista e do comunismo. Isto explicaria o amplo apoio dado pelo papa ao sindicato Solidarnosc³⁶⁹.

Porém, Frei Betto traz outras interpretações sobre o posicionamento político de João Paulo II. Para Betto, o papa polonês era antes de tudo crítico aos regimes autoritários. Nosso autor usa como exemplo, a postura adotada pelo pontífice, em visita ao Brasil, durante a ditadura militar. Na ocasião, João Paulo II se negou a receber honrarias do governo brasileiro, no entanto, dialogou com líderes sindicais e vítimas das torturas.

³⁶⁸Ibid., p. 91.

³⁶⁹Detalhada explicação sobre a atuação do Solidarnosc pode ser verificada no primeiro capítulo desta dissertação na página 36.

Betto cita ainda a visita do pontífice João Paulo II a ilha de Fidel Castro, em 1998. Naquele encontro, o Papa criticou com firmeza a globalização e o neoliberalismo e, ao mesmo tempo, elogiou os avanços cubanos em projetos educacionais e de saúde pública.

Em outra parte do diálogo com Walesa, Frei Betto recorda importante declaração do Papa João Paulo II, que disse: “a Teologia da Libertação ‘não é somente necessária, mas útil e oportuna à Igreja da América Latina’”³⁷⁰. A partir desta citação, podemos interpretar que o diálogo com Walesa e as referências a João Paulo II, em *Típicos Tipos*, são utilizadas por Frei Betto, entre outros motivos, para dar peso aos argumentos em defesa da Teologia da Libertação.

Há mais de vinte anos a Teologia da Libertação incluía em sua agenda temas como a dívida externa, o capitalismo, os direitos dos pobres. Por isso, era vista com reservas por setores do Vaticano. Hoje, qualquer pronunciamento do Papa que aborde a questão social trata criticamente dos mesmos temas. E ninguém o acusa de sofrer influência da Teologia da Libertação. No entanto, não há dúvidas de que esta chegou à praça de São Pedro³⁷¹.

Ao analisarmos a obra *Típicos Tipos*, percebemos que Frei Betto fez determinada seleção de temas a serem abordados. E, assim, por intermédio da reconstrução memorial, os personagens e assuntos tratados objetivaram defender, de público, por escrito, algumas das principais proposições do ideário religioso e político do nosso autor.

Por isso, várias seções que compõem o livro abordam temas religiosos, através dos quais, Betto explica sua visão acerca de quem seriam Deus e Jesus. O nome destes tópicos é bastante sugestivo: “Deus é negro”³⁷², “Retrato de Jesus”³⁷³ e “Querido companheiro Jesus”³⁷⁴. Neste último caso, a aproximação realizada por Betto salta aos olhos, pois, o tratamento dedicado a Jesus, chamado de “companheiro”, é característico do universo sindical, conhecido de nosso autor e de onde surgiu o Partido dos Trabalhadores.

³⁷⁰FREI BETTO, op. cit, p. 98.

³⁷¹Ibid., p.153.

³⁷²Ibid., p.105-106.

³⁷³Ibid., p.107-110.

³⁷⁴Ibid., p.111-116.

Ainda dentro do campo da religiosidade, Betto traz outros temas relevantes: os anjos, os santos Expedito e Jorge e Giordano Bruno, o italiano condenado à fogueira pela Inquisição.

Como citado anteriormente, personagens ligados à religiosidade de característica franciscana no que se refere à busca da simplicidade e ao afastamento dos prazeres proporcionados pelos bens materiais também são lembrados. Charles de Foucauld, Henry e Alfredinho, entre outros, foram os selecionados para representar este tipo de cristãos.

Outro tema religioso debatido por Frei Betto em *Típicos Tipos* é bastante sugestivo: “Deus é negro”. Nesta parte do livro, nosso autor faz clara defesa da cultura africana, denuncia os horrores da escravização, valoriza a miscigenação brasileira e o sincretismo religioso, construindo o texto valendo-se de linguagem poética repleta de elementos da religiosidade afro-brasileira. Aqui, Betto certamente choca àqueles que defendem o catolicismo mais conservador. Como pode um frade dominicano dizer que é filho de Ogum e Oxalá, e ainda, devoto de Iemanjá?

Sou filho de Ogum e Oxalá, devoto de Iemanjá, a quem elevo as oferendas de todas as dores e cores, lágrimas e sabores, o choro inconsolável das senzalas, a carne lanhada de cordas, os pulsos e os tornozelos a ferros, a solidão da raça, o ventre rasgado e engravidado pela feroz pulsão dos senhores da Casa Grande³⁷⁵.

Entendemos que os objetivos do nosso autor sejam justamente estes: escandalizar para trazer a reflexão, debater a importância da religiosidade africana no Brasil e defender a bandeira do ecumenismo. Para Betto, claramente, existem muitas maneiras de Deus se apresentar aos seres humanos. Frei Betto termina este tema dizendo:

Cidadão brasileiro, ainda luto por alforria, empenhado em abolir preconceitos e discriminações, grilhões forjados na inconsciência e inconsistência dos que insistem em fazer, da diferença, divergência e ignoram que Deus é também negro³⁷⁶.

Para reafirmar que existem diversos caminhos que levam a Deus, nosso autor escreve texto intitulado “Retrato de Jesus”. Nesta parte do livro, Betto debate as representações físicas de Cristo nas mais variadas épocas e partes do mundo, citando fontes históricas, como o Santo Sudário de Turim e a Carta de Lêntulo (governador

³⁷⁵Ibid., p.105.

³⁷⁶Ibid., p.106.

romano do século I). A análise de Frei Betto vai do Jesus representado com traços europeus – louro, magro, cabelos lisos e olhos azuis – ao homem de “aspecto desprezível”, descrito pelo mártir Justino³⁷⁷, passando pelo Cristo oriental de Pequim e o Jesus africano de Nairobi, no Quênia.

Em *Típicos Tipos*, não cabe esclarecer qual seria a verdadeira face de Jesus. Pelo contrário, o objetivo de Frei Betto é desconstruir imagens tradicionais. Ao mostrar as diversas maneiras de enxergar Jesus, Betto pretende mostrar que Ele se encontra em todos. Mas, principalmente nos mais necessitados. Pensamento outra vez alinhado com a Teologia da Libertação.

Por isso, Frei Betto termina o tema religiosidade citando o capítulo 25 do Evangelho de Mateus: “cada vez que fizestes isso a um desses pequeninos foi a mim que o fizestes”³⁷⁸. Ou seja, segundo interpretação evangélica enfatizada por nosso autor, Jesus está no outro, principalmente, nos famintos, doentes, pobres, prisioneiros e estrangeiros. Logo, Betto entende que não há outro caminho para viver o cristianismo que não seja a dedicação aos mais necessitados, através do engajamento político e da busca por justiça social.

Muitas vezes, as memórias são utilizadas para confirmar argumentos. Por isso, Frei Betto em *Típicos Tipos* relembra história vivida na infância para reafirmar a presença de Jesus nos mais necessitados. Foi o “dia em que viu Deus”³⁷⁹. Era Natal e, incentivado pelo pai, aos oito anos de idade, Betto escreveu num papel o pedido: “Quero ver Deus”. Pedagogicamente, os pais de Betto atenderam seu desejo: visitaram crianças internadas em hospital pediátrico. Frei Betto afirma que a imagem de um menino de seis anos de idade, acometido de câncer lhe chamou muito a atenção. Ao terminar a visita, a mãe perguntou se havia gostado de ver Deus. Sentindo-se confuso, Betto pediu melhores explicações. Os pais lhe explicaram que Deus está presente em todos os seres humanos, principalmente, nos que mais sofrem.

Sabemos que a memória nem sempre guarda os fatos como realmente ocorreram. Em muitos casos, juntamos histórias que aconteceram com outras pessoas às

³⁷⁷Ibid., p.108..

³⁷⁸Ibid., p.109.

³⁷⁹Ibid., p.119-120.

nossas próprias memórias. Lembramos, esquecemos, aumentamos e diminuimos os fatos para dar-lhes sentido na atualidade³⁸⁰.

Por isso, não é possível afirmar se esta história ocorreu exatamente como nos foi relatada. Porém, importa muito mais entendermos o sentido pedagógico que Betto que dar ao relato: confirmar que Deus existe nos seres humanos, principalmente nos mais necessitados, como o menino com câncer no hospital de Minas Gerais. Frei Betto termina esta história da seguinte forma:

Desde então, aprendi que Natal é todo dia, basta abrir-se ao outro e á estrela que, acima das mazelas deste mundo, acende a esperança de um futuro melhor. Sonhar com um mundo em que o Pai Nosso transpareça na grande festa do pão nosso. Pois quem reparte o pão, partilha Deus³⁸¹.

Para Betto, não podemos chamar Deus de Pai enquanto não superarmos as desigualdades e implantarmos a sociedade calcada na justiça³⁸². Justiça que passa pelo respeito às mulheres e a busca por igualdade de oportunidades, tanto no mercado de trabalho quanto no mundo religioso cristão. Por isso, Frei Betto dedica-se em *Típicos Tipos* à defesa do feminismo. Destaca-se na obra o tema “A Bíblia pela ótica feminina”³⁸³, no qual nosso autor apresenta os estudos da norte-americana Elizabeth Cady³⁸⁴ que, junto a outras companheiras, publicou *A Bíblia das Mulheres* – o texto bíblico a partir da interpretação feminista.

Lida por esta ótica, a Bíblia revela a igualdade entre homens e mulheres e denuncia a leitura machista que pretende derivar, dos desígnios de Deus, instrumentos de dominação, como a interdição de acesso das mulheres ao sacerdócio e ao episcopado, e a preponderância masculina sob o pretexto de que Eva foi criada a partir da costela de Adão – quando a natureza não deixa dúvidas de que todo homem nasce do corpo de mulher³⁸⁵.

³⁸⁰DAVID LOWENTHAL, op. cit.

³⁸¹FREI BETTO, op. cit, p. 120.

³⁸²Este pensamento encontra-se presente em várias obras do autor, como por exemplo: *O que a vida me ensinou*, Editora Saraiva (2013) e *Um homem chamado Jesus*, Editora Rocco (2009).

³⁸³FREI BETTO, op. cit, p. 121.

³⁸⁴Elizabeth Cady Stanton, feminista, ativista social, abolicionista estadunidense e líder do movimento pelos direitos das mulheres. Foi presidente da National Woman Suffrage Association de 1892 até 1900. Na sua militância, abordou várias questões relativas à mulher, além dos direitos ao voto, suas preocupações incluíam os direitos à propriedade, ao emprego, a renda, ao divórcio, a saúde econômica da família e ao controle de natalidade. Stanton morreu em 1902, sendo autora da *Bíblia das Mulheres*, da autobiografia *Eighty Years and More*, além de artigos e folhetos relativos ao sufrágio feminino e aos direitos das mulheres.

³⁸⁵FREI BETTO, op. cit, p. 122.

Debater a participação das mulheres nos eventos descritos no texto bíblico, para o nosso autor, significa questionar a inserção feminina nos cargos de liderança do mundo cristão e, mais do que isso, o próprio posicionamento das mulheres na política contemporânea.

Para reforçar ainda mais a defesa que faz do feminismo, Betto em *Típicos Tipos* dedica texto à santa católica, canonizada em 2002, pelo papa João Paulo II, a italiana Madre Paulina. Frei Betto afirma que se sentiu muito alegre pela canonização de Paulina, principalmente, por ela ser mulher e Santa numa Igreja que ainda tem preconceitos contra as mulheres³⁸⁶.

O exemplo de Madre Paulina é ainda utilizado por Betto para denunciar outras mazelas da sociedade brasileira: o trabalho infantil, a evasão escolar, o drama da imigração e a luta dos sem-terra. Paulina começou a trabalhar aos oito anos de idade, da mesma forma que ocorre com tantas crianças brasileiras que abandonam a escola para ajudar no sustento da casa. Com dez anos, a italiana veio morar no Brasil, pois, a família de Paulina migrou para o Sul do nosso país, em busca de novas perspectivas de vida, semelhante ao que ocorre atualmente a tantas famílias no Brasil e no mundo.

Ao entrar para a vida religiosa, Madre Paulina acolheu em sua casa em São Paulo, crianças órfãs e outras pessoas, que não tinham onde morar. A futura santa dedicou a vida aos mais necessitados – desempregados, doentes, deficientes físicos, crianças que desde cedo passaram a trabalhar, operários, entre outros.

O exemplo de Madre Paulina serve para debatermos o sentido principal da obra *Típicos Tipos*. Frei Betto escreveu este livro para expor aos leitores suas principais angústias e as lutas nas quais militou, em nome de sua fé cristã progressista. Assim, ao homenagear Paulina, Frei Betto enfoca a personagem canonizada, mas também a si mesmo e as causas que o mobilizaram por décadas a fio. Para Betto, recordar a santa italiana significa debater a desigualdade social que assola o Brasil. Trazer a memória este exemplo de santidade é defender que Deus só pode ser alcançado através da dedicação aos mais pobres³⁸⁷. Além disso, proclamar a biografia da nova Santa, para o

³⁸⁶Há outras santas, muitas até, no calendário litúrgico católico. Por isso, causa certa estranheza este raciocínio de Frei Betto.

³⁸⁷Pensamento intimamente ligado a Teologia da Libertação e que pode ser observado em várias obras de Frei Betto. Por exemplo, no livro *O que a vida me ensinou* (Editora Saraiva, 2013, p.139-150) há capítulo dedicado a análise do histórico e dos principais conceitos defendidos pela Teologia da Libertação.

religioso dominicano, é defender a reforma agrária e o combate ao trabalho infantil. É ainda posicionar-se ao lado dos trabalhadores e de tantos outros que sofrem. É lutar pela emancipação das mulheres³⁸⁸.

Seja frisado: em cada perfil ou tema defendido em *Típicos Tipos* podemos, pois, encontrar a exemplificação da teologia política defendida pelo autor da obra. Movimento discursivo intimamente ligado à ideia de memória construída a partir dos outros, pelo qual, somos o somatório das pessoas que influenciaram nossa existência. Ou seja, nossa identidade é formada pelo cruzamento de personalidades que, de uma forma ou de outra, impactaram nossa existência.

Para terminarmos a análise da obra *Típicos Tipos*, citaremos homenagem que Frei Betto fez a um dos seus principais mestres. O amigo e confidente em várias correspondências, no período em que nosso autor esteve preso, durante a ditadura militar no Brasil³⁸⁹. Sobre o intelectual brasileiro Alceu Amoroso Lima, Frei Betto assim escreveu:

No início dos anos 70, quando eu me encontrava no cárcere, o apoio de mestre Tristão me levaria, pouco depois, a convidá-lo para prefaciar meu primeiro livro, *Cartas da prisão*. Da admiração que eu nutria pelo pensador nasceu uma amizade tecida de cartas e de inesquecíveis colóquios em seu apartamento no Rio e em sua casa em Petrópolis. A última vez que nos vimos foi no Natal de 1982, na tranquilidade beneditina do mosteiro paulista dirigido por sua filha, irmã Maria Tereza, carinhosamente tratada por Tuca. Levei Lula para conhecerem-se pessoalmente. Foi a única ocasião em que vi o fundador do PT em silenciosa contemplação diante de alguém. Alegre, bem disposto, Mestre Tristão improvisou uma aula de história política do Brasil e disse a Lula: ‘o PT é o partido do futuro. Meus netos são petistas.’ Ao completar 85 anos, perguntei ao Mestre se, naquela idade, ele sentia medo da morte. Com irradiante jovialidade, ele respondeu: ‘A morte não me preocupa. Só me preocupa a morte dos meus amados. A morte é para mim a paz, a plenitude, o encontro. Diante dela sinto-me inteiramente à vontade’³⁹⁰.

³⁸⁸ A defesa do feminismo aparece em várias obras de Frei Betto. Destacamos capítulo denominado Jesus e as mulheres que encontramos no livro *Um Deus Muito Humano. Um novo olhar sobre Jesus*. Editora Fontanar, São Paulo, 2015, p. 69-72.

³⁸⁹ Sobre as correspondências entre Frei Betto e Alceu Amoroso Lima, consultar a obra: *Cartas de Esperança em Tempos de Ditadura*. Organização, introdução e notas de Leandro Garcia Rodrigues. Editora Vozes, Petrópolis, 2015.

³⁹⁰ FREI BETTO, op. cit, p. 252.

Conclusão

Finalizamos neste momento a dissertação de mestrado que objetivou analisar parte da obra do autor brasileiro Frei Betto. Desde o início, debruçar-nos sobre o tema mostrou-se no mínimo tarefa desafiante. Algumas características do autor e das suas obras traziam dificuldades. Além de possuir enorme quantidade de livros publicados, tanto no Brasil quanto no exterior, a maioria de próprio punho, mas, outros escritos em diversas parcerias, Frei Betto também abraça variedade considerável de temas em seus textos. A maioria da bibliografia de Betto diz respeito à religiosidade cristã e à política. Porém, outros escritos do dominicano variam dos romances à culinária, passando pela literatura infantil.

Quando se escolhe tema para a pesquisa, geralmente se opta por assunto ou personagem pelos quais se nutre alguma afinidade. No caso do trabalho que ora termina, foi exatamente assim que ocorreu. A admiração que possuímos pelo autor e obra analisados ajudou na dedicação à dissertação, mas, também trouxe dificuldades. Era constante o perigo de deixar que o apreço pelo pensamento de Frei Betto impedisse que o pensamento crítico sobre os textos do dominicano fosse colocado em prática.

Por conta da extensão da obra de Frei Betto, optamos por escrever sobre três temas principais: memória, religiosidade e agir no mundo. Para tanto, necessário foi à leitura de ampla bibliografia, tanto do próprio Betto, quanto de outros autores de obras relevantes ao nosso trabalho, como por exemplo: Jacques Le Goff, David Lowenthal e Gilberto Velho.

No primeiro capítulo da dissertação, decidimos apresentar Frei Betto aos futuros leitores. Revisamos a biografia do dominicano, dando destaque ao período de sua “conversão ao catolicismo progressista”, ao ingressar na JEC (Juventude Estudantil Católica), movimento secundarista da Ação Católica. Ressaltamos ainda o período passado na prisão, já durante a ditadura que se seguiu ao golpe civil-militar de 1964, pois entendemos que estes foram dois momentos fundamentais na construção da personalidade do nosso autor.

Para descrever a infância e juventude de Betto, utilizamos, principalmente, o livro *Alfabetto – Autobiografia escolar*, publicado pela Editora Ática, no ano de 2002³⁹¹. Já para analisarmos o período passado na prisão, a obra *Batismo de Sangue – os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*³⁹², foi o texto principal.

No segundo capítulo do nosso trabalho, debatemos alguns pressupostos teóricos sobre o conceito de memória. Para alcançar tal objetivo, utilizamos como referencial teórico, entre outras, as obras *História e Memória*³⁹³ de Jacques Le Goff, *Como conhecemos o passado*³⁹⁴ de autoria de David Lowenthal e *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*³⁹⁵, do antropólogo Gilberto Velho.

Ainda nesta parte da dissertação, apresentamos a construção da memória numa obra específica de Frei Betto. Devido à relevância histórica e a pertinência do texto³⁹⁶, optamos pelo livro *Batismo de Sangue – os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*³⁹⁷. Na análise da obra citada, importante foi verificar o processo de construção da memória realizado por Betto e os objetivos do autor. Neste caso específico: defender seus confrades dominicanos das acusações que sofriam, acusações que relacionavam os religiosos à suposta traição do líder guerrilheiro.

O terceiro e último capítulo do nosso trabalho dedicou-se a análise de outro tipo de memória. Nesta parte da dissertação, decidimos estudar as memórias que cumprem o itinerário: passado – presente – futuro. Ou seja, mantendo estreita relação com os estudos de Gilberto Velho, analisamos memórias que entendem o passado como

³⁹¹FREI BETTO, op. cit.

³⁹²Ibid.

³⁹³JACQUES LE GOFF, op. cit.

³⁹⁴DAVID LOWENTHALL, op. cit.

³⁹⁵GILBERTO VELHO, op. cit.

³⁹⁶ *Batismo de Sangue* rendeu a Frei Betto o prêmio jabuti de literatura, um dos mais importantes do país.

³⁹⁷ FREI BETTO, op. cit.

formador das identidades e construtor dos projetos de vida. Projetos que estão em constante mudança, pois, para se adaptarem às diversas transformações da sociedade contemporânea, os indivíduos transformam diversas vezes os seus projetos de futuro. Ou seja, dialeticamente as sociedades modificam as pessoas que por sua vez mudam seus projetos e transformam o meio social.

A obra *Típicos Tipos – Coletânea de Perfis Literários*³⁹⁸ foi escolhida para representar este tipo de memória construída por Frei Betto. O livro apresenta diversos personagens (vivos e mortos) que auxiliaram na formação da personalidade do nosso autor. O livro selecionado não homenageia somente indivíduos, mas, também lugares que de forma positiva impactaram a vida do dominicano Betto, como por exemplo: Havana, Barcelona, Ouro Preto, Paraty e Rio de Janeiro.

Para realizar exercício de comparação, escolhemos obra precedente a *Típicos Tipos* e que serviu claramente de inspiração para o texto de Frei Betto. Trata-se do livro *Companheiros de Viagem*³⁹⁹ de autoria do intelectual católico brasileiro Alceu Amoroso Lima.

A quantidade e a variedade dos homenageados nas duas obras nos obrigou a cuidadosa leitura dos textos. As semelhanças entre os trabalhos citados são bastante evidentes. *Companheiros de Viagem* foi certamente inspiração para *Típicos Tipos*. A amizade que unia os dois autores e os perfis de pessoas que foram importantes na trajetória de Alceu Amoroso Lima e Frei Betto tornam os livros bastante semelhantes. Os objetivos dos autores também aproximam as obras. Os homenageados em *Típicos Tipos* e *Companheiros de Viagem* são exemplos de vida para Frei Betto e Amoroso Lima, respectivamente. Todos encarnam cada um em sua conjuntura específica, determinada exemplaridade, e, no caso de personagens falecidos, povoam o Céu cristão para os autores. Porém, entendemos que as obras vão além. Ao falar dos amigos que marcaram as suas vidas, Betto e Alceu falam de si mesmos. Ou seja, tanto *Típicos Tipos* quanto *Companheiros de Viagem* representam projetos.

Projetos de vida, religiosidade e mundo ideais. Atrrelados, em ambos os casos, na busca do Reino de Deus. Deus que, na leitura de fé e política de Betto e Amoroso Lima, que à época de *Companheiros de Viagem*, já abandonara o reacionarismo político e se

³⁹⁸Ibid.

³⁹⁹ALCEU AMOROSO LIMA, op. cit.

transformara em líder católico progressista, se encontra no outro e, principalmente, nos mais necessitados da sociedade.

Bibliografia

AMOROSO LIMA, Alceu. *Companheiros de Viagem*. Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1971.

AMOROSO LIMA, Alceu. *João XXIII*. Editora Livraria José Olympio. Rio de Janeiro, 1966.

AMOROSO LIMA, Alceu. *Memórias improvisadas*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Educam, 2000.

AMOROSO LIMA, Alceu. *Memorando dos 90*. Entrevista a João Condé. “Arquivos Implacáveis”. *Revista O Cruzeiro*, 1954.

BETTO, Frei. *Alfabetto – Autobiografia escolar*. Ed. Ática, São Paulo, 2002.

BETTO, Frei. *O ofício de escrever*. Ed. Anfiteatro, 1ª edição, RJ, 2017.

BETTO, Frei. *Batismo de Sangue. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Ed. Bertrand Brasil – RJ, 1987.

BETTO, Frei. *Típicos Tipos – coletânea de perfis literários*. Ed. A Girafa – SP – 2004.

BETTO, Frei. *O que a vida me ensinou*. 1ª edição, Ed. Saraiva, SP, 2013.

BETTO, Frei. *Reinventar a vida*. Ed. Vozes, Petrópolis, 2014.

BETTO, Frei. *Paraíso Perdido. Viagens ao mundo socialista*. Ed. Rocco. 1ª ed. Rio de Janeiro, 2015.

BETTO, Frei. *O que é comunidade eclesial de base*. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1981.

BETTO, Frei. *Um Deus muito humano. Um novo olhar sobre Jesus* - 1ª edição – São Paulo: Editora Fontanar, 2015.

BETTO, Frei. *A obra do artista: Uma visão holística do universo*. São Paulo: Editora Ática, 1995 (7ª edição, 2008). Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2011.

BETTO, Frei. *Cartas da Prisão – 1669-1973*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2008.

BETTO, Frei. *Das Catacumbas. Cartas da prisão 1969-1971*. Editora Civilização Brasileira, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1978.

BETTO, Frei. *O dia de Angelo*. São Paulo: Brasiliense, 1987, 3ª edição. São Paulo: Círculo do Livro, 1990 – edição esgotada.

BETTO, Frei. *A mosca azul – reflexão sobre o poder*. Ed. Rocco, RJ, 2006.

BETTO, Frei. *Fidel e a religião, conversas com Frei Betto*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BETTO, Frei. *Cristianismo e Marxismo*. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 1996.

BETTO, Frei. *Parábolas de Jesus. Ética e valores universais*. Editora Vozes, Petrópolis, 2017.

BETTO, Frei. *Por uma educação crítica e participativa*. Editora Anfiteatro, Rio de Janeiro, 2018.

BETTO, Frei e BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. Editora Vozes, Petrópolis, 2010.

BOFF, Leonardo. *O Despertar da Águia*. Editora Vozes, Petrópolis, 25ª edição.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha. Uma metáfora da condição humana*. Editora Vozes, Petrópolis, 2017.

BOFF, Leonardo. *Igreja, Carisma e Poder*. Editora Vozes, Petrópolis, 3ª edição, 1981.

BOURDIEU, Pierre. In: *Usos e abusos da História oral*. Organizadoras: Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado. 8ª edição, Ed. FGV.

COSTA, Marcelo Timotheo da. *Operação Cavalo de Tróia: a Ação Católica Brasileira e as experiências da Juventude Estudantil Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC)*. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (org.). *As Esquerdas do Brasil. Nacionalismo e Reformismo Radical (1945-1964)*. 1ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CÉSAR, Gomes Paulo. *Os Bispos Católicos e a Ditadura Militar Brasileira: a visão da espionagem*. Editora Record. Rio de Janeiro e São Paulo, 2014.

COSTA, Marcelo Timotheo da. *Um Itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima de autoria de Marcelo Timotheo da Costa*, publicado pelas Editoras PUC, Rio de Janeiro e Loyola, São Paulo, 2006.

COULANGE, Fustel de. *A Cidade Antiga*. Editora das Américas S.A. - EDAMERIS, São Paulo, 1961.

DORFMAN, Ariel. *O longo adeus a Pinochet*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar – São Paulo: Companhia das letras, 2003.

DUARTE-PLON, Ieneide e MEIRELES, Clarisse. *Um homem torturado, nos passos de Frei Tito de Alencar*. Ed. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 2014.

FAUSTO, Boris- *História Concisa do Brasil*- Ed. edusp – SP, 2015.

FERNANDO, Frei. IVO, Frei e BETTO, Frei. *O Canto na Fogueira. Cartas de três dominicanos quando em cárcere político*. Editora Vozes, Petrópolis, 2ª edição, 1978.

FICO, Carlos. *História do Brasil contemporâneo da morte de Vargas aos dias atuais*. Editora Contexto, São Paulo, 2015.

FREIRE, Américo e Sydow, Ivanize. *Frei Betto – biografia*. Ed. Civilização Brasileira – RJ, 2016.

GARCIA RODRIGUES, Leandro. *Cartas de Esperança em Tempos de Ditadura*. Organização, introdução e notas de Leandro Garcia Rodrigues. Editora Vozes, Petrópolis, 2015.

GIANNAZI, Carlos. *A Doutrina de Segurança Nacional e o “Milagre Econômico” (1969-1973)*, Editora Cortez, São Paulo, 2013.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Editora Aeroplano, Rio de Janeiro, 2000.

LEBRET, Louis-Joseph. *Princípios para a Ação*. Editora Duas Cidades. São Paulo, 1961.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão. 7ª ed. revista – Editora da Unicamp, São Paulo, 1990.

LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. Tradução: Lúcia Haddad, 1998.

MARCHETTI, Victor e. MARKS, John D. *A Cia e o culto da inteligência*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1974.

MONTES, Maria Lúcia. *As figuras do sagrado – entre o público e o privado na religiosidade brasileira*. Ed. Claroenigma – São Paulo- 2012.

REIS, Daniel Aarão – *Ditadura e Democracia no Brasil* – Ed. Zahar – Rio de Janeiro – 2014.

STELLA, Maria Libanio Christo. *Fogão de Lenha – 300 anos de cozinha mineira*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1978.

VANDERLEI, Kalina e HENRIQUE SILVA, Maciel. *Dicionário de Conceitos Históricos* – Editora Contexto – São Paulo, 2006.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro. Zahar Editora, 1981.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *Alceu Amoroso Lima*. Editora Agir, Rio de Janeiro, 1985.